

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

NATÁLIA REGINA RODRIGUES

**A – FALTA DE – REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO**

**SÃO CARLOS
2024**

NATÁLIA REGINA RODRIGUES

**A – FALTA DE – REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestra em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto

Coorientador: Prof. Dr. André Luis La Salvia

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Natália Regina

A – falta de – representatividade negra nos livros didáticos de filosofia do ensino médio / Natália Regina Rodrigues -- 2024.
187f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Bezerra Neto

Banca Examinadora: Adilbênia Freire Machado, Samon Noyama

Bibliografia

1. Ensino de Filosofia. 2. Falta de representatividade negra. I. Rodrigues, Natália Regina. II. Título.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia


Folha de Aprovação


Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Natalia Regina Rodrigues, realizada em 11/06/2024.

Comissão Julgadora:

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ BEZERRA NETO**
Data: 25/06/2024 08:34:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto
(UFSCar)

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE LUIS LA SALVIA**
Data: 19/06/2024 16:23:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Prof. Dr. André Luis La Salvia
(UFABC)

Documento assinado digitalmente
 **ADILBENIA FREIRE MACHADO**
Data: 20/06/2024 14:06:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Profa. Dra. Adilbênia Freire Machado
(UFRRJ)

Documento assinado digitalmente
 **SAMON NOYAMA**
Data: 24/06/2024 14:44:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Prof. Dr. Samon Noyama
(UFABC)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós- Graduação em Educação.

O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza.

Sueli Carneiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a existência do Programa Prof-Filo e aos colegas de turma que juntos atravessamos essa jornada. Agradeço também aos meus orientadores e a coordenadora do programa no núcleo da UFSCar, em especial agradeço ao meu coorientador André Luis La Salvia que, prontamente, sempre tirou minhas dúvidas, fez correções, acalmou-me quando necessário e acreditou em mim e nos meus objetivos.

Agradeço a minha família que foi alicerce e possibilitadora de todo um caminho que me oportunizou, sendo uma mulher negra, chegar até aqui. Ao meu pai que muito dedicou-se para que eu pudesse concluir a graduação, as minhas irmãs, Jane e Juliana, que puderam estar com minha mãe onde e quando eu não pude.

Agradeço aos meus amigos Diógenes e Mariane que foram grandes incentivadores e me apoiaram em todos os momentos necessários nessa árdua missão de ser operária da Educação Básica e discente da pós-graduação.

Agradeço ao meu companheiro, Álvaro, que foi meu apoio de todas as formas ao longo desse caminhar.

Agradeço a toda ancestralidade que não soltou meu corpo no decorrer de todos os caminhos que culminaram até aqui.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro fundamental.

RESUMO

A presente dissertação consiste na análise dos livros didáticos de Filosofia aprovados pelo PNLD de 2018, destacando a presença hegemônica do alcunhado “cânone” composto majoritariamente por homens, brancos, euro-norte-americanos e a, conseqüente, ausência de filósofos e filósofas negros e negras nestes materiais, distanciando a Filosofia, enquanto componente curricular, do cumprimento da famigerada Lei 10.639/03 e apresentando aos estudantes como representação de intelectualidade o padrão do homem branco. Objetivando dirimir as conseqüências da falta dessa representatividade, elaborou-se um material didático que apresenta aos estudantes a biografia e o pensamento produzido por negros(as) africanos(as) e em sua diáspora demonstrando o silenciamento do conhecimento produzido por essa parcela da população fazendo-o parecer inexistente. Tal tarefa foi realizada prioritariamente à luz dos conceitos forjados por Sueli Carneiro em sua tese *A construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser*, a saber: dispositivo de racialidade/ biopoder e epistemicídio.

Palavras-chave: dispositivo de racialidade/biopoder; epistemicídio; ensino de Filosofia; livro didático; Sueli Carneiro.

ABSTRACT

This dissertation consists of the analysis of Philosophy textbooks approved by the PNLD in 2018, highlighting the hegemonic presence of the so-called Canon, composed mostly of men, white, Euro-North Americans, and the consequent absence of black male and female philosophers from these materials., distancing Philosophy, as a curricular component, from compliance with the notorious Law 10.639/03 and presenting students with the white male standard as a representation of intellectuality. Aiming to resolve the consequences of the lack of this representation, teaching material was created that introduces students to the biography and thought produced by black Africans and their diaspora, demonstrating the silencing of knowledge produced by this portion of the population doing so. the non-existent opinion. This task was carried out primarily in light of the concepts forged by Sueli Carneiro in her thesis *The construction of the Other as Non-Being as the Foundation of Being*, namely: raciality/biopower device and epistemicide.

Keywords: raciality/biopower device; epistemicide; teaching Philosophy; textbook; Sueli Carneiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro “Continuo Preta”.....	18
Figura 2 – Olympia de Édouard Manet, 1863.....	66
Figura 3 – Questionário 1.....	79
Figura 4 – Questionário 2.....	79
Figura 5 – Questionário 3.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento do livro “Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos”	38
Quadro 2 – Levantamento do livro “Filosofia – Experiência do Pensamento”	43
Quadro 3 – Levantamento do livro “Reflexões: Filosofia e Cotidiano”	47
Quadro 4 – Levantamento do livro “Filosofia: Temas e Percursos”	51
Quadro 5 – Levantamento do livro “Fundamentos de Filosofia”	54
Quadro 6 – Levantamento do livro “Iniciação à Filosofia”	57
Quadro 7 – Levantamento do livro “Filosofando: Introdução à Filosofia”	61
Quadro 8 – Levantamento do livro “Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia”	67

LISTA DE SIGLAS

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CMSP – Centro de Mídias de São Paulo
EE – Escola Estadual
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC – Ministério da Educação
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPG – Programa de Pós-graduação
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 EPISTEMICÍDIO NEGRO	21
2.1 Dispositivo de Racialidade e epistemicídio.....	21
2.2 Sueli Carneiro – epistemicídio e resistência.....	25
2.3 Filosofia no Brasil e o “Eu” hegemônico	29
2.4 Lei 10.639 e ensino de Filosofia.....	34
2.5 Representatividade	40
3 LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA DO PNL D 2018	44
3.1 Notas sobre a análise.....	44
3.2 Inventariação.....	46
3.2.1 Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos.....	46
3.2.2 Filosofia – Experiência do Pensamento.....	50
3.2.3 Reflexões: Filosofia e Cotidiano.....	54
3.2.4 Filosofia: Temas e Percursos	57
3.2.5 Fundamentos de Filosofia	60
3.2.6 Iniciação à Filosofia Autora: Marilena Chauí.....	63
3.2.7 Filosofando – Introdução à Filosofia	67
3.2.8 Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia.....	73
3.3 Ponderações.....	72
4 MATERIAL DIDÁTICO	79
4.1 Construção do material didático.....	79
4.2 Alternativas curriculares	81
4.3 Caracterização da escola e turma.....	83
4.4 Relato de experiência.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
ANEXO A	97
ANEXO B	98
ANEXO C	99
ANEXO D	100
APÊNDICE	178

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intenta ser uma encruzilhada para a conjuntura existente entre a pessoa negra, a representação de intelectualidade e a Filosofia. Encruzilhada, como espaço produtor de convergências, divergências, resistências e anúncios. Para sensata compreensão, utilizarei definição mui bem escrita por Leda Maria Martins em seu livro *Performances do Tempo Espiral* (2021, p. 51):

Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção. [...] Base de pensamento e de ação, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afro-diaspóricos. E nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam – nem sempre amistosamente – práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim.

Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signífica diversificada e, portanto, de sentidos plurais.

Sendo então, a Filosofia reputada como um dos maiores retratos de intelectualidade no ocidente e portadora exímia da atividade reflexiva, por meio dela almejamos dar visibilidade, construir explicações e formas de minimizar um dos mais profundos efeitos que a colonização e o racismo antinegro imprimiram na sociedade brasileira.

A motivação para a construção desta pesquisa surgiu exatamente quando a autora que aqui vos fala espantou-se¹ com o fato de que pessoas como ela e grande parte de seus alunos e suas alunas não eram filósofos(as), pelo menos não para os livros didáticos oferecidos para o trabalho nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Espanto esse que também envolveu um processo de tomada de consciência das diversas formas sob as quais o racismo se apresenta, pois, por período

¹Conforme Felipe Tuller Moreira Machado, “Já é lugar comum atribuir à origem do fazer filosófico o jargão “a filosofia nasce do espanto” (2020, p. 1290).

considerável, esse espanto nunca havia acontecido, parecia normal que aquilo fosse Filosofia e aqueles seus representantes; eles estavam “no lugar deles” (Kilomba, G. 2019, p. 39).

Deste processo surgiu o questionamento: “Como a área de conhecimento que carrega a função precípua da reflexão não a utiliza para refletir sua própria representação num país onde mais da metade da população se declara negra?”.

Buscando responder a esse questionamento, esta pesquisa foi se construindo, primeiro descobrindo que outras pessoas com o mesmo fenótipo que o meu já haviam feito e faziam Filosofia, mas que elas estavam invisibilizadas, não eram ouvidas ou reconhecidas; depois, encontrando explicações na própria Filosofia para este fato, por fim, buscando apresentar um material que pudesse ser a acima mencionada encruzilhada entre e para as pessoas negras, a representação de intelectualidade e da Filosofia.

Nesse decurso ocorreu o contato com a tese de doutoramento da Filósofa Sueli Carneiro³, bússola deste trabalho, produção fundamental para a compreensão dos motivos que faziam com que ela própria não fosse amplamente conhecida e reverenciada. Dado que ali encontram-se ferramentas da filha de Ogum que permitiram entender que as diversas formas sob as quais o racismo se apresenta são, na verdade, as técnicas de poder do dispositivo de racialidade/biopoder que entre suas táticas reverbera-se no epistemicídio negro.

A partir disso emerge esta dissertação, uma pesquisa qualitativa de análise documental e teórica organizada em quatro seções, com esta introdução. Na segunda seção, realiza-se a discussão teórica que embasa filosoficamente este trabalho, apresentando-se os conceitos basilares, a referência teórica fundamental e guia desta empreitada – Sueli Carneiro, dados sobre o estado da arte do ensino de Filosofia e a Lei 10.639/03.

Na terceira seção, realiza-se a análise propriamente dita dos livros didáticos de Filosofia aprovados pelo PNLD 2018, com um levantamento dos filósofos e das filósofas tratados(as) e o que de negritude há em cada um dos livros.

2 Dados do Censo Demográfico do IBGE de 2022 “Em 2022, cerca de 92,1 milhões de pessoas se declararam pardas, o equivalente a 45,3% da população do país. Desde 1991, esse contingente não superava a população branca, que chegou a 88,2 milhões (ou 43,5% da população do país). Outras 20,6 milhões se declaram pretas (10,2%), enquanto 1,7 milhões se declararam indígenas (0,8%) e 850,1 mil se declaram amarelas (0,4%)” (IBGE, 2024).

3 Sobre quem falaremos com a merecida atenção na segunda seção.

Na quarta seção, caracteriza-se a Escola Estadual Newton Prado, localizada na cidade de Leme, interior do estado de São Paulo, instituição escolar onde atuo como professora e apliquei o material didático elaborado e disposto no Anexo D, além do relato de experiência.

Na última seção dessa dissertação, apresentam-se as considerações finais.

2 EPISTEMICÍDIO NEGRO

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer (Kilomba, G. 2019, p. 56, grifos da autora).

A frase acima da pensadora Grada Kilomba cabe perfeitamente para elucidar a relação entre corpos negros e Filosofia. Isto posto, nesta seção realizar-se-á a discussão teórica fundamental que embasa este trabalho. Para tanto inicia-se com as explanações acerca do dispositivo de racialidade/biopoder e epistemicídio elaborados por Sueli Carneiro que perfazem como potenciais ferramentas conceituais de compreensão e modos possíveis de resistência ao racismo, invisibilidade e não reconhecimento da população negra quando relacionada com a Filosofia no Brasil. Consecutivamente, será explanada a própria trajetória de Sueli Carneiro entendendo-a como uma representação do epistemicídio, haja vista o tempo levado para que seus escritos passassem a ocupar as ementas dos programas de Filosofia – o que ainda ocorre timidamente – mas também de resistência ao dispositivo, inclusive como uma articuladora da resistência coletiva.

Em seguida, elucida-se a relação entre pessoas negras, Filosofia institucional e Academia no Brasil e, por conseguinte, a elucidação desloca-se para o ensino de Filosofia e a Lei 10.639/034. Finaliza-se então esta seção refletindo sobre a condição da representatividade negra perante o exposto.

2.1 Dispositivo de Racialidade e epistemicídio

Em sua tese de doutoramento intitulada A construção do outro como não-ser como fundamento do ser, a filósofa Sueli Carneiro forja o conceito por ela denominado “dispositivo de racialidade/biopoder” que tem entre suas técnicas o epistemicídio, à luz do qual se deu a análise dos livros didáticos de Filosofia. Para a construção de tal conceito e perspicaz análise da sociedade brasileira, a autora articula o conceito de dispositivo do filósofo francês Michel Foucault com o conceito de epistemicídio de Boaventura de Sousa Santos e a noção de contrato racial de Charles Mills. Pretendemos destacar abaixo como a autora apresenta cada um desses

4 Na subseção 2.4 explicaremos sobre a mencionada Lei e perspectiva sobre ela adotada nesta pesquisa.

componentes. A começar pelo de dispositivo:

Para Foucault um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que se engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que entre eles se estabelece. O dispositivo expressa, ainda, um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica (Carneiro, 2005, p. 38).

Passamos agora para o conceito de epistemicídio de Boaventura de Sousa Santos:

O epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento (Carneiro, 2005, p. 96).

E ainda à noção de contrato racial do filósofo afro-americano Charles Mills:

A especificidade do Contrato Racial consistiria no fato de, embora fundado na tradição contratualista, ser um contrato restrito aos racialmente homogêneos, em que a violência racial, em relação aos racialmente diferentes, é, no interior da teoria do contrato social, um elemento de sustentação do próprio Contrato Racial, e um deslocamento da relação contratualista com os diferentes para o estado de natureza. Ou seja, o Contrato Racial é um contrato firmado entre iguais, no qual os instituídos como desiguais se inserem como objetos de subjugação daí ser a violência o seu elemento de sustentação (Carneiro, 2005, p. 48).

Primordialmente, a partir desse plantel teórico, Sueli Carneiro desenvolve seu dispositivo de racialidade/biopoder que esclarece a fundação e funcionamento da sociedade brasileira, descortinando uma sociedade que, outrora dita como uma democracia racial, não apenas segregou mas marcou o corpo negro com o signo da morte (Carneiro, 2005). Nas palavras da autora:

A análise dos processos de exclusão da racialidade negra pelas práticas discriminatórias e suas conseqüências da perspectiva do conflito inter-racial encontra no conceito de dispositivo de racialidade/biopoder, [...], uma ferramenta teórica para a apreensão das relações de força implicadas no domínio da racialidade no Brasil. Assim, é hipótese desta tese que um pressuposto dispositivo de racialidade/biopoder, do qual aqui propomos a existência, contém todos os atributos definidos por Foucault, para o termo dispositivo, consistindo num campo de significações que definem a especificidade das

relações raciais e as relações de poder nelas imbricadas no Brasil, articulando-se e diferenciando-se de outros campos discursivos sobre esse tema em função das particularidades de nossa formação social e cultural (Carneiro, 2005, p. 30).

Cabe-nos aqui uma explanação sobre esse corpo negro, que tal como Sueli encontramos na tese de doutoramento de Isildinha Baptista Nogueira, 1998, denominada *Significações do Corpo Negro*⁵. Nesta pesquisa, a Doutora em Psicologia e psicanalista nos ensina que em contraste com o corpo branco, ao corpo negro foram atribuídas características de repulsa social que atravessam sua autorrepresentação: o corpo negro não se encontra no nós, esse nós, essa coletividade social é do corpo branco que tem a oportunidade de construir sua autoidentificação com atributos desejados socialmente. Assim:

O negro, no entanto, é aquele que traz a marca do “corpo negro”, que expressa, escatologicamente, o repertório do execrável que a cultura afasta, pela negativização. Vítima das representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos que são socialmente recusados, o negro se vê condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social. Para o indivíduo negro, o processo de se ver em um “nós” em relação às tipificações sociais inscritas no extremo da desejabilidade esbarra nessa marca – o corpo – que lhe interdita tal processo de identificação (Nogueira, 1988, p. 44).

Retomando a construção feita por Sueli Carneiro do dispositivo de racialidade/biopoder, salientamos que a utilização de Foucault do conceito de dispositivo se aplica ao campo dos estudos deste filósofo à sexualidade, já quanto ao biopoder – poder sobre a vida e a morte – apesar de o autor já tê-lo relacionado ao racismo, ele não o fez a partir da realidade da sociedade brasileira. A construção do dispositivo de racialidade/biopoder como feita, então, pela filósofa vai nos permitir entender como se produzem no Brasil as relações de poder, saber e subjetivação. (Nascimento, 2022). Assim, antes de prosseguirmos com a discussão teórica, é importante ressaltar o ineditismo de Sueli Carneiro. De acordo com a filósofa, ao manejar as ferramentas teóricas mencionadas em relação à especificidade da sociedade brasileira de herança colonial, capitalista e sexista, produziu-se e por tempos reproduziu-se o mito da democracia racial, que segundo ela “é uma das ideologias mais perversas e perfeitas do ponto de vista da sua capacidade de produzir efeitos deletérios sobre um determinado grupo” (Carneiro, 2023).

⁵ Tal tese, se desdobrou em livro publicado 2021 pela Editora Perspectiva sob o nome “A Cor do Inconsciente, significações do corpo negro”.

Retomando as considerações teóricas, Sueli Carneiro concordando com Foucault explica que uma das práticas de um dispositivo é seu efeito ontológico, que impregna de certos atributos essenciais o Eu e o Outro (Carneiro, 2005):

Neste trabalho complementamos semelhante visão de Foucault, afirmando que esse eu, no seu encontro com a racialidade ou etnicidade, adquiriu superioridade pela produção do inferior, pelo agenciamento que esta superioridade produz sobre a razoabilidade, a normalidade e a vitalidade. Podemos afirmar que o dispositivo de racialidade também será uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação (Carneiro, 2005, p. 42).

Valendo-se da teoria ontológica de Martin Heidegger, de contribuições sobre o racismo na sociedade brasileira da doutora em psicologia, psicanalista e escritora, Isildinha Baptista Nogueira, entre outros, Sueli Carneiro explicita as táticas que o dispositivo de racialidade articula para a construção da noção de “Ser” como aquele que tem status de humanidade e, de “não-Ser” como seu oposto, esclarecendo então os procedimentos que incluíram, no Brasil, a negritude na dimensão do “não-Ser”, de Outro, daquele que não é dotado de humanidade.

[...] Propomos, porém, que, no caso da negritude, a sua irreduzibilidade consiste no seu deslocamento para uma alteridade que a institui como a dimensão do não-ser do humano. Se o Outro é aquele através do qual o eu se constitui, o Outrem será aquele intrinsecamente negado pelo ser, o limite de alteridade que o ser concede reconhecer e se espelhar. [...]

Nessa mesma direção encontramos em Martin Heidegger uma definição ontológica do Ser que pode se mostrar fértil para os objetivos desse trabalho. Heidegger distingue entre as categorias do ôntico e do ontológico. O ôntico se refere aos entes particulares, ou às determinações do ser. Ontológico diz respeito ao ser enquanto tal. Então, raça, cor, cultura, religião e etnia seriam da ordem do ôntico, das particularidades do ser. Ser, e especificamente Ser Humano, inscreve-se na dimensão ontológica. O que nos permite supor que o racismo reduz o ser a sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica, o que lhe atribui incompletude humana (Carneiro, 2005, p. 27).

Da junção de um discurso falacioso de uma sociedade racialmente democrática às diversas táticas que colocam o negro na condição de não-humano é que o dispositivo de racialidade aliado à estratégia do biopoder atua inscrevendo o negro no signo da morte na sociedade brasileira, da morte biológica, como elucidada Carneiro.

Em nossa elaboração, entendemos que onde não há para o dispositivo de racialidade interesse de disciplinar, subordinar ou eleger o segmento subordinado da

relação de poder construída pela racialidade, passa a atuar o biopoder como estratégia de eliminação do Outro indesejável. O biopoder aciona o dispositivo de racialidade para determinar quem deve morrer e quem deve viver (Carneiro, 2005, p. 76). Para os que sobrevivem, o dispositivo de racialidade incide por meio de diversas estratégias de assujeitamento, uma delas é o epistemicídio (Frateschi, 2022, p. 20), que conforme já exposto é um conceito do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos mas que estrategicamente Sueli irá ressignificar:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação (*sic*) que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações (Carneiro, 2005, p. 97).

Entendida essa complexidade corrobora-se a importância dos estudos do negro no campo educacional, espaço perpetuador da negação da plena humanidade do Outro, do Não-ser, mas também, de onde é possível a emergência das resistências, como Sueli Carneiro denomina a segunda parte de sua tese coadunando com Foucault, seu interlocutor com o Eu-Hegemônico: a todo poder opõe-se a resistência (Foucault apud Carneiro, 2005, p. 150).

2.2 Sueli Carneiro – epistemicídio e resistência

Discorreremos aqui brevemente sobre alguns fatos e passagens importantes

da vida de Sueli Carneiro, por entender que a intelectual e militante, entre outros papéis que lhe devem ser atribuídos, carrega em si e em sua trajetória efeitos do dispositivo de racialidade/biopoder, do epistemicídio negro, mas também da resistência, como nos ilustra Conceição Evaristo no prefácio da obra *Escritos de uma Vida* (2020):

Leremos uma escrita que é concebida a partir da vivência e da experiência de uma mulher negra, que no ato mesmo da escritura executa um gesto de enfrentamento ao que ela com argúcia e veemência denuncia: o epistemicídio (Evaristo, 2020, p. 7).

Ou ainda nas palavras de Yara Frateschi e Vinicius Santana:

Há uma relação forte e explícita entre a filosofia política de Sueli Carneiro e a sua própria experiência política. Como explica Vinicius Santana:

A filosofia de Sueli Carneiro está vinculada com a sua experiência de vida.

Sua atuação militante evidencia como sua intelectualidade foi forjada organicamente a partir de um contato íntimo com o movimento negro, com o movimento feminista e, sobretudo, com o movimento de mulheres negras. Suas vivências enquanto uma mulher negra brasileira, de origem pobre, praticante do candomblé e militante feminista e antirracista informam a construção de uma filosofia que combate, simultaneamente, as desigualdades raciais, sociais e de gênero no Brasil (Frateschi, 2022, p. 8-9).

A partir da obra *Continuo Preta*, de Bianca Santana, sabemos que a pensadora emerge de uma família negra, que habitou a periferia de São Paulo:

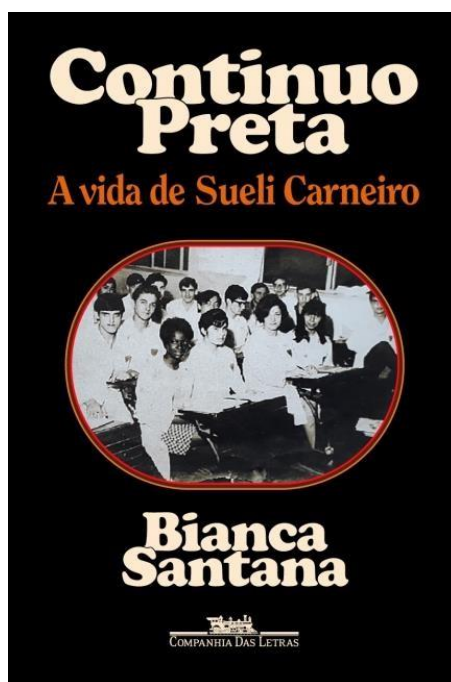
Sueli Carneiro é filha de uma costureira e de um ferroviário. [...]

Eva e José tiveram sete filhos, nascidos em três levas.

[...] As bocas para alimentar se multiplicavam à medida que as coisas se complicavam também na economia nacional. [...] A família Carneiro empobreceu, mas nunca passou fome (Santana, 2021, p. 17 e 41).

Para além disso, o primeiro dado relevante para este trabalho que tal obra fornece é a foto do acervo pessoal de Carneiro que ilustra a capa do livro: parece ser a foto de uma sala de aula, em que se podem contar 16 jovens, dos quais apenas um é negro, mais especificamente uma mulher negra: Sueli Carneiro.

Figura 1 – Capa do livro “Contínuo Preta”



Fonte: [https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786559210350/continuo -preta](https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786559210350/continuo-preta).

Assim, tal imagem é um retrato da condição de Sueli e de muitas mulheres negras no Brasil vulneráveis ao que ela conceituou como tríplice discriminação – a confluência entre raça, gênero e classe – ou ainda como o ser que habita a condição de asfixia social (Carneiro, 2020, p. 167 e 281).

Lélia Gonzáles, filósofa e antropóloga brasileira, sobre quem Sueli já afirmou diversas vezes ter sido sua inspiração, complementa: “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, [...] sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzalez, 1984. p. 224).

Por meio da obra supracitada, sabemos que Sueli Carneiro prestou vestibular em 1972, foi aprovada e cursou Filosofia na Universidade de São Paulo, dizendo-nos que os pretos de tal Universidade no período “cabiam numa Kombi, com folga” (Gonzalez, 2021, p. 69).

Mais especificamente sobre o curso de Filosofia, Sueli Carneiro também em várias oportunidades o classificou como “o mais elitista do Brasil”, relatando inclusive que sua aula inaugural fora proferida “metade em alemão e metade em francês” e que ela era das “poucas pessoas naquele lugar que não compreendia nenhum dos dois

idiomas”, ainda segundo Carneiro, tal fato traz a ideia de qual era o padrão da Faculdade de Filosofia – da USP – em tal época” (República do Amanhã, 2021). Os trechos selecionados acima são da entrevista da filósofa à instituição “República do Amanhã”, e interessa também a este trabalho a seguinte fala: “Aquele universo em que eu estava transitando prioritariamente tava (sic) me conduzindo a me transformar em alguma coisa que eu não sabia o que era, mas com certeza eu tava (sic) deixando de ser preta e proletária” (República do Amanhã, 2021).

Tal constatação da autora nos serve para ilustrar e suscitar duas reflexões que serão retomadas nas próximas subseções: a centralidade da Universidade de São Paulo para a Filosofia no Brasil e a relação entre identidade, representatividade e Filosofia do alunado negro, dado que, na mesma entrevista, Carneiro também nos diz como este universo no qual ela transitava naquele momento – a graduação em Filosofia na USP – também lhe foi um momento de crise identitária da qual ela foi resgatada pelo Movimento Negro (República do Amanhã, 2021).

Ainda sobre a trajetória USP/Filosofia, há outro fato da vida de Sueli Carneiro que genuinamente se relaciona a este trabalho e que foi também narrado por Bianca Santana em sua biografia:

Sueli Carneiro havia concluído a graduação, e a academia lhe parecia um caminho óbvio a seguir. Planejou um projeto de mestrado sobre filosofia africana contemporânea.

No Departamento de Filosofia da USP, ouviu que ninguém poderia orientá-la, já que não havia nenhum especialista em tradição oral. Ela pretendia estudar o filósofo Paulin Hountondji, do Benim, reconhecido na Europa e nos Estados Unidos, mas que nenhum daqueles doutores uspianos conhecia. Para eles, na África não se produzia filosofia, tudo era tradição oral. Recomendaram a ela que procurasse o Centro de Estudos Africanos (Santana, 2021, p. 115).

Foram duas tentativas abortadas de Mestrado até que Sueli convencida por Roseli Fischmann volta para a pós-graduação na Universidade de São Paulo, agora no Programa de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação. Chegando o momento da qualificação o veredito dado pela banca foi de que seu trabalho era uma tese e não uma dissertação, podendo então ser encaminhada ao doutorado. Tal tese – A construção do outro como não-ser como fundamento do ser (2005) – que é o aporte bibliográfico deste trabalho, já em sua introdução nos anuncia e denuncia a realidade e os conceitos que nela serão forjados e manejados com a paradigmática frase: “Falarei do lugar da escrava. Do lugar dos excluídos da res(pública) (Carneiro,

2005, p. 20).

Quase 20 anos após a defesa, a tese se tornou o livro *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*, publicado pela Editora Zahar.

2.3 Filosofia no Brasil e o “Eu” hegemônico

A resposta negativa ouvida por Sueli Carneiro no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), em relação à sua pretensão de estudar o filósofo negro e africano Paulin Hountondji, é sintomática do que representa a Filosofia no Brasil e, também, do que ocorre na maioria dos departamentos de Filosofia espalhados pelo país.

De acordo com o professor aposentado da UFMG e atuante na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Paulo Margutti:

A pesquisa filosófica institucionalizada surgiu no Brasil apenas por volta de 1958, no Departamento de Filosofia da USP, depois de uma fase preparatória, em que o mesmo foi ocupado pelas Missões Francesas, de 1934 a 1957. Nessa fase inicial, cujos objetivos eram estabelecer as diretrizes básicas para o curso de Filosofia e formar os futuros docentes, o Departamento de Filosofia da USP esteve sob a influência direta de professores franceses como Maugüé, Granger, Guérault e Goldschmidt, todos voltados para a análise das ideias com base na leitura rigorosa de textos filosóficos clássicos. A partir de 1958, a política pedagógica do Departamento foi desenvolvida não pelos catedráticos Cruz Costa e Lívio Teixeira, que abriram mão de suas prerrogativas, mas sim por docentes como Oswaldo Porchat, José Arthur Giannotti, Bento Prado Júnior e Ruy Fausto. A pedagogia por eles utilizada “prescrevia para a graduação objetivos de formação técnica e crítica”, num estilo de trabalho “centrado numa abordagem analítica da História da Filosofia, que visava dar ao aluno instrumentos teóricos para a compreensão das lógicas internas dos sistemas filosóficos”. A preocupação fundamental do projeto pedagógico uspiano foi com o rigor dos estudos filosóficos [...] (Margutti, 2014. p. 397 e 398).

Ainda sobre essa origem da Filosofia no país, temos a possivelmente despretensiosa, porém, esclarecedora resposta dada à revista *Kínesis* (2009), pelo professor da Universidade Federal de São Carlos, Luiz Damon Santos Moutinho ao ser questionado sobre como avaliava o andamento das pesquisas sobre filosofia francesa contemporânea no Brasil:

Em diversos pontos do país, aqui e acolá, há trabalhos em torno dos franceses, trabalhos de valor desigual, evidentemente. O que, aliás, é bem próprio de toda expansão: aparece muita coisa ruim, muita

nulidade, mas é também dela que advém uma melhora geral na qualidade. Mas é bom lembrar também que nem tudo que é francês contemporâneo vale a pena... A França é pródiga em criar modas e não é desejável segui-las. De todo modo, há um aspecto notável nessa relação brasileira com a filosofia francesa: mais que propriamente a filosofia francesa, o Brasil recebeu mais influência do modo francês de fazer história da filosofia. Isso por várias razões. Uma delas é que a filosofia que começou na USP (e que dali tem se espalhado) foi implantada por uma missão francesa, e uma tal relação, cravada na origem, não se deixa apagar facilmente. Outra razão é o preparo excepcional do jovem *agrégé*, melhor que o equivalente inglês ou alemão. Um *agrégé* típico conhece muito bem a história da filosofia. Penso que isso deitou raízes mais fundas no nosso modo de trabalhar do que a filosofia propriamente (Moutinho, 2009, p. 11-12, grifo meu).

Tal resposta é explicitamente assertiva sobre como essa origem da Filosofia institucionalizada é difícil de ser apagada – quando não se há uma política de extermínio institucionalizada, mas implicitamente nos deixa pistas para a hipótese de que parte dos envolvidos não vê como problemática ou excludente o que se entende por Filosofia nos departamentos universitários brasileiros. Hipótese em partes corroborada pelo que em 2018 nos diz Margutti, em seu artigo *Filosofia Brasileira e Pensamento Descolonial* sobre essa condição:

Aqui, o ensino de filosofia nos cursos de graduação é caracterizado pela ênfase nos pensadores europeus e norte-americanos, com pouco interesse pelo que se faz no país nesse domínio. [...] Isso tudo é feito com base na justificativa de que, para se obter uma boa formação filosófica, é necessário conhecer os textos clássicos. Esse conhecimento, evidentemente, é necessário, mas não pode ser o único objetivo de um curso de graduação em filosofia, pois, nesse caso, estaremos apenas desenvolvendo as habilidades exegéticas do aluno. A contrapartida é o desestímulo à elaboração de propostas pessoais. O aluno que tenta alguma coisa nesse sentido é geralmente criticado por praticar o famigerado *achismo*. (Margutti, 2018, p. 226).

Ou seja, a formação no campo da filosofia tem seus cânones (Nogueira, 2014), e esse cânone é euro-norte-americano, como nos afirma Flor do Nascimento:

A diferença colonial é o espaço no qual se trata de impor o pensamento hegemônico eurocêntrico para fundar a inferioridade da população e justificar tal inferioridade, sendo tal espaço um produto e motor das relações de poder entre colonizadores e colonizados a partir dos quais os projetos locais dos colonizadores se consolidarão como projetos globais de poder e produção de conhecimento.

[...]

Embora a filosofia, na contemporaneidade, seja produzida nos cinco continentes e com conceitos importantes sendo produzidos em todos eles, o *locus* privilegiado de enunciação da filosofia segue sendo eurocêntrico. A marca mais importante deste fenômeno se mostra no

fato de que nos currículos dos cursos de filosofia de todo o mundo aparece um cânone comum que é basicamente europeu (com poucas contribuições norte-americanas). A própria historiografia da filosofia é eurocentrada, o que acaba por invisibilizar as produções existentes fora da Europa e Estados Unidos (Nascimento, 2010, p. 73-74-82).

A outra parte da hipótese é de que parte dos envolvidos não vê como problemática ou excludente a universalização desse cânone, tal qual Thiago Ferreira dos Santos, na conclusão de seu artigo *Panorama Histórico da Filosofia no Brasil: da chegada dos jesuítas ao lugar da Filosofia na atualidade*:

A problemática de uma filosofia brasileira em sua originalidade é um tema importante a ser pensado, uma vez que emerge em um país cuja miscigenação é ponto crucial de sua cultura e que as linhas de pensamento implantadas são estrangeiras. Porém, partindo do pressuposto de que as temáticas filosóficas se estabelecem por termos universais que são abordados pontualmente e incorporados às urgências de cada lugar, [...] (Dos Santos, 2016. P. 126, grifo nosso).

Em outras palavras, não há questionamento, há apenas concordância de que aquilo que se produz como filosofia por uma parte do mundo seja paradigma para o mundo todo, incluindo aí o Brasil. Novamente utilizaremos as palavras do professor Paulo Margutti:

Não foi à toa que Paulo Arantes, no seu conhecido livro *Um departamento francês de ultramar*, afirmou que, no Brasil, ensinamos o aluno a fechar-se em si mesmo e a interpretar textos filosóficos. Não foi à toa também que Oswaldo Porchat, em seu famoso *Discurso aos estudantes*, denunciou o fato de que ensinamos *história da filosofia* e não *filosofia* propriamente dita. Em virtude dos aspectos apresentados acima, a nossa prática filosófica tem sido marcada por uma série de cacoetes acadêmicos, como, p. ex.: [...] a aceitação acrítica de problemas filosóficos europeus e norte-americanos, como se fossem também nossos; a defesa da universalidade da filosofia, mas apenas em seu formato europeu e norte-americano, que não possui necessariamente essa característica; [...]. Esses cacoetes são complementados por alguns preconceitos voltados contra a filosofia brasileira, como, p. ex.: a dúvida sobre a existência dela, representada pela conhecida expressão *filosofia do/no Brasil*; a invisibilidade dos filósofos brasileiros perante a comunidade filosófica do país [...] (Margutti, 2014. P. 227-228).

Destarte, percebe-se que não à toa Sueli Carneiro na introdução de sua tese dialoga sagazmente com aquilo que ela denominou de Eu hegemônico, colocando-se inclusive como aquela que ocupa o lugar do “paradigma do Outro” e que para a concretização acadêmica de tal diálogo foi preciso o interlocutor “mediador razoavelmente confiável”, o filósofo francês Michel Foucault (Carneiro, 2005).

Novamente ressaltamos o entrelaçamento de gênero e raça, pois por meio da inventariação dos livros didáticos disposta na próxima seção, percebe-se que o dito Eu hegemônico, além de branco, é homem.

Isto posto, voltemos a nossa premissa de que a resposta ouvida por Sueli Carneiro no Departamento de Filosofia da USP é ainda hoje sintomática e representativa do que ocorre na maioria dos departamentos de Filosofia espalhados pelo país, agora por outra faceta, na presença (ou ausência) da negritude dessa Filosofia hegemônica.

Para tanto recorreremos aos estudos do professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Fernando de Sá Moreira. No artigo publicado em 2019 na “Problemata-Revista Internacional de Filosofia”, Estudos filosóficos sobre o negro no Brasil: um levantamento de teses e dissertações em temáticas negras nos programas de pós-graduação da área de Filosofia (1987-2018), o filósofo busca responder à indagação: o que a Filosofia Acadêmica no Brasil tem produzido sobre as temáticas negras? (Sá Moreira, 2019, p. 315). Tal artigo traz um indicativo mínimo de mudança da relação entre negritude e Filosofia, sem que, no entanto, em prol desse vislumbre de uma mínima insurgência se menospreze a condição implantada pelo dispositivo de racialidade/biopoder e o epistemicídio. Ao pesquisar no portal CTD/Capes, teses e dissertações da área de Filosofia que, de maneira relevante, pudessem ser relacionadas com a negritude, Sá Moreira elucida nosso pressuposto:

[...] nos dias 14 e 15 de maio de 2019, realizei 345 buscas com diferentes expressões ligadas direta ou indiretamente ao tema da negritude no CTD/Capes, discriminando sempre os resultados pela área de conhecimento de “filosofia”. Ao todo foram filtrados 527 registros de teses e dissertações, incluindo alguns registros repetidos em mais de uma busca. [...] Desconsiderando essas repetições, a listagem inicial resultante foi de 383 trabalhos únicos, apenas *potencialmente* ligados ao tema da negritude.

[...] a temática negra foi considerada rasa ou inexistente em 330 dos 383 trabalhos da listagem original. Portanto, conclui-se daí que foram defendidas apenas 53 teses e dissertações sobre o negro nos últimos 32 anos na área de filosofia (entre 1987 e 2018). Vale notar que 33 desses trabalhos, i.e. pouco mais de 62%, foram defendidos somente nos últimos 5 anos (Sá Moreira, 2019, p. 317-318, grifo do autor).

Ressaltamos o expressivo dado que no ano em que o maior número de trabalhos correspondentes ao tema foi realizado, em 2018, quando atingiu-se o número de 14 trabalhos defendidos com tal temática, mesmo assim, representando apenas 2% do total de trabalhos strictu sensu de Filosofia defendidos no mesmo ano

(Sá Moreira, 2019).

Ainda neste levantamento de Sá Moreira, duas tendências por ele encontradas correspondem diretamente a este trabalho:

Não há nomes de filósofos negros reconhecidos como tal entre os termos mais comuns. É possível perceber uma tendência ao recurso ao pensamento de um filósofo branco e europeu: Foucault; o único nome de uma pessoa negra na tabela é o de Machado de Assis, que poderia, talvez, ser mesmo reconhecido como um filósofo brasileiro e negro. Porém, todas as ocorrências de seu nome foram classificadas como “secundárias”, pois os trabalhos sobre Machado de Assis em meu levantamento não o tratavam fundamentalmente nem como negro, nem como filósofo (Sá Moreira, 2019, p. 331, grifo nosso).

A primeira tendência encontrada por Sá Moreira foi a inquietação que na docência no ensino médio motivou este trabalho, a segunda tendência foi uma inquietação surgida durante a análise dos livros didáticos em torno da figura de Machado de Assis, que será desdobrada na próxima seção.

Em artigo recentemente publicado – Negros em Programas de Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – cujo nome é autoexplicativo, Sá Moreira traz outra evidência da relação epistemicida que há entre os negros e a Filosofia no Brasil: “negros estão largamente sub-representados na pós-graduação em filosofia. Com efeito, a área é atualmente entre as humanidades a de maior concentração de estudantes declarados brancos” (Sá Moreira, 2023, p. 429). Ressaltamos aqui a ressalva feita por Sueli Carneiro que, para além das dificuldades enfrentadas durante o trajeto escolar epistemicida, os estudantes negros ao

Adentrar à universidade, longe de constituir-se em superação dos estigmas e estereótipos, é o momento da confrontação final, no campo do conhecimento, em relação a esses mecanismos que assombram os negros em sua trajetória escolar. Aí a branquitude do saber, a profecia autorrealizadora, a autoridade exclusiva da fala do branco, são os fantasmas que têm de ser enfrentados sem mediações. Conforma ainda um espaço para o que Foucault denomina de “insurreição dos saberes” (Foucault, apud Carneiro, 2005, p. 123).

Assim, faz-se necessário que articulemos as duas lutas, estar na Academia e suplantar seu cânone estruturalmente epistemicida.

Ainda no mesmo estudo, Sá Moreira traz um outro dado que dialogou diretamente com uma experiência vivenciada pela pesquisadora, em sua busca por dados de negros(as) entre docentes e discentes nos Programas de Pós-graduação

em Filosofia no país, Sá Moreira relata sua dificuldade por dados fidedignos, pois o registro dessa informação por parte dos PPG's é recente e no caso dos docentes não é obrigatória, já, entre os discentes, o pesquisador nos diz:

[...] ainda que, no Brasil, o pertencimento racial seja, via de regra, um ato de autodeclaração, a responsabilidade pelo levantamento e cadastro dessa informação na Coleta Capes é dos PPGs. Isso abre margem para que a informação eventualmente seja registrada de forma diversa da autodeclaração do(a) estudante (Sá Moreira, 2023, p. 440).

Exatamente o fato especulado por Sá Moreira ocorreu com a pesquisadora que aqui escreve, fui registrada no sistema da Pós-Graduação como branca (no anexo B consta uma foto para apreciação de que não sou branca), registro este feito sem consulta, porém, prontamente corrigido quando solicitado à secretaria do PPG.

Com efeito, a partir das informações aqui expostas elucida-se a eficácia do dispositivo de racialidade aliado ao epistemicídio na Filosofia Acadêmica no Brasil, visto que a manutenção da matriz curricular ocidental (euronortista) (Machado, 2019) ao mesmo tempo que repele as temáticas, conhecimentos e corpos negros deste espaço não é um projeto restrito ao âmbito educacional, mas antes um projeto político e um projeto de Nação, da nação do mito da democracia racial, das políticas de embranquecimento (Carneiro, 2005).

Ademais a partir das reflexões de Sueli Carneiro quanto à dimensão epistemológica do Contrato Racial, infere-se que ao manter essa desclassificação de outros cânones, outras filosofias, outras epistemologias, paradoxalmente o Eu hegemônico limita-se a si próprio. Nesse sentido, colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos (Carneiro, 2005) e, como sequela, esta condição se desdobra na Educação Básica.

2.4 Lei 10.639 e ensino de Filosofia

Em fins da década de 70, Abdias do Nascimento em uma de suas célebres obras, *O genocídio do negro brasileiro-Processo de um racismo mascarado*, denuncia:

O sistema educacional é usado como aparelhamento e controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, [...], constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se

consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? (Nascimento, 1978, p. 95).

Entre a denúncia de Abdias do Nascimento e nossos dias, temos o marco da sanção em 09 de janeiro de 2003 da Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB) tornando obrigatório o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando, assim, a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Brasil, 2003).

Em todo o território da educação há justificativa para o questionamento da efetividade prática de tal legislação, porém, coerente ao escopo deste trabalho, inquietações da pesquisadora e ao já aqui exposto, nessa subseção examinaremos os imbricamentos entre a referida Lei e o ensino de Filosofia na Educação Básica, mais especificamente no Ensino Médio. Tal exame começa com o uso do conceito de “território” para referir-se a estes imbricamentos, pois se entende que território é espaço de relações de poder, é espaço em movimento ou como ensina Milton Santos sobre território usado:

Essa ideia de território usado, a meu ver, pode ser mais adequada à noção de um território em mudança, de um território em processo. Se o tomarmos a partir de seu conteúdo, uma forma-conteúdo, o território tem de ser visto como algo que está em processo. [...] Ele tem de ser visto – e a expressão de novo é de François Perroux – como um campo de forças, como o lugar do exercício, de dialéticas e contradições (Santos, 1999, p. 19).

Antes de prosseguirmos, é importante esclarecermos sobre a Lei 10.639/03 que:

Seguiremos neste trabalho a carga simbólica da 10.639 tal como justificado por Nogueira: a Lei 11.645/08 altera a Lei 10.639/03, subsumindo esta. Pois bem, em linhas muito gerais, o movimento negro brasileiro, através de estratégias, negociações, ponderações e alianças, protagonizou a formulação da Lei 10.639/03 e o apoio decisivo, cinco anos depois, à Lei 11.645/08. Esta, por sua vez, foi um resultado das articulações dos povos indígenas. As referidas leis instituíram a mudança do Art. 26-A da Lei 9.394/96, a LDB. Portanto, ficou estabelecido que os estudos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena são obrigatórios em todas as modalidades de ensino e níveis de educação.

Além de reconhecer sua importância, apoiamos políticas públicas e iniciativas em favor da difusão e da consolidação dos conteúdos de história e culturas indígenas. Porém, neste trabalho, o escopo é

exclusivo para História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A leitura do movimento negro e de vários especialistas em educação das relações étnico-raciais é de que o marco simbólico e político da Lei 10.639/03 não deve ser perdido e, neste sentido, não se trata de uma abordagem equívoca que "esquece" que a Lei 10.639/03 teria sido substituída formalmente pela Lei 11.645/08. Mas o uso da Lei 10.639/03 é interpretado como um registro político que identifica nesse inciso marco legal, um divisor histórico e político que nasceu de uma agenda do movimento negro. Portanto, não se trata de ignorância legal, mas de opção política e pedagógica fazer uso da Lei 10.639/03 para se referir à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e da Lei 11.645/08 para se referir somente à História e Cultura Indígena (Nogueira, 2014, p. 17-18.).

Imprescindível para essa análise pontuar que “sendo a 10.639/03: uma ferramenta questionadora da ordem vigente, questionando as construções ideológicas de dominação fundadoras da sociedade brasileira: a presença marcante do eurocentrismo opondo-se ao negro que é colocado como não sujeito” (Machado, 2014, p. 42-43), ou seja, a Lei 10.639/2003 é de essência política, política contra-hegemônica, resultante de lutas coletivas empreendidas sobremaneira pelos movimentos negros brasileiros (Ribeiro, 2017).

Outro fato também de suma importância que deve ser ressaltado é que, diferente de entendimentos errôneos e/ou tendenciosos, a aplicação satisfatória da Lei (regulamentada pelo parecer CNE/CP n.º 003/2004) cabe a todo o currículo, conforme nos esclarece Adilbênia Machado:

O parecer da Lei 10.639/2003 afirma que o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como a Educação das Relações Etnicorraciais, deverá ser desenvolvido no cotidiano escolar, em seus “diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais” (BRASIL, PARECER N.º: CNE/CP 003/2004, p. 11). Sabendo-se que o tema é transversal a todos os componentes curriculares, compreendemos que **não se deve limitar a discussão a componentes curriculares específicos** ou a momentos pontuais, ao contrário, é um fazer cotidiano, do / no cotidiano escolar, atravessando as fronteiras das paredes das escolas (Machado, 2014, p. 50-51, grifo nosso).

Feitas tais considerações sobre a construção e amplitude da mencionada Lei, realizaremos uma breve retomada histórica do ensino de Filosofia no Brasil.

O ensino institucional de Filosofia aqui aportou com a chegada dos jesuítas e até o período do regime militar esteve presente nos Currículos Escolares. No entanto, durante a Ditadura, a Filosofia foi primeiro colocada como optativa e por fim excluída com a Lei n.º. 5.692/71. Apenas na década seguinte a Filosofia volta a integrar o currículo mas ainda como disciplina optativa (Ribeiro, 2017).

Em 1996, embora ainda sem status de obrigatoriedade, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 36, assegurará o ensino de conteúdos filosóficos no ensino médio (Pinho, 2014) e, somente em 2008, voltará à condição de disciplina obrigatória.

Nesse contexto, em 2006 foram lançadas as Orientações Curriculares para Ensino Médio (OCN) (Brasil, 2006) entre as quais, no caderno específico de Ciências Humanas e suas Tecnologias está colocada a Filosofia (e a Sociologia) no mesmo patamar das disciplinas Geografia e História (estas obrigatórias e consolidadas). Cada capítulo das OCN's é dedicado a uma das quatro disciplinas e subdividido em: identidade, objetivos, competências e habilidades, conteúdos, metodologia além das referências bibliográficas.

Em sua introdução, tal documento justifica-se:

No entanto, mesmo sem o status de obrigatoriedade, a Filosofia, nos últimos tempos, vem passando por um processo de consolidação institucional, correlata à expansão de uma grande demanda indireta, representada pela presença constante de preocupações filosóficas de variado teor (OCN, 2006, p. 15).

No mesmo documento, define-se a Filosofia como o conhecimento que “costuma quebrar a naturalidade com que usamos as palavras, tornando-se reflexão” (OCN, 2006, p. 22), além de “a especificidade da atividade filosófica enquanto expressa, sobretudo, em sua natureza reflexiva” (OCN, 2006, p. 23).

Ainda, no mesmo documento, há passagens que quando analisadas sob a perspectiva que se intenta nesta pesquisa podem parecer paradoxais, como esta:

Em suma, a resposta de cada professor de Filosofia do ensino médio à pergunta “que filosofia?” sempre dependerá da opção por um modo determinado de filosofar que considere justificado. Aliás, é relevante que ele tenha feito uma escolha categorial e axiológica a partir da qual lê o mundo, pensa e ensina. Isso só tende a reforçar sua credibilidade como professor de Filosofia, uma vez que não lhe falta um padrão, um fundamento a partir do qual pode dar início a qualquer esboço de crítica. Por certo, há talvez Filosofias mais ou menos críticas sem que isso diminua a importância formadora e sempre algo corrosiva de todo filosofar. No entanto, independentemente da posição adotada (sendo pressuposto que o professor se responsabilize por ela), ele só pode pretender ver bons frutos de seu trabalho docente na justa medida do rigor com que operar a partir de sua escolha filosófica – um rigor que, certamente, varia de acordo com o grau de formação cultural de cada um e deve ser de todo diverso de uma doutrinação (Brasil, 2006, p. 24).

O paradoxo se dá quando sabemos que o uso das expressões que podem fazer

parecer existir uma pluralidade – “que filosofia?”; “dependerá da opção por um modo determinado de filosofar que considere justificado”; “escolha categorial e axiológica a partir da qual lê o mundo, pensa e ensina” – estão na verdade restritas à pluralidade restrita ao cânone, como explana Aline Matos da Rocha: “que não conseguem perceber que mesmo quando se escolhe “outras filosofias”, escolhe a si mesma – redução ao cânone – privilegiando determinados modelos de compreensão e significado da filosofia” (Rocha, 2014, p. 106). Em nenhum momento o documento faz referência à Filosofia africana, Filosofia afro-diaspórica, Filosofia afro-brasileira, Filosofia decolonial, relações raciais ou, ainda, racismo.

É necessário aqui reforçar que as Orientações Curriculares para ensino médio, Ciências Humanas e suas Tecnologias (Brasil, 2006), continuam válidas e ainda podem embasar o trabalho com ensino de filosofia (La Salvia; Neto, 2021).

Retomando as tentativas de definição da Filosofia constante nas OCN de que sua característica fundamental seria a reflexão, tornam-se férteis as palavras de Aline Matos da Rocha:

A filosofia habita sobre um solo reflexivo, que nos coloca em um constante estado de inquietude diante do que nos é apresentado, propiciando um confronto conosco mesmo/a e o Outro, na tentativa de realização plena do humano. Sob essa perspectiva, a filosofia não pode se furtar de colocar a si mesma no centro de suas reflexões, confrontando sua produção de conhecimento, seu currículo e ensino (Rocha, 2014, p. 105).

Nessa visão construída da Filosofia como essencialmente reflexiva, ao questionamento de Aline Matos da Rocha, acrescentamos as observações de Luis Thiago Freire Dantas (2018). Este em sua tese de doutoramento narra que ao longo de seu percurso acadêmico fora confrontado com a aporia do filósofo ganês Kwame Nkrumah (1970) sobre o fato de que estudantes colonizados, por aprenderem a partir do cânone do colonizador, acabam por se dispersarem da condição de colonizado, nos dizendo como também fora envolvido pelo colonialismo presente na Academia até entender-se como um estudante colonizado.

Conecta-se o lampejo de Dantas às palavras de Sueli Carneiro como interlocutora de Edson Cardoso :

Dentre os conteúdos que não se aprende na escola e que, por omissão, cooperam com os processos de negação, estão para Edson Cardoso, os exemplos de luta de emancipação negra como conteúdos do

patrimônio libertário da humanidade. Ou seja, a historicidade dos processos políticos ditados pela racialidade, que poderiam ser utilizados em prol das lutas emancipatórias, constituem saberes sepultados, ao modo de Foucault pelos racialmente hegemônicos que se apresentam aos estudantes como detentores de experiências universais (Carneiro, 2005, p. 283).

Dessas reflexões inferem-se intenções do dispositivo de racialidade quando concatenado ao epistemicídio: manter o povo negro na ignorância colabora para o protelamento de sua insurgência e, por consequência, esclarece-se também a aplicação ainda deficitária da Lei 10639/03.

Concomitantemente, como todo dispositivo de poder, produz sua resistência (Foucault apud Carneiro, 2005), novamente recorreremos a Carneiro que, na segunda parte de sua tese – intitulada *Das Resistências* –, colhe depoimentos de diferentes pessoas negras que apesar de integrarem diferentes áreas profissionais têm em comum a educação como o instrumento que lhes possibilitou ocupar o lugar de testemunhas de resistência ao dispositivo da racialidade, ou seja, são sobreviventes.

Para o povo negro, a educação institucional ocupa esse locus de poder e resistência que em determinados momentos históricos já lhes fora explicitamente negado até momentos em que melindres de exclusão foram menos explícitos (porém não menos eficazes), um locus portanto antagônico, que o exclui mas que lhe aparece como uma oportunidade de sobrevivência individual e coletiva ou, nas palavras de Sueli Carneiro, “instrumento de afirmação pessoal e social” (Carneiro, 2005). Por esse motivo, a importância estratégica da educação para a reprodução do dispositivo de racialidade e sustento de hegemonia da branquitude.

Assim também a Filosofia disposta como um cânone hegemônico reproduz o dispositivo, pois, sendo ela esse solo reflexivo (Rocha, 2014), restringi-la à imagem ocidental (suprimida nos Estados Unidos e em parte da Europa, tal qual será demonstrado na próxima subseção com o levantamento do PNLD) rebaixa os que estão fora desse arquétipo como sujeitos não qualificados para a experiência do pensar filosófico (Nascimento, 2020).

Destarte, ao problematizarmos a exclusão do corpo negro do ensino de Filosofia, junto estamos problematizando a exclusão da Filosofia africana, afro-brasileira e afro-diaspórica. Neste ponto, concordamos com Mogobe Ramose, filósofo sul-africano, para quem:

[...] a dúvida sobre a existência da Filosofia Africana é, fundamentalmente, um questionamento acerca do estatuto ontológico de seres humanos dos africanos.

[...]

Sabe-se bem que, etimologicamente, filosofia significa amor à sabedoria. A experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. **Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar** (Ramose, 2011, p. 8-9, grifo nosso).

Coadunamos com postulados de Ramos e a conclusão de Carneiro “É o olhar do Eu hegemônico instituindo o Não-ser” (Carneiro, 2005, p. 323).

Elucidado pelo exposto aqui e corroborado pelo levantamento dos livros didáticos de Filosofia que serão expostos na próxima seção, infere-se a legitimidade na explanação de que: salvo raras exceções, o que tem status de filosófico no Brasil, e conseqüentemente é visto como o que deve estar nos currículos da Educação Básica, é atravessado pelo epistemicídio negro e não atende ao disposto na Lei 10.639, ou seja, predomina no Brasil uma Filosofia euro-norte-americana cujo espaço é padronizado pela masculinidade branca (Rocha, 2014, p. 16).

Sobre essa invisibilização da Lei 10.639 na Filosofia, o professor de Filosofia da Universidade de Brasília (UNB) Wanderson Flor do Nascimento, faz um alerta:

São o currículo de filosofia – e a própria filosofia – que perdem com essa invisibilização, sendo privados de elementos que poderiam enriquecer bastante a multiplicidade de olhares que estariam à disposição de estudantes e da formação.

Este quadro encontra-se profundamente relacionado com a estrutura curricular oferecida a docentes em formação, que privados do contato com outras filosofias que não as europeias ou norte-americanas, ficam com a impressão de que apenas essas filosofias são legítimas ou, ainda pior, as únicas existentes, gerando não apenas uma formação incompleta, mas empobrecida em sua diversidade (Nascimento, 2012, p. 81).

2.5 Representatividade

Se [...] ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade. Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, [...]. Então tentarei simplesmente fazer-me branco,

isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (Fanon, 2008, p. 94).

As palavras acima são do filósofo martinicano Frantz Fanon que em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008) elucida a relação colonizador branco versus colonizado negro não como reprodutora de reminiscências meramente nos âmbitos social, econômico ou político – ou seja, no exterior do indivíduo – mas também no interior destes que, subalternizados, desenvolvem e reproduzem uma consciência de ser humano inferior ao colonizador, tamanho o estrago da colonização racista, fazendo com que os colonizados performem comportamentos dos colonizadores e alienem-se de suas características originais.

Depreende-se disso que o racismo imposto pela colonização – a qual sabidamente também se deu em solos brasileiros – “enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (Almeida, 2020, p. 63).

Assim sendo, alegamos que, quando os livros didáticos destinados ao ensino de Filosofia não cumprem o disposto na Lei 10639/03, eles também não apresentam aos estudantes referências de representatividade de filósofos e filósofas negros e negras, colaborando negativamente para a construção das subjetividades dessas pessoas. Esclarece-nos Carneiro:

O conceito de epistemicídio permite-nos adentrar essas esferas, em que a identidade negativa atribuída ao Outro, o é, particularmente no que respeita à sua incapacidade de elevar-se à condição de sujeito de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente, ou de ser portador de conhecimentos relevantes do ponto de vista dessa mesma tradição. Tal identidade negativa impacta-o de tal modo pela internalização da imagem negativa, socialmente atribuída, que o impele à profecia autorrealizadora que referenda os termos da estigmatização, ou o conduz à autonegação ou adesão e submissão aos valores da cultura dominante. Nesse sentido o epistemicídio constitui-se numa parte do dispositivo de racialidade, que se desdobra no âmbito da subjetividade (Carneiro, 2005, p. 277).

Entende-se assim que a ampla presença canônica nos livros didáticos de Filosofia colabora para que estudantes negros e negras não se vejam como seres capazes de produzir intelectualidade, ou novamente nas palavras de Carneiro, reproduzam a condição de rebaixamento intelectual.

Quando se polemiza a conjunção entre negritude, filosofia e livros didáticos,

deve-se também examinar a disputa existente quanto à origem da Filosofia. Nos livros didáticos analisados para esta pesquisa (Brasil, PNLD, 2018), verifica-se o que já fora dito por Fabiano Bitencourt Monge (2020):

Para maioria das filósofas e filósofos que escreveram os livros didáticos do PNLD 2018, os gregos foram inventores da filosofia — ainda que seja reconhecida a importância de outros povos para o desenvolvimento do pensamento grego. Segundo esta perspectiva, os gregos fizeram algo inigualável e inovador para o pensamento humano, se destacando como nenhum outro povo e, por isso, merecendo uma atenção especial – ao ponto de levar à exclusão de todas e todos que não fossem helenos ou europeus do cenário filosófico (Monge, 2020, p. 91).

Congruente a tais questionamentos, o filósofo afro-brasileiro Renato Nogueira alega que a Filosofia não goza de uma origem única e que o absentismo de indagação sobre a pressuposta originalidade grega, configuram o que ele nomeia como tabu da Filosofia, e ainda que contido neste tabu estaria a relevância da Filosofia para construção e reprodução político-hegemônica do Ocidente, nas palavras de Nogueira:

Isso está de acordo com aquilo que o filósofo ganense Kwame Appiah diz “Filosofia é o rótulo de maior status no humanismo ocidental. Pretender-se com direito à Filosofia é reivindicar o que há de mais importante, mais difícil e mais fundamental na tradição do Ocidente”. Ora, o Ocidente teria a Filosofia como algo que o distingue fundamentalmente e decisivamente do resto do mundo.

A Filosofia é tomada, seja diretamente, explicitamente ou de modo tácito, seja como atividade acadêmica, aventura do espírito, exercício intelectual, análise crítica da Linguagem, reflexão sistemática, visão de mundo produtora de conceitos rigorosos ou modo de problematizar a realidade mais elaborado, sofisticado da humanidade, digno dos povos mais "civilizados". Existe um pressuposto embutido: a dominação política, econômica e social que o Ocidente empreendeu por meio da invasão, colonização, trocas assimétricas e assujeitamento dos povos africanos, ameríndios, asiáticos e da Oceania vem sempre articulada com a dominação intelectual, com o estabelecimento de cânones acadêmicos ocidentais e com a recusa da validade epistêmica dos povos “colonizados”. Por isso, a tese de que a Filosofia – essa área tão sofisticada que funciona como signo do refinamento e suprassumo do humanismo ocidental – poderia ter uma origem fora da Grécia é tão rechaçada (Nogueira, 2014, p. 46- 47).

Isto posto, depreendemos que a exclusão de representatividade intelectual negra nos livros didáticos de Filosofia é parte das táticas de poder do dispositivo de racialidade que, ao excluir referências de intelectualidade com as quais o alunado negro possa se reconhecer, abala sua autoestima, colaborando para que não se veja e não seja visto como sujeito de conhecimento, reiterando os propósitos do

epistemicídio.

Nesse contexto, é importante sinalizar que a colonização teve um papel fundamental na imagem produzida dos sujeitos africanos, reservando a eles um local de desumanização o que caracteriza de forma equivocada a sua incapacidade de produzir consciência crítica, privilégio destinado apenas aos seres com potências humanas, ou seja, os homens brancos. Pois bem, além de pensar se existe filosofia africana, o que se julga é se existe capacidade intelectual do homem negro de transcender o senso comum para o pretensão pensamento crítico (Ribeiro, 2017, p. 13).

3 LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA DO PNLD 2018

A terceira seção desta pesquisa é a análise propriamente dita dos livros didáticos de Filosofia selecionados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (2018), conforme consta em página oficial do Ministério da Educação, tal programa:

[...] é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (Brasil, 2023).

Assim sendo, depreende-se que os livros didáticos que serão a seguir inventariados passaram por uma comissão avaliadora e por um criterioso processo de análise, o que justifica seu uso como fonte documental.

3.1 Notas sobre a análise

Com título autoexplicativo, esta subseção pontuará informações importantes quanto à metodologia para análise dos materiais didáticos iniciando com a resposta ao possível questionamento sobre a escolha de análise do PNLD 2018 com a BNCC e novos materiais didáticos em voga. A isto esclarece a pesquisadora que o estopim para o que primeiro se fez como projeto e se concretiza com essa pesquisa surgiu ao longo do trabalho com tais materiais na rede pública estadual de São Paulo e, ainda, que faltaria a importante experiência docente para análise dos materiais da polêmica nova BNCC (2018) na qual a Filosofia encontra-se subsumida na área de Ciências Sociais e Humanas Aplicadas. Como a efetivação de tal legislação se deu de maneira gradual e articulada com o Novo Ensino Médio, os livros didáticos do chamado Objeto 02 (Brasil, 2019) (que a priori contém os conteúdos das disciplinas que integram as áreas, a saber: Filosofia, Geografia, História e Sociologia) só foram distribuídos para uso na escola em que leciono em 2023. Esclarece-se ainda que esta é uma pesquisa qualitativa, assim, os quadros que demonstram o levantamento feito nos livros têm a intenção de melhorar a exposição visual, ressaltando o espaço dentro de cada livro e unidade ocupado pelo cânone e o reservado ao que aqui chamou-se de “negritude”, portanto, apesar de não termos a intenção de quantificar, ao percebermos a

discrepância, podemos inferir informações quantitativas. Várias foram as tentativas de organização e posterior exposição das informações encontradas até chegar a aqui apresentada.

A opção pelo termo “negritude” se deu em primeiro lugar por sua abrangência pois a mísera presença de intelectuais negros nas obras analisadas inviabilizou uma coluna com Filósofos(as) negros(as), ademais com “negritude” foi possível dispor no quadro maneiras Outras (Kilomba, 2020) de representatividade negra. Por fim, por “negritude” utilizamos o sentido de Césaire tal qual exemplificado por Munanga (2023): Para Aimé Césaire, a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação do seu destino, de sua história e de sua cultura.

A organização aqui exposta possibilitou, então, demonstrar como os livros didáticos de Filosofia reforçam padrões de intelectualidade que excluem os(as) negros(as) e problematizar de que maneira está dada a presença negra em tais materiais.

Ao falarmos sobre representatividade na Filosofia, apesar de não ser objetivo específico deste trabalho, nos quadros também estão destacados em negrito as filósofas mulheres tratadas, bem como o nome da coluna em que temos filósofas é “Filósofos(as) não negros(as)”, assim é possível visualizarmos e reafirmamos o quão excludente e masculina a Filosofia é apresentada aos estudantes.

Metodologicamente, os livros estão organizados na sequência em que aparecem no Guia PNLD 2018, o nome de cada subseção é o nome do livro didático analisado seguido de seus(uas) autores(as). As parte de exercícios, indicações de obras de áreas diversas e afins não foram contabilizadas e só aparecem nos quadros caso haja alguma representação de negritude.

Agostinho de Hipona permanece no "cânone" porque não é retratado nem referenciado como negro nos materiais didáticos analisados, branqueamento de sua figura que pode ser lido como sintoma de uma Filosofia epistemicida que nega a identificação negra a um dos filósofos que a estrutura. Sobre isso, recorreremos novamente a Fernando de Sá Moreira:

Como sabemos, Agostinho é um dos pilares da filosofia e da religiosidade ocidental/europeia. Em que pese seu caráter teológico evidente, seu livro *Confissões* está repleto de questões da mais alta dignidade filosófica. Não menos importantes são seus demais textos, como por exemplo o opúsculo *De magistro*, o qual encontra-se no cânone de obras da filosofia da linguagem [...]. Não obstante, apesar de

sua inserção no cânone ocidental/europeu, Agostinho nasceu em Tagaste e atuou como bispo em Hipona. [...] Independentemente disso, no imaginário popular, ele apenas raramente contaria entre os filósofos “genuinamente” africanos. (Sá Moreira, 2017, p. 96)

Conforme podemos ver nos quadros abaixo, o filósofo em apenas um momento foi colocado no quadro “negritude”, no livro *Filosofando*, quando entre parênteses temos escrito “África”, como referência de local de nascimento do filósofo, conforme poderemos observar na citação abaixo.

O principal nome da Patrística foi Agostinho de Tagaste - também conhecido como Santo Agostinho, bispo de Hipona (África). É significativo o fato de ter vivido no findar do mundo antigo, quando os bárbaros avançavam sobre o Império Romano. Portanto, Agostinho encontra-se no eclipsar de um mundo que se extinguiu e no limiar de outro que ele efetivamente ajudou a delinear” (Aranha e Martins, 2016, p.115).

Ressalta-se também que os filósofos(as) canônicos(as) muitas vezes se repetem dentro de uma mesma unidade, porém o quadro foi composto citando apenas uma vez cada filósofo e por fim que há um Guia Digital dos materiais que pode ser acessado na página do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

3.2 Inventariação

3.2.1 Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos

Autoria: Juvenal Savian Filho

Quadro 1 – Levantamento do livro “Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos”

UNIDADE 1 PORTAS PARA A FILOSOFIA		
Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude:
1- Desconstruir para compreender 2- Reconstruir para compreender ainda melhor 3- O que é Filosofia? 4- Filosofia e modos de convencer	Agostinho de Hipona, Antístenes, Aristóteles, Avicena, Benjamin Franklin, Bergson, Camus, Descartes, Diógenes, Dilthey, Derrida, Epiteto, Espinosa, Euclides Galileu Galilei, Guilherme de Ockham, Hegel, Heidegger, Heráclito, Husserl, Iris Murdoch, Johann Gottlieb Fichte, Kant, Kepler, Kierkegaard, Marx, Maine de Birán, Michel Piquemal, Parmênides, Pedro Abelardo, Pirro, Pitágoras, Platão, Plotino, Raduan Nassar, Rudolph Göckel, Rumi,	Machado de Assis nome citado entre outros literatos (de Kierkegaard a Nassar- sem imagens ou qualquer menção a negritude), p. 41 Rosane da Silva Borges- imagem da professora discorrendo sobre intolerância no Brasil, p. 49

	Sartre, Schelling, Schopenhauer, Sêneca, Simone Weil , Sócrates, Tomás de Aquino, Voltaire, Wittgeinstein, Zenão	
UNIDADE 2- TEMAS TRATADOS FILOSOFICAMENTE		
Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude:
<p>1- O sentido da existência 2- A felicidade 3- A amizade 4- Sexualidade e força vital 5- Desejo e amor 6- Do amor amigo ao amor sagrado 7- Do amor cortês ao amor hoje 8- Sociedade, indivíduo e liberdade 9- Natureza, Cultura e pessoa 10- Política e Poder 11- A prática ética 12- Experiência estética e experiência artística 13- A experiência religiosa 14- O conhecimento</p>	<p>Alasdair MacIntyre, Alfred North Whitehead, Alfred Tarski, Alexander Baumgarten, Apuleio, Aristóteles, Arthur Danto, Avicena, Barão de Holbach, Benjamin, Bentham, Bertrand Russell, Boécio, Brentano, Camus, Cícero, Comte, Crisipo de Solis, Derrida, Descartes, Dietrich von Hildebrand, Demócrito, Edith Stein, Epicuro, Epiteto, Étienne Balibar, Étienne Gilson, Feuerbach, Fílon, Foucault, Francis Bacon, Freud, Friedrich Hayek, George Edward Moore, Georges Didi-Huberman, Górgias, Gregório de Nazianzo, Guilherme de Ockham, Hannah Arendt, Hans Jonas, Hegel, Henri Bergson, Herbert Spencer, Heráclito, Hildegarda de Bingen, Hobbes, Horkheimer, Hume, Husserl, Imre Lakatos, Iris Murdoch, Jean Grondin, Johann Gottlieb Fichte, John Stuart Mill, John Searle, Judith Butler, Justino de Roma, Kant, Karl Popper, Karl Rahner, Keith Yandell, Kierkegaard, Kurt Gödel, Leão Hebreu, Leibniz, Locke, Louis Althusser, Marciano Capella, Marcuse, Marco Aurélio, Marx, Merleau-Ponty, Michael Löwy, Michel Bitbol, Maquiavel, Nietzsche, Oswald Porchat Pereira, Pascal, Paul Claudel, Paul Valéry, Paul-Henri Thiry, Peter Van Inwagen, Pierre Sanchis, Pirro, Plotino, Porfírio, Protágoras, Quentin Meillassoux, Raduan Nassar, Rosa Luxemburgo, Rousseau, Russell, Schleiermacher, Schlegel, Schlick, Schopenhauer, Schelling, Searle, Sêneca, Sexto Empírico, Simmel, Simone de Beauvoir, Simone Weil, Sócrates,</p>	<p>Desmond Tutu citado como bispo anglicano e como tendo sido um dos entrevistados para um documentário, o nome dele aparece ao lado de Chomsky, esse colocado como filósofo, p. 233.</p> <p>Martin Luther King, Nelson Mandela, Desmond Tutu-imagens dispostas em um quadro com a legenda de serem pensadores e ativistas e várias imagens de diferentes personalidades, p. 251</p> <p>Machado de Assis- indicação literária do conto O alienista, p. 261.</p> <p>Moacir - poeta e desenhista (procurando no Google descobrir ser negro), não há sobrenome nem menção a cor/raça, p. 300.</p> <p>Kayllane Campos- imagem de jovem negra do candomblé para ilustrar intolerância religiosa, p. 330.</p>

	Stuart Hampshire, Tocqueville, Tomás de Aquino, Tomás Kuhn, Voltaire, William K. Clifford, Winnicott, Wittgenstein, Xenófanos, Zenão de Cítio	
UNIDADE 3- A FILOSOFIA E SUA HISTÓRIA		
Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude:
Chaves de leitura para o estudo de História da Filosofia	Agamben, Agostinho de Hipona, Anaxágoras, Antonio Vieira, Aristóteles, Bartolomeu de Las Casas, Basílio de Cesareia, Bergson, Benedito Nunes, Bento Prado Júnior, Boécio, Carnéades, Christoph Keller, Descartes, Derrida, Diógenes Arcesilau, Edith Stein , Filolau, Fílon, Foucault, Freud, Gerd Bornheim, Gilles Deleuze, Gilda de Mello e Souza , Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Hegel, Hedwig Conrad-Martius, Henrique Cláudio de Lima Vaz, Heráclito, Hípon, Horkheimer, Husserl, Hume, Julia Kristeva , Kant, Kierkegaard, Lyotard, Maquiavel, Maimônides, Marcuse, Marx, Max Scheler, Merleau-Ponty, Michel de Montaigne, Novalis, Nietzsche, Pascal, Pedro Abelardo, Peter Sloterdijk, Pirro, Plotino, Proclo, Richard Rorty, Rosa Luxemburgo , Sartre, Schlegel, Simone Weil , Simplício, Sócrates, Teofrasto, Tomás de Aquino, Tomás de Mercado, Vattimo, Werner Jaeger, Wittgenstein, Zizek	

O livro de autoria de Juvenal Savian Filho (2016), distribuído pela Editora Autêntica, conforme exposto no quadro acima, não traz nenhum(a) filósofo(a) negro(a), ao longo da obra aparecem mais de 130 filósofos homens e apenas 10 mulheres. Apesar disso no início do livro, em uma seção que parece uma carta a estudantes, há o seguinte trecho:

Caros estudantes [...] Se este é o primeiro contato de vocês com a Filosofia, o livro permitirá dar os primeiros passos e entrar no mundo fascinante em que **o pensamento se pensa a si mesmo**. [...] O livro contém ainda uma **grande quantidade de textos escritos por filósofas e filósofos**, além de recursos culturais [...] (Savian Filho, 2016, p.3, grifo nosso).

A partir disto se estabelecem duas cogitações: a primeira delas sobre as

possibilidades do movimento colocado por Savian do pensamento pensar a si mesmo, pois por meio dos quadros acima dispostos observamos uma limitação nessa capacidade do pensamento pensar a si, dada a exclusão de todo um contingente populacional, os homens negros e as mulheres negras.

Outra cogitação é a afirmação de que há uma grande quantidade de textos escritos por filósofos e filósofas. Questiona-se o que Savian entende por grande quantidade, dada discrepância entre mais de 130 filósofos homens e apenas 10 filósofas mulheres.

Complementando tais reflexões, cabe reproduzir o que o autor postula quanto a origem da Filosofia:

A Filosofia surgiu na Grécia, durante o século VII antes de Cristo. Essa afirmação não pretende significar que em outros povos e culturas inexistiram elementos filosóficos. Por exemplo, na Ásia e na África, houve e há muitas reflexões e atitudes filosóficas. Mesmo em culturas indígenas latino-americanas, vistas em geral como bastante diferentes da cultura europeia, há elementos filosóficos. No entanto, tecnicamente falando, a prática que se autodenominou filosófica ou que se deu a si mesma o nome de Filosofia (com uma reflexão explícita sobre o seu próprio modo de operar) é algo que, do ponto de vista histórico, nasceu na Grécia, durante o século VII antes de Cristo (Savian Filho, 2016, p. 371).

Ou seja, Savian Filho assume que reflexões filosóficas se desenvolveram e se desenvolvem em outros locais do mundo mas ao mesmo tempo coloca a Filosofia europeia como originária na Grécia, mesmo algumas páginas a frente assumindo que:

[...] Tales, em uma provável viagem ao Egito, conheceu o modo como os egípcios (cuja mentalidade era formada pela importância da água, principalmente por causa das cheias do Rio Nilo) representavam a Terra como um prato raso, flutuando sobre a água (Savian Filho, 2016, p. 374).

E ainda argumentando em prol da originalidade do método desenvolvido por Tales, continua:

Tratava-se de explicar o mundo, tanto quanto possível, apenas com base no próprio mundo que se reflete na razão humana e é observado na transformação das coisas. Ao processo de transformação constante Tales chamava de *movimento* ou *devir*. Essa forma de pensamento consagrada por Tales foi tão importante para o mundo antigo que o filósofo Proclo (412-485), nascido em Bizâncio e falecido em Atenas, chegou a afirmar que Tales a desenvolveu com base no procedimento matemático aprendido com os egípcios (Savian Filho, 2016, p. 374).

Terminando por argumentar que a diferença de Tales estava na abstração.

Quanto a isso, esclarece-nos Théophile Obenga que tem uma vigorosa pesquisa, além de filósofo, o congolês é arqueólogo e historiador, especialista em hieróglifo (Noguera, 2013)

É um mero preconceito acreditar que a época filosófica da humanidade começa primeiro entre os gregos no quinto século a.E.C.⁶. Esse preconceito implica que outros povos antigos não se engajaram no pensamento especulativo. Sem dúvidas, o pensamento especulativo transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo e unificá-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo, usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos ou positivos e dialética, pode ser oral ou escrito, está necessariamente ligado aos problemas da vida. Assim, a filosofia pode ser definida como “pensamento reflexivo sistemático sobre a vida”

O espírito das filosofias Chinesa, Indiana, Africana, Europeia e Maia podem diferir muito em seus tratamentos de um sujeito, mas a filosofia sempre lida com o conhecimento humano e a elevação da mente (Obenga, 2004, p. 1).

Complementa:

A longa história da filosofia Africana mostrou conexões com outros continentes, principalmente com a Europa, desde o mundo greco-romano. Em tempos remotos, a filosofia Africana localizava-se principalmente no vale do Nilo, isto é, em Kemet ou antigo Egito, e em Kush (*Napata-Meroe*). A filosofia floresceu no Egito de aproximadamente 3400 a.E.C. à 343 a.E.C. e em Kush (também conhecida como Núbia ou Etiópia pelos gregos) de aproximadamente de 1000 a.E.C. à 625 a.E.C. (Obenga, 2004, p. 2).

A refutação do “milagre grego” a partir dos postulados de Obenga se estende a todos os livros didáticos aqui analisados que coadunam com a mesma premissa de que os gregos, mesmo tendo bebido em outras fontes, foram extraordinários.

3.2.2 Filosofia – Experiência do Pensamento

6 Nota do tradutor: Embora no original o autor utilize as siglas “BC” e “AC” para se referir ao período antes e depois de Cristo, aqui, no entanto, escolhemos traduzir e utilizar as siglas “a.E.C.”, que significa ‘antes da Era Comum’, e “d.E.C”, que significa ‘depois da Era Comum’.

Autoria: Silvio Gallo

Quadro 2 – Levantamento do livro “Filosofia – Experiência do Pensamento”⁷

1-COMO PENSAMOS?		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- Filosofia: O que é isso? 2- Filosofia e outras formas de pensar 3- A ciência e a Arte	Adorno, Agostinho, Anaximandro, Anaxímenes, Aristóteles, Averróis, Avicena, Bacon, Bachelard, Benjamin, Cassirer, Comte- Sponville, Deleuze, Demócrito, Descartes, Feyerabend, Filolau, Foucault, Galileu, Gattari, Guilherme de Ockham, Heráclito, Hobbes, Horkheimer, Kant, Lakatos, Leucipo, Locke, Nietzsche, Parmênides, Pitágoras, Platão, Popper, Santo Anselmo de Canterbury, São Tomás, Sócrates, Tales, Tertuliano, Xenófanés, Zenão.	Filmes Orfeu Negro e Besouro- como indicações Cinematográficas acompanhadas dos respectivos cartazes de divulgação, p. 38. Gilberto Gil- trecho da canção “Quanta”, p. 40. Na página 52 há uma ilustração - Pintura feita entre 4000 a.C. e 2000 a.C., em caverna de Tassili N’Ajjjer, na Argélia.
2- O QUE SOMOS?		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- O ser humano quer conhecer a si mesmo 2- A linguagem e a cultura: manifestações do humano 3- Corporeidade, gênero e sexualidade: formas de ser	Adorno, Aristóteles, Beauvoir , Cassirer, Deleuze, Descartes, Espinosa, Erasmo de Roterdã, Foucault, Giovanni Pico della Mirandola, Guattari, Hannah Arendt , Hegel, Heidegger, Husserl, Karl Marx, Kierkegaard, Lipovetsky, Merleau-Ponty, Montaigne, Nietzsche, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Sartre, Sócrates, Thomas More, Voltaire, Wittgenstein.	Ângelo Assumpção- ginasta brasileiro Ângelo Assumpção apresenta-se no solo durante a Copa do Mundo de Ginástica Artística de 2015, em São Paulo (SP), p. 107. Gilberto Gil- trecho da canção “Super-homem”, p. 112.
3- POR QUE E COMO AGIMOS?		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- Os valores e as escolhas 2- Ética: por que e para quê? 3- A vida em construção: uma obra de arte	Antístenes, Aristóteles, Cleanto, Crisipo, Deleuze, Demócrito, Diógenes, Epiteto, Epicuro, Foucault, Hadot, Hipátia , Husserl, Kant, Karma Ura, Leucipo, Marco Aurélio, Montaigne, Nietzsche, Onfray, Panécio, Platão, Posidônio, Sartre, Sêneca, Singer, Sócrates, Zenão de Cítio.	Jean-Michel Basquiat- imagem do artista, p. 134. Martin Luther King Jr- imagem do pastor e ativista, p.159. Paulinho da Viola- Indicação de cinebiografia de Paulinho da Viola, “Paulinho da Viola: meu tempo é hoje”, p. 181.
4- COMO NOS RELACIONAMOS?		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- Poder e política 2- Estado, sociedade e poder	Agnes Heller , Arendt , Aristóteles, Bakunin, Deleuze, Engels, Foucault, Guattari,	

3- Totalitarismo e biopolítica na sociedade de controle	Hegel, Hobbes, La Boétie, Locke, Maquiavel, Marx, Montesquieu, Platão, Proudhon, Rousseau, Santo Agostinho.	
5- PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- Quais são os limites do conhecimento e da ciência?	Adorno, Álvaro Valls, Antonio Negri, Bruno Latour, Comte, Descartes, Foucault, Habermas,	Antiéticos- entrevista com grupo de rap antiéticos, acompanhada de imagem, p. 309
2- Quais são os desafios políticos contemporâneos?	Hans Jonas, Hobbes, Horkheimer, Kant, Levinas, Lipovetsky, Marx, Michel Serres,	
3- Os desafios éticos contemporâneos	Peter Singer, Rancière, Saint-Simon	

Neste livro distribuído pela Editora Scipione, há uma apresentação em que o autor supostamente está dialogando com estudantes, nela podemos ler:

Certa vez, um filósofo afirmou que as teorias são como “caixas de ferramentas”. Quando temos um problema a ser enfrentado, procuramos na caixa uma ferramenta, ou melhor, um conceito que nos sirva. [...] Às vezes teremos até mesmo de inventar uma nova ferramenta.

Aproprie-se deste livro como uma caixa de ferramentas. Nele você encontrará muitas delas para pensar. Mas as mais importantes são as suas ferramentas, elaboradas com base em sua experiência. Por isso, faça de seu pensamento um laboratório e experimente sempre! (Gallo, 2016, p. 3).

Quando Silvio Gallo diz que teorias são ferramentas ao mesmo tempo que apresenta massivamente como teóricos homens brancos, podemos suscitar que resta a estudantes negros e negras imaginar que corpos iguais aos seus foram incapazes de criar tais ferramentas. Tal conjuntura pode ser qualificada como o que Lélia Gonzalez, em 1983, chamou de racismo por omissão que tem como consequência a reprodução de um imaginário não diverso nem representativo. A filósofa nomeia assim a circunstância em que o Partido dos Trabalhadores (partido ao qual ela pertencia) apresentou seu Programa e a população negra não aparecia nele, sobre isso disse Lélia:

É a isto, justamente, que se chama de racismo por omissão. E este nada mais é do que um dos aspectos da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, quer nos fazer crer que somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental, eurocêntrico. Ao lado da noção de "democracia racial", ela aí está, não só definindo a identidade do negro como determinando o seu lugar na hierarquia social [...] (2020, p. 221).

Não obstante, cabe salientar outra passagem do referido livro. No capítulo 3 da unidade 5, na seção de Atividades (p. 309), há uma

entrevista com o grupo rap do Rio de Janeiro (RJ) composto por 3 homens negros chamado Antiéticos concedida à Central Hip-Hop, mais especificamente estão ali transcritas duas perguntas feitas ao grupo e suas respectivas respostas:

Central Hip-Hop (CHH): Por que Antiéticos?

Antiéticos: Ética é um nome que inventaram pra representar um conjunto de normas e princípios da boa conduta humana. Seria um conjunto de valores que direcionam os humanos a um bem-estar, conservando sua vida, logo, a vida do seu grupo. E a gente passou a observar que, primeiro, isso é uma definição grega. Segundo, esses princípios conservam sim a vida e o bem-estar, mas de um grupo que se definiu humano sozinho. Os outros tiveram que provar.

Na medida em que eles são éticos, que possuem suas boas condutas, suas normas, seus princípios, os outros grupos são mortos. Aí a gente pensou: "Ué, como é que pode?*" (risos). Não! Essa ética aí, esses princípios, esses valores não estão favorecendo a nossa humanidade. O ser humano não é mau, não destrói o mundo.

Nunca foi dada a chance de a gente administrar o controle do mundo, nem os indígenas, nem os orientais.

[...]

CHH: Desenvolver uma proposta contra hegemônica é viável?

Antiéticos: Sim. [...] Pra nós, não é apenas viável, é necessário para nossa sobrevivência. Hegemonia é entendida por nós como uma imposição, uma supremacia cultural de um determinado grupo sobre outro que não permite autonomias, não reconhece o outro como complementar, mas sim como inimigo. Então se impõe, sem permitir que o outro se desenvolva por si só, anula o nosso autoconhecimento e veta nossa capacidade criadora, capacidade de criar para o nosso grupo.

O grupo hegemônico só permite que você crie pra ele, que você faça pra benefício dele. Esse grupo está aí, matou, escravizou, estuprou, tomou as terras, construiu fábricas e hoje quer determinar como deve ser o rap.

Afinal, eles acabam sendo os possuidores dos recursos, dinheiro. E isso ilude, engana nosso povo.

Através de vários aparelhos, eles reforçam, reafirmam suas ideias o tempo todo. Tem hora que parte da nossa comunidade passa a acreditar. Então, tudo que for contra a hegemonia, a homogenia também (risos), tudo que provoque uma nova possibilidade que venha resgatar a autoestima, os valores ancestrais, a felicidade e o sorriso do nosso povo, nós seremos a favor.

[...]

ANTIÉTICOS. Entrevista concedida à Central Hip-Hop. Disponível em: <<https://territoriocoletivo.wordpress.com/antieticos/>>. Acesso em: 4 abr. 2016.(Gallo, 2016, p. 309)

Assim é no mínimo intrigante que o livro traga essa reflexão do grupo ao mesmo tempo que se mantém como um porta-voz da hegemonia.

Por fim, há outra passagem definida pelo autor da seguinte maneira: "No final do livro, você encontra uma linha do tempo. Ela apresenta filósofos e seus temas e problemas, bem como as correntes filosóficas nas quais se inserem e o contexto histórico em que viveram" (Gallo, 2016, p. 5). Estas linhas encontram-se nas páginas 320 a 323, cita 89 filósofos – o primeiro deles sem espanto nenhum é Tales de Mileto (625 a. C- 546 a. C.), 44 são representados com imagens. Seja com nomes escritos

ou imagens não há um filósofo negro ou filósofa negra. Quanto as mulheres, há uma insatisfatória e desigual referência, 3 delas são citadas e representadas imagetivamente: Hipátia (355-415 a.C.), Arendt (1906-1975) e Heller (1929-2019).

3.2.3 Reflexões: Filosofia e Cotidiano

Autoria: José Antonio Vasconcelos

Quadro 3 – Levantamento do livro “Reflexões: Filosofia e Cotidiano”

1- A FILOSOFIA, SEU PASSADO E SEU PRESENTE		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
1- A atitude filosófica 2- O sentido da vida 3- Memória e história	Agostinho, Albert Camus, Alasdair MacIntyre, Aristóteles, Ayn Rand , Benjamin, Bentham, Bergson, Condorcet, David Benatar, Diógenes, Ernst Cassirer, Epicuro, Esperanza Guisán , Hegel, Heidegger, Karl Jaspers, Kierkegaard, Locke, Marx, Mill, Mircea Eliade, Onfray, Oswald Spengler, Paul Ricoeur, Platão, Renato Janine Ribeiro, Rousseau, Russell, Sartre, Schopenhauer, Simone de Beauvoir , Sócrates, Teodoro de Cirene, Voltaire, Wittgenstein.	Machado de Assis- indicação de leitura, p. 33.
2- ATÉ ONDE A INTELIGÊNCIA ALCANÇA		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
4- Lógica e linguagem 5- Linguagem e Escrita 6- Realidade e aparência 7- Conhecimento e Justificação 8- Ciência e tecnologia 9- O universal e o particular	Alberto Magno, Alberto Oliva, Anselmo de Cantuária, Aristóteles, Bacon, Boécio, Brentano, Champeaux, Compiègne, Comte, Crisipo, Derrida, Descartes, Diágoras, Duns Scot, Edmund L. Gettier, Engels, Ernst Cassirer, Feuerbach, Foucault, Francis Bacon, Frege, Freud, Galileu, Gettier, Gottlob Frege, Guilherme de Champeaux, Guilherme de Ockham, Haack, Habermas, Hegel, Henri Poincaré, Heráclito, Hume, Husserl, Jean Baudrillard, John Austin, John Searle, Kant, Kuhn, Lévi-Strauss, Marcuse, Marx, Nietzsche, Nicola Abbagnano, Nozick, Parmênides, Pascal, Peirce, Platão, Popper, Porfirio de Tiro, Robert Nozick, Roscelino de Compiègne, Rousseau, Russell, Rudolf Carnap,	Imagem de cerimônia de candomblé, p. 129. Na página 160 há foto de mulher negra como suposta candidata a algum cargo político.

	Schlick, Sócrates, Susan Haack, Tales, Teodoro de Cirene, Tertuliano, Tomás de Aquino, Vinicius de Figueiredo, William Paley, Wittgenstein.	
--	---	--

3- A AÇÃO HUMANA NO MUNDO

Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude:
10- Como devemos agir? 11- A política e o bem comum 12- Trabalho e justiça social 13- De corpo e alma 14- Sobre a arte e a beleza	Adorno, Agostinho, Alasdair Chalmers MacIntyre, Ambrósio de Milão, Antoine Arnauld, Arendt , Aristóteles, Arthur Danto, Axel Honneth, Bakhtin, Bentham, Benjamin, Butler, Chalmers MacIntyre, Derrida, Descartes, Engels, Espinosa, Erich Fromm, Ernst Bloch, Foucault, Fourier, Fodor, Fromm, Godwin, Green, Habermas, Hegel, Herbert Spencer, Heráclito, Hobbes, Horkheimer, Husserl, Hume, Joseph Butler, Kant, La Boétie, Leibniz, Lévi-Strauss, Locke, Maquiavel, Marilena Chaui , Marcuse, Marx, Merleau-Ponty, Mill, Montaigne, Montesquieu, Nicola Abbagnano, Oliva Sabuco de Nantes Barrera , Orígenes, Paul Churchland, Plato, Proudhon, Rawls, Rancière, Rousseau, Saint-Simon, Smith, Spencer, Suzana Albornoz , Sócrates, Thomas Hill Green, Thomas de Aquino, Voltaire, Weber, William Godwin.	Na página 284 a ilustração capítulo é uma fila com negros para receberem seguro-desemprego

4- PARA ALÉM DO EUROCENTRISMO

Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude:
15- Filosofia Oriental 16- As filosofias africanas e afrodescendentes 17- Filosofias feministas e seus desdobramentos	Agostinho, Albert Camus, Al-Farabi, Al-Kindi, Anna Doyle Wheeler , Aristóteles, Averróis, Avicena, Camus, Chuang Tzu, Condorcet, Confúcio, David Thoreau, Deleuze, Derrida, Harriet Taylor , Heidegger, Jean Piaget, Judith Butler , Kant, Lao Tsé, Madhva, Mill, Nel Noddings, Placide Tempels, Plato, Plotino, Russell, Sara Ruddick , Schopenhauer, Simone de Beauvoir , Tsé.	Martin Luther King (1929-1968) e Nelson Mandela (1918-2013)- citados como ativistas pacifistas que foram influenciados por Gandhi, p.358. Solano Trindade- poema Sou Negro, p. 362. Na página 363 há imagem de jovem negro com seguinte legenda: 2 Jovem do povo Sumburu, que vive no norte do Quênia, usando ornamentos e roupas típicas, p. 363. Páginas 364 a 375: Anton Wilhelm Amo, Lewis R. Gordon (com imagem e biografia), Henry Odera Oruka, Kwasi Wiredu, Amílcar Cabral (com

		<p>imagem e biografia), Eduardo Oliveira (com imagem e biografia), Alexis Kagame, Achille Mbembe, Barry Hallen</p> <p>Chimamanda Ngozi Adichie - trecho de texto da escritora, p. 376</p> <p>Angela Davis- Biografia com imagem Angela Davis, p. 383.</p>
--	--	---

Livro de autoria de José Antonio Vasconcelos, distribuído pela Editora SM (2016), é o único dos livros que dedica uma unidade “Para além do eurocentrismo”, e nela um capítulo para o que o autor nomeou como “As filosofias africanas e afrodescendentes”. O livro se mostra o mais representativo dentre todos (o que claramente podemos perceber pelo quadro), porém mantém uma grande discrepância, ao apresentar por volta de 10 filósofos(as) negros(as) contra mais de 160 de não negros(as).

O capítulo começa como o questionamento sobre a existência e definição de uma Filosofia Africana. Nesse contexto o autor ressalta uma divisão geográfica entre norte e sul do continente africano, pois quando a Europa realiza suas universalizações, não se tem essa preocupação de pontuar que no máximo meia dúzia de países responde pelo continente todo. Relativo aos argumentos colocados de que o norte da África recebeu desde cedo influência da Filosofia grega, já refutamos no subcapítulo 3.2.1 com os estudos de Obenga.

Sobre a existência de Filosofia Africana o autor pontua:

[...]o campo de estudos da Filosofia africana se desenvolveu relacionado a movimentos como a Diáspora Negra, a Negritude e o Pan-Africanismo, que dizem respeito a realizações culturais de afrodescendentes tanto dentro quanto fora do continente africano.

[..]

Uma vez definido o sujeito de africanidade como negro, africano ou afrodescendente e herdeiro de um legado de diferentes formas de resistência à dominação colonialista, ainda é preciso definir se é possível dizer que o saber produzido por esse sujeito pode ser considerado Filosofia. O debate sobre a possibilidade de uma Filosofia genuinamente africana se desenvolveu paralelamente aos movimentos de independência das várias nações africanas. Durante a colonização, as potências europeias impunham uma ideologia de pertencimento à Metrópole. No entanto, embora fossem membros de um império colonial, os colonizados eram tratados como cidadãos de “segunda classe” (Vasconcelos, 2016, p. 365 e 366).

Em sequência Vasconcelos cita e define brevemente diferentes correntes de

pensamento da Filosofia africana entre as quais: a etnofilosofia, a sagacidade filosófica ou sabedoria filosófica, a Filosofia profissional, a Filosofia ideológica nacionalista e por fim explana sobre Ubuntu.

A maneira como o livro está organizado também é problemática, já que a unidade que trata de filósofos e filósofas negros(as) está separada do restante do livro. Isso gera o risco de que ela seja apresentada como um conhecimento folclórico, exótico ou de menor importância, ainda mais porque o autor não postula um veredito de que, sim, a Filosofia africana existe e a pessoa entendida como africana pelo resto do mundo produziu e continua produzindo Filosofia.

Assim apesar de em partes ser um avanço é também sintomático e simbólico da discussão feita nesta pesquisa, quando os filósofos e as filósofas negros(as) são reconhecidos são mantidos em condições questionáveis.

3.2.4 Filosofia: Temas e Percursos

Autores: Vinicius de Figueiredo, Luiz Repa, João Vergílio Cuter, Roberto Bolzani Filho, Marco Valentim e Paulo Vieira Neto.

Quadro 4 – Levantamento do livro “Filosofia: Temas e Percursos”

<u>UNIDADES/Capítulos</u>	<u>Filósofos(as) não negros(as):</u>	<u>Negritude:</u>
1- Natureza e Cultura	Adorno, Bernardette Delamarre , Horkheimer, Lévi-Strauss, Montaigne, Montesquieu, Pascal, Rousseau.	
2- Razão e Paixão	Aristóteles, Cícero, Freud, Hegel, Horkheimer, Hume, Kant, Marco Aurélio, Nietzsche, Platão, Saramago, Schiller, Schopenhauer, Sêneca.	
3- Lógica e Argumentação	Aristóteles, Newton da Costa, Platão, Schopenhauer.	Luiz Melodia e Jackson do Pandeiro- citados como exemplos no exercício de lógica, sem referência a cor, p. 97. Obama- imagem de debate presidencial, p. 102.
4- Dúvida e Certeza	Agripa, Aristóteles, Carnap, Descartes, Enesidemo, Friedrich Waismann, George E. Moore, Gilbert Ryle, Hume, John McDowell, Oswaldo Porchat Pereira, Pascal, Peter Frederick Strawson, Pirro, Platão, Rudolf Carnap, Schlick, Sexto Empírico, Sócrates, Tomás de Aquino, Wittgenstein.	Machado de Assis- imagem acompanhada da legenda “Machado de Assis (1839- 1908), considerado um dos maiores escritores brasileiros, é autor de romances como Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas.”, p. 111

5- Realidade e Aparência	Anaxímenes, Aristóteles, Bento Prado Jr., Demócrito, Descartes, Diderot, Galileu, Giordano Bruno, Hume, Leucipo, Lucrécio, Marco Aurélio, Montaigne, Nietzsche, Novalis, Parmênides, Pitágoras, Platão, Rousseau, Schiller, Schlegel, Sêneca, Sócrates, Tales, Thomas Kuhn, Tomás de Aquino, Voltaire.	
6- Espírito e Letra	Aristóteles, Foucault, Hans-Georg Gadamer, Hannah Arendt , Heidegger, Husserl, Kant, Marcuse, Nietzsche, Platão, Sartre, Schlegel, Schleiermacher, Sócrates, Voltaire.	
7- Eu e o Outro	Arendt , D'Alembert, Descartes, Diderot, Hegel, Heidegger, Husserl, Jaspers, Merleau-Ponty, Pascal, Rousseau, Sartre, Stirner, Voltaire.	
8- Liberdade e Necessidade	Alexandre de Afrodísia, Cleantes, Crisipo, Engels, Epiteto, Hume, Marx, Marco Aurélio, Panécio, Posidônio, Sêneca, Wilhelm von Humboldt, Zenão de Cítio.	
9- Ordem e Caos	Aristóteles, Bakunin, Descartes, Espinosa, Freud, Hobbes, Husserl, Leibniz, Marx, Pascal, Pitágoras, Platão, Proudhon, Rousseau, Santo Agostinho, Sartre, Sócrates.	
10- Continuidade e Ruptura	Aristóteles, Condorcet, D'Alembert, Diderot, Hegel, Kant, Kuhn, Marx, Nicolás de Caritat, Platão, Rousseau.	
11- Princípio e Temporalidade	Aristóteles, Friedman, Hayek, Hume, Kant, Leibniz, Locke, Orígenes de Alexandria, Platão, Popper, Santo Agostinho, Sócrates.	
12- Finito e Infinito	Agostinho, Anselmo, Aristóteles, Descartes, Duns Scot, Hobbes, Hume, Leibniz, Malebranche, Parmênides, Pascal, Protágoras, Schiller, Sócrates, Tomás de Aquino, Wittgenstein, Zenão de Eleia.	

Dentre as obras analisadas esta é a única que era um exemplar dirigido aos alunos, não contando portanto com o Manual do Professor, também é a única que não está organizada em capítulos, mas em unidades. É organizada por Vinicius de Figueiredo, possui outros cinco autores: Luiz Repa, João Vergílio Cuter, Roberto Bolzani Filho, Marco Valentim e Paulo Vieira Neto; e é distribuída pela Editora Berlendis Editores (2016).

O livro começa com uma seção intitulada Filosofia, o pensamento e o livro: quinze perguntas e respostas, entre estas a questão de número 3 questiona se “Existe então uma filosofia oriental e outra africana, ao lado da filosofia inventada pelos gregos da Antiguidade?” (Figueiredo, 2016, p. 10).

Ao qual segue a seguinte resposta:

Se nos ativermos ao sentido amplo de filosofia, segundo o qual a filosofia é a atividade da reflexão em geral, todo indivíduo que refletiu sobre as questões mais essenciais aos seres humanos praticou filosofia. Nesse sentido, ela jamais foi privilégio de uma cultura particular. Entretanto, em seu sentido mais especializado, a filosofia teve origem entre os gregos antigos, e no seu desenvolvimento nunca deixou de remeter a essa origem. Foi a partir dos gregos antigos que a filosofia começou a fixar um conjunto de textos repetidamente lidos e interpretados, e foi assim que, ainda na Antiguidade, essa atividade do pensar se expandiu para fora da Grécia (Figueiredo, 2016, p. 10).

Em outras palavras, Figueiredo compreende existir dois modos de se fazer Filosofia e ainda denota uma certa superioridade de um destes modos, nas palavras do autor, o de sentido mais restrito, o grego.

Ainda nesta obra outras passagens precisam ser ressaltadas, ao abordar a formação da sociedade brasileira coloca a miscigenação como uma de suas singularidades, sem relevar o fato de quanto essa miscigenação foi cara aos não-brancos, primeiro pelas vias de estupro em que ela se deu e depois pelo projeto ideológico racista de embranquecimento da população. No mesmo contexto e tom, o livro aborda Gilberto Freyre e cita o mito da democracia racial sem no entanto fazer ou encaminhar o alunado para reflexões mais profundas (Figueiredo, 2016, p. 255).

Quanto a isso, ressaltamos análise de Sueli Carneiro:

Em segundo lugar, a miscigenação tem-se constituído num instrumento eficaz de embranquecimento do país, por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “branco da terra” oferecendo, aos intermediários, o benefício simbólico de estarem mais próximos do ideal humano, o branco. Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função desse imaginário social que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação ao mais escuros [...] (Carneiro, 2005, p. 65).

Por fim destacamos que no apêndice este livro conta com o que os autores definiram como “Índices de box bio-filosóficos”, um índice em ordem alfabética para que estudantes possam encontrar com mais praticidade em quais páginas estão os “resumos sobre a vida e a obra de importantes pensadores e autores” (p. 399). Em tal índice constam 31 nomes, nenhum negro ou negra e apenas 1 mulher, Hannah Arendt.

3.2.5 Fundamentos de Filosofia

Autor e autora: Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes

Quadro 5 – Levantamento do livro “Fundamentos de Filosofia”

1- FILOSOFAR E VIVER		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
1- A felicidade 2- A dúvida 3- O Diálogo 4- A consciência 5- O argumento	Adorno, Agostinho, Anaximandro, Anaxímenes, Aristóteles, Avicena, Averróis, Bacon, Baudrillard, Beauvoir , Bentham, Benjamin, Berkeley, César Mortari, Cícero, Comte, Comte-Sponville, Descartes, Derrida, Durkheim, Engels, Epicuro, Espinosa, Foucault, Frege, Freud, García Morente, Giordano Bruno, Goethe, Guilherme de Ockham, Hegel, Heidegger, Hobbes, Horkheimer, Hume, Husserl, Jaspers, Jung, Kant, Leibniz, Lévi-Strauss, Locke, Lyotard, Maquiavel, Marx, Martha Kneale , Merleau-Ponty, Mill, Maimônides, Montaigne, Ortega y Gasset, Parmênides, Pascal, Perelman, Pierre Teilhard de Chardin, Pirro, Pitágoras, Plato, Plotino, Plutarco, Roger Bacon, Rousseau, Russell, Sartre, Schiller, Sêneca, Sócrates, Tales, Tomás de Aquino, Voltaire, William Kneale, Wittgenstein, Zenão de Cício, Zenão de Eleia.	Na página 80 há ilustração de ritual para Iemanjá.
2- NÓS E O MUNDO		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
6- O Mundo 7- O Ser-Humano 8- A Linguagem 9- O Trabalho 10- O Conhecimento	Adam Smith, Adorno, Anaximandro, Anaxímenes, Aristóteles, Baudrillard, Chomsky, Comte- Sponville, Demócrito, Descartes, Destutt de Tracy, Eliade, Engels, Erich Fromm, Ferry, Galileu, Górgias, Gramsci, Hegel, Heráclito, Hobbes, Horkheimer, John L. Austin, Kant, Lévi-Strauss, Locke, Lukács, Marx, Mariconda, Marilena Chaui , Mircea Eliade, Parmênides, Pitágoras, Plato, Pirro, Richard Rorty, Rousseau, Sartre, Sócrates, Tales, Tomás de Aquino, Weber, Wittgenstein, Xenófanes.	Ilustração de divindade iorubá- ilustrando texto sobre mitologia-p. 125. Na página há uma 148 imagem com quenianas como exóticas.

3- A FILOSOFIA NA HISTÓRIA

Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
11- Pensamento pré-socrático 12- Pensamentos clássico e helenístico 13- Pensamento Cristão 14- Nova ciência e racionalismo 15- Empirismo e Iluminismo 16- Pensamento do século XIX 17- Pensamento do século XX	Adam Smith, Adorno, Agostinho, Alfred North Whitehead, Alexandre Koyré, Anaximandro, Anaxímenes, Aristóteles, Avicena, Barthes, Benjamin, Boécio, Bruno, Buffon, Camus, Cassirer, Cícero, Condorcet, Comte, Demócrito, Descartes, Derrida, D'Alembert, Diógenes, Diderot, Empédocles, Engels, Epicuro, Espinosa, Feuerbach, Francis Bacon, Fourier, Freud, Galileu Galilei, Gilbert Ryle, Giordano Bruno, Goethe, Górgias, Gottlieb Fichte, Gottlob Frege, Grosseteste, Hegel, Heidegger, Heráclito, Holbach, Hobbes, Horkheimer, Husserl, Jacques Maritain, Jean Baudrillard, John Kenneth Galbraith, John Langshaw Austin, Justino, Kant, Kierkegaard, Lacan, Leibniz, Leucipo, Locke, Louis Althusser, Lucien Goldmann, Luiz Roberto Salinas Fortes, Malebranche, Maimônides, Marcuse, Maritain, Marx, Maquiavel, Merleau-Ponty, Montaigne, Montesquieu, Nietzsche, Orígenes, Ockham, Pascal, Paulo de Tarso, Pedro Abelardo, Perelman, Pirro, Pitágoras, Plutarco, Plotino, Porfírio, Protágoras, Proudhon, Roscelin de Compiègne, Rousseau, Russell, Sartre, Schelling, Schiller, Schlegel, Schopenhauer, Sêneca, Simone de Beauvoir , Sócrates, Tertuliano, Turgot, Tomás de Aquino, Vernant, Voltaire, Weber, Wittgenstein, Zenão, Zenão de Cício.	Gilberto Gil- Trecho da canção "Tempo rei", p. 202. Na página 307 há a imagem de uma criança nigeriana (negra) desnutrida.

4- GRANDES ÁREAS DO FILOSOFAR

Capítulos:	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
18- A Ética 19- A Política 20- A Ciência 21- A Estética	Adorno, Arendt , Aristóteles, Bacon, Bachelard, Baumgarten, Bobbio, Bodin, Bossuet, Comte, Descartes, Edgar Morin, Engels, Espinosa, Fischer, Foucault, Francis Bacon, Freud, Galileu, Habermas, Hegel, Helvetius, Hobbes, Hume, Jacques, Kant, Kuhn, Langer, Locke, Lukács, Maquiavel, Marx, Mill, Montesquieu, Nietzsche, Piaget, Platão, Popper, Rousseau, Russell,	Imagem com crianças e mulheres negras refugiadas no Sudão, p. 339. Na página 375 há a foto uma criança negra e não sugere pobreza. Machado de Assis- citado tendo sido influenciado por Schopenhauer, p. 385.

	Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Sartre, Schiller, Schopenhauer, Sócrates, Susanne K. , Weber, Whewell.	
--	---	--

Escrito por Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes (2016), distribuído pela Editora Saraiva, o livro não apresenta um filósofo negro sequer e dentre as poucas representações imagéticas de negro traz o reforço de estereótipo da pobreza e do exotismo. Ainda assim, na página 85, em um box nomeado “Observação”, a obra declara:

Tenha em conta que a filosofia ocidental não é a única forma de pensar reflexivo sobre a realidade, embora alguns estudiosos reivindiquem que o termo filosofia deve ser aplicado apenas à produção filosófica do Ocidente. Diversas culturas da Ásia e do Oriente Médio também desenvolveram pensamentos ricos e abrangentes sobre os diversos aspectos do universo e da existência – e até mesmo crítico, conforme assinalam alguns estudiosos –, podendo perfeitamente ser denominados “filosofias” (Obenga, 2004, p. 85, grifo dos autores).

Nesse sentido, cinco páginas à frente, há um esquema denominado “História da Filosofia”, com os filósofos “destaque” de cada período; no enunciado de tal esquema, está em negrito que ele se refere à filosofia ocidental.

Esse cenário já era esperado pela pesquisadora no início da análise do livro, pois o mesmo ainda na apresentação declama estar organizado em 04 unidades, uma delas sendo “A filosofia na história que está assim definida: A filosofia na história – oferece uma visão geral do pensamento filosófico ocidental desde a Antiguidade até a época contemporânea, procurando contextualizar historicamente as distintas filosofias e os debates que despertaram” (Cotrim; Fernandes, 2016. p. 03). Apesar de nomear como história da Filosofia já delimita esta como filosofia ocidental, mesmo dizendo que procura contextualizar as distintas filosofias, no plural.

Ainda sem surpresas, na unidade 3 de forma muito objetiva é dito que “na história do pensamento ocidental, a filosofia nasceu na Grécia entre os séculos VII e VI a.c., promovendo a passagem do saber mítico (alegórico) ao pensamento racional (logos)” (Cotrim; Fernandes, 2016, p. 205).

Na mesma unidade, no capítulo 7 que tratará sobre cultura, tem-se uma passagem curiosa. Na página 142, há uma imagem com diversos rostos de pessoas aparentemente de diferentes etnias, na legenda desta imagem, têm os dizeres “Sustentar a diferença é valorizar a rica diversidade da vida, afastando-se do

empobrecimento vital representado pelas “monoculturas” e pela massificação cultural (Cotrim; Fernandes, 2016). A isso acrescentamos a reflexão de que o referido livro de natureza didática, ao representar como Filosofia apenas a Filosofia ocidental, está reproduzindo o processo por ele mesmo criticado, ou seja, um contrassenso.

Por fim, apesar de o livro ter como uma das autoras uma mulher, isso não serviu para que desigualdade de gênero fosse menor, já que apenas cinco filósofas são citadas.

3.2.6 Iniciação à Filosofia

Autora: Marilena Chaui

Quadro 6 – Levantamento do livro “Iniciação à Filosofia”

1- A FILOSOFIA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
1- A atitude filosófica 2- O que é a filosofia? 3- A origem da filosofia 4- Períodos e campos de investigação da filosofia grega 5- Principais períodos da história da filosofia 6- A transformação da filosofia na contemporaneidade	Abbagnano, Anaxágoras, Anaxímenes, Anaximandro, Aristóteles, Avicena, Berkeley, Bodin, Boaventura de Sousa Santos, Bruno, Clemente, Cícero, Comte, Crisóstomo, Crescas, Descartes, Diderot, Empédocles de Agrigento, Engels, Erasmo, Espinosa, Eusébio, Fichte, Filolau, Ficino, Francis Bacon, Freire, Galilei, Gassendi, Gersônides, Giordano, Górgias, Gregório de Nazianzo, Hegel, Heráclito, Hobbes, Hume, Husserl, Isócrates, João, Justino, Kant, Leibniz, Leucipo, Locke, Malebranche, Maimônides, Maquiavel, Marsílio, Merleau-Ponty, Montaigne, Morus, Newton, Orígenes, Pascal, Paulo, Pitágoras, Plotino, Protágoras, Quine, Rousseau, Schelling, Schopenhauer, Sócrates, Tácito, Tales, Tertuliano, Thomas, Tito Lívio, Vasco Manuel de Magalhães Vilhena, Voltaire, Wittgenstein, Zenão de Eleia.	Na página 41 há a imagem de Mulheres negras com a seguinte legenda: “Participantes da Marcha das Mulheres Negras, em São Paulo (SP). Foto de 2015”, p. 41
2- A RAZÃO		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
7- Os vários sentidos da palavra razão 8- A atividade racional	Adorno, Derrida, Deleuze, Descartes, Espinosa, Foucault, Galileu, Horkheimer, Marcuse, Pascal, Peirce, Platão.	Renato Rocha- ilustração da banda Legião Urbana de quando Renato ainda era integrante, p. 83. Na página 88 há a imagem de

		dois pescadores, um deles é negro.
3- A VERDADE		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
9- Ignorância e verdade 10- Buscando a verdade	Aristóteles, Descartes, Espinosa, Foucault, Hume, Kant, Leibniz, Platão, Sócrates.	
4- A LÓGICA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
11- O nascimento da lógica 12- Elementos de lógica	Alfred Whitehead, Aristóteles, Boole, De Morgan, Émile Bréhier, Frege, Hamilton, Heráclito, Leibniz, Louis Liard, Parmênides, Paulo Margutti Pinto, Peirce, Platão, Russell, Wittgenstein.	Mano Brown- ilustração da unidade é foto do Brown e tem trecho de música do Racionais, p. 123 Denzel Washington - ator retratado na página 144. Candy Mel e Maria Clara Araújo- retratadas em conteúdo sobre gênero e sexualidade, p. 145.
5- O CONHECIMENTO		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
13- A preocupação com o conhecimento 14- Percepção, memória e imaginação 15- Linguagem e pensamento 16- A consciência pode conhecer tudo?	Aristóteles, Avicena, Averróis, Bacon, Bachelard, Demócrito, Descartes, Feuerbach, Freud, Galileu, Gaston, Gregory Bergman, Heráclito, Hipócrates, Husserl, Locke, Maimônides, Marcel Proust, Marx, Merleau-Ponty, Parmênides, Piaget, Platão, Protágoras, Rousseau, Santo Agostinho, Sartre, Sócrates, São Tomás de Aquino.	Luana Hansen- imagem e letra de rap, p. 158-159 Na página 180 há fotos Malinowski com nativos das Ilhas Trobriand. Na página 187 há a retratação de dança de mulheres em Bubaque, uma das ilhas do arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau. Debret- pintura representando escravizados carregando senhor branco, p. 188.
6- A METAFÍSICA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
17- A origem da metafísica 18- A metafísica de Aristóteles 19- As aventuras da metafísica 20- De Kant à ontologia contemporânea	Abelardo, Al-Farabi, Aristóteles, Avicena, Descartes, Deleuze, Duns Scot, Espinosa, Hegel, Heráclito, Hobbes, Hume, Husserl, Jacobus Thomasius, Kant, Lidia Maria , Rodrigo, Maimônides, Merleau-Ponty, Parmênides, Platão, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Eusébio, São Paulo, Sócrates, Tomás de Aquino, William David Ross.	Pelé- foto do atleta, p. 209.
7- A CIÊNCIA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
21- A atitude científica 22- A ciência na história 23- As ciências humanas	Aristóteles, Bacon, Bachelard, Boyle, Comte, Descartes, Dilthey, Durkheim, Edgar Morin,	Pesquisadora negra- foto de pesquisadora do Instituto de Química da USP, p. 241.

	Foucault, Galileu, Gaston, Gilles-Gaston Granger, Hegel, Kant, Lévi-Strauss, Lucien Goldmann, Platão, Weber.	
8- A CULTURA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
24- A Cultura 25- A religião 26- O universo das artes	Adorno, Aristóteles, Bachelard, Baumgarten, Benjamin, Epicuro, Espinosa, Gaston, Heidegger, Horkheimer, Kant, Karl Marx, Lévi-Strauss, Lucrecio, Merleau-Ponty, Platão, Santo Agostinho, Sartre, São Paulo, Sócrates, Tomás de Aquino.	
9- A ÉTICA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
27- A existência ética 28- A ética 29- A Liberdade	Aristóteles, Espinosa, G. E. Moore, Hegel, Heidegger, Kant, Lucien Goldmann, Lukács, Marx, Merleau-Ponty, Nietzsche, Platão, Rousseau, Russell, Sartre, Sêneca, Sócrates.	Jeffrey Wright- imagem do ator no papel do artista plástico Jean-Michel Basquiat, p. 311. Ilustração do capítulo- jovens negros em paralisação contra a reforma educacional em São Paulo, p. 312. Ilustração de jovens no Festival da Ilha de Wight, na Inglaterra, em 1969 tem um jovem negro, p. 334. Rosa Parks- imagem com a legenda "Em 1955, Rosa Parks desafiou a legislação racista do estado do Alabama, nos Estados Unidos, e recusou-se a ceder seu lugar no ônibus a um passageiro branco. Sua detenção levou a uma série de protestos que resultaram na revogação da segregação racial em transportes públicos.", p. 337.
10- A POLÍTICA		
Capítulos:	Filósofos não negros:	Negritude
30- O início da vida política 31- As filosofias políticas 32- A questão democrática	Adam Smith, Aristóteles, Claude Lefort, Cícero, Hobbes, Jean Bodin, Locke, Maquiavel, Marx, Platão, Regis Debray, Rousseau, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Weber.	Ilustração do capítulo tem jovens negros ocupando a Alesp, p. 379 Foto de modelo negros em protesto no Rio (2012), p. 387.

Livro de autoria de Marilena Chauí (2016), pela Editora Ática, esta obra tem uma quantidade de negritude aparentemente maior que as demais (exceto a de Vasconcelos), porém, não associada à intelectualidade.

Logo na primeira unidade a filósofa afirma que a Filosofia tem data e local de

nascimento:

[...] fim do século VII a.C. e início do século VI a.C., na cidade de Mileto, uma colônia grega no território da atual Turquia. E o primeiro filósofo foi Tales de Mileto (c. 624 a.C.-c. 546 a.C.), porque foi o primeiro a afirmar que a razão pode conhecer a causa da origem, permanência e transformação de todas as coisas (Chauí, 2016. p. 36).

Em seguida, aponta seis razões que julga como as principais condições para a formação da filosofia na Grécia: as viagens marítimas dos gregos, a invenção do calendário, a invenção da moeda, o desenvolvimento da vida urbana, a adoção da escrita alfabética e a invenção da política (Chauí, 2016). Finaliza sua argumentação da seguinte maneira:

Dizer que a filosofia é tipicamente grega não significa, evidentemente, que povos como os chineses, os hindus, os japoneses, os árabes, os persas, os hebreus, as sociedades africanas ou as indígenas da América não possuam sabedoria, pois possuíam e possuem. Também não quer dizer que esses povos não tivessem desenvolvido o pensamento e formas de conhecimento da natureza e dos seres humanos, pois desenvolveram e desenvolvem.

Quando se diz que a filosofia é grega, o que se quer dizer é que ela apresenta características, concepções e formas de pensar e de exprimir os pensamentos completamente diferentes das formas de pensar de outras culturas (tanto anteriores à grega quanto nossas contemporâneas) (Chauí, 2016. p. 40).

Sobre esta sequência de argumentações em defesa do milagre grego, reafirmamos que já a refutamos na subseção 3.2.1 deste trabalho.

Na página 188 há outra passagem que merece relevância, nela temos uma reprodução do quadro *Volta à cidade de um proprietário de chácara* (1822), aquarela de Jean-Baptiste Debret, com a seguinte legenda: “*Volta à cidade de um proprietário de chácara* (1822)”. Na divisão da sociedade colonial brasileira, os senhores de terras detinham poder político, bens e riqueza, enquanto os africanos escravizados eram subjugados a eles, sem direito a nenhuma dessas coisas e forçados a abandonar seus saberes.

Apesar de se afirmar que as pessoas escravizadas possuíam saberes, não há qualquer reflexão mais profunda sobre o período escravocrata e suas mazelas, mesmo havendo uma página que trata e associa a divisão do trabalho e alienação social, em que, portanto, numa situação de aprendizagem seria cabível tal reflexão. Assim concordamos com a pesquisadora Flávia C. da Silva (2015) para quem:

os livros didáticos tendem a contribuir para propagar os efeitos maléficos do racismo, ou seja, disseminando-os e não minimizando-os, como o esperado. Este pode aparecer de maneira explícita, estereotipada, ou através do silenciamento [...] (Da Silva, 2015, p. 2).

Encerrarei os comentários de tal livro por meio de algumas sinalizações quanto a Linha do Tempo presente nele. Localizada no final do livro, entre as páginas 392 e 395, antes apenas do glossário e da bibliografia, esta linha começa com Tales de Mileto e termina com Slavoj Žižek. Nesse interim, ela cita 82 filósofos, 16 são representados acompanhados de uma ilustração; dentro destes são citadas 03 mulheres, 02 delas acompanhadas de ilustrações. Como já concluímos em outros livros com esse tipo de síntese, não há negros muito menos negras.

3.2.7 Filosofando – Introdução à Filosofia

Autoras: Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins

Quadro 7– Levantamento do livro “Filosofando: Introdução à Filosofia”

1- DESCOBRINDO A FILOSOFIA		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
1- A experiência filosófica 2- As origens da Filosofia	Anaxágoras, Anaximandro, Anaxímenes, Aristóteles, Danilo Marcondes, Descartes, Empédocles, Epicuro, Epicteto, Galileu, Georges Gusdorf, Giordano Bruno, Hegel, Heráclito, Husserl, Julián Marías, Kant, Leucipo, Luc Ferry, Marilena Chaui , Nietzsche, Panécio, Parmênides, Pitágoras, Platão, Ptolomeu, Protágoras, Pirro, Posidônio, Sócrates, Tales, Xenófanes, Zenão de Cítio, Zenão de Eleia.	
2- A CONDIÇÃO HUMANA		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
3- Natureza e Cultura 4- Linguagem e pensamento 5- Trabalho, consumo e lazer	Adam Schaff, Adorno, Arendt , Aristóteles, Bacon, Bauman, Beauvoir, Bentham, Charles Sanders Peirce, Comte-Sponville, Descartes, Ernst Cassirer, Foucault, Francis Bacon, Galileu Galilei, Georges Gusdorf, Horkheimer, Locke, Lipovetsky, Lyotard, Marcuse, Marx, Merleau- Ponty, Pascal, Pierre Lévy, Rousseau.	Na página 35 há a ilustração como exótica mulher negra do povo bomba da Namíbia Crianças negras de Papua Nova Guiné- retrato, p. 36.
3- CONHECIMENTO E VERDADE		
Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
6- O que podemos conhecer?	Agostinho de Hipona, Andronico	Exercício 7- exercício sobre

<p>7- Ideologias: as ilusões do conhecimento</p> <p>8- Lógica: aristotélica e simbólica</p> <p>9- A busca da verdade: Antiguidade e idade Média</p> <p>10- Filosofia moderna e crise da metafísica</p> <p>11- Filosofia Contemporânea</p>	<p>de Rodes, Anselmo, Anselmo de Aosta, Aristoteles, Arley Moreno, Bacon, Bergson, Cícero, Comte, Comte-Sponville, Condillac, Condorcet, D'Alembert, Davidson, Derrida, Descartes, Destutt de Tracy, Deleuze, Diderot, Étienne Condillac, Espinosa, Feuerbach, Foucault, Freud, Frege, Friedrich Schelling, Galileu Galilei, Gianni Vattimo, Giordano Bruno, Giorgio Agamben, Górgias, Gottlob Frege, Gramsci, Guattari, Hegel, Henri Poincaré, Heráclito, Hobbes, Horkheimer, Hume, Husserl, Jean Baudrillard, John Dewey, Johann Gottlieb Fichte, Kant, Karl Popper, Kierkegaard, Leibniz, Lenin, Leônidas Hegenberg, Lipovetsky, Locke, Lyotard, Mannheim, Marcuse, Marx, Merleau-Ponty, Miguel Lemos, Mill, Montaigne, Montesquieu, Moore, Nicola Abbagnano, Newton da Costa, Nietzsche, Olgária Matos, Oswald de Andrade, Oswald Porchat Pereira, Pascal, Paul Ricoeur, Pedro Abelardo, Peirce, Pirro, Platão, Plotino, Pródico, Richard Rorty, Richard Whately, Roscelino, Rousseau, Russel, Russel Moore, Sartre, Schelling, Schopenhauer, Scarlett Marton, Sócrates, Stuart Mill, Teixeira Mendes, Tomás de Aquino, Trasímaco, Umberto Eco, Voltaire, Walter Benjamim, Werner Jaeger, Wesley Salmon, William James, Wittgenstein, Zizek.</p>	<p>campanha publicitária racista, p. 90 e 91.</p> <p>Página 86- seção Para Refletir, discorre sobre polêmica tirinha Tin Tin no Congo.</p> <p>Black Power- tirinha na página 87 com ovelhas aparentado cabelo no estilo black power servem de ilustração para termologia ovelha negra.</p> <p>Agostinho de Hipona- está entre parênteses "África", p. 115.</p> <p>Machado de Assis - uma nota fala novamente da influência de Schopenhauer, p. 141.</p>
---	--	---

4- FILOSOFIA MORAL

Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
<p>12- Moral, ética é ética aplicada</p> <p>13- Ninguém nasce moral</p> <p>14- Podemos ser livres?</p> <p>15- A felicidade: amor, corpo e erotismo</p> <p>16- Teorias éticas: abordagem cronológica</p>	<p>Adela Cortina, Alain (pseudônimo de Émile-Auguste Chartier), Antístenes, Aristóteles, Bentham, Benjamin, Comte, Comte-Sponville, Descartes, Diógenes de Sinope, Diotima, Dario Antiseri, Emilio Martínez, Epicuro, Espinosa, Francis Wolff, Foucault, Franklin Leopoldo e Silva, Freud, García Morente, Giovanni Reale, Górgias, Habermas, Hannah Arendt, Heidegger, Henry David Thoreau, Hippolyte Taine, Husserl, Hume, Kant, Karl-Otto Apel, Kierkegaard, Kohlberg, Lacan, Leibniz, Lipovetsky,</p>	<p>Martins Luther King- ilustração para tema de desobediência civil, p. 181.</p> <p>Rosa Parks – ilustra exercício, p. 185.</p> <p>Jimi Hendrix- ilustrado como músico talentoso, p. 210.</p> <p>Na página 220 aborda-se brevemente a existência de discriminação contra negros.</p>

	Marcuse, Marco Aurélio, Merleau-Ponty, Mill, Misrahi, Montaigne, Nietzsche, Pascal, Piaget, Platão, Protágoras, Robert Misrahi, Roland Barthes, Sartre, Santo Agostinho, Scarlett Marton , Sêneca, Sócrates, Stuart Mill, Tugendhat, Zenão de Cítio.	
--	---	--

5- FILOSOFIA POLÍTICA

Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
17- A construção da democracia 18- Direitos Humanos 19- Política Antiga e Medieval 20- Da construção do Estado Moderno ao Liberalismo 21- Teorias Socialistas 22- Política Contemporânea	Adela Cortina , Adam Smith, Adorno, Agamben, Agostinho, Antonio Negri, Arendt , Aristóteles, Bacon, Bakunin, Beccaria, Bentham, Benjamin, Bobbio, Bourdieu, Chomsky, Claude Lefort, Comte-Sponville, D'Alembert, David Ricardo, Descartes, Diderot, Emilio Martínez, Engels, Erich Fromm, Feuerbach, Foucault, Fourier, Galileu, Gérard Lebrun, Gramsci, Hegel, Hobbes, Hugo Grócio, Hayek, Horkheimer, Jean Bodin, John Rawls, Kant, Keynes, Lênin, Locke, Mészáros, Maquiavel, Marcuse, Marilena Chaui , Marsílio de Pádua, Mill, Montesquieu, Noam Chomsky, Perry Anderson, Pierre Bourdieu, Pierre Lévy, Platão, Proudhon, Robert Owen, Rousseau, Rancière, Saint-Simon, Sócrates, Tomás de Aquino, Tocqueville, Voltaire, Werner Jaeger, Wolff, Weber, Zizek.	Ilustração da página 243 é foto com jogadores na copa dos refugiados segurando bandeira do país de origem. Todos são negros

6- FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS

Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
23- Ciência, tecnologia e valores 24- Ciência Antiga e Medieval 25- Revolução Científica e Método das ciências naturais 26- O nascimento das Ciências Humanas	Agostinho, Alan Chalmers, Alexandre Koyré, Aristoteles, Bacon, Boécio, Descartes, Eudoxo, Fourez, Freud, Feyerabend, Galileu, George Kneller, Giordano Bruno, Guattari, Hegel, Henri Poincaré, Herbert Spencer, Hipócrates, Kuhn, Locke, Marx, Otto Neurath, Pascal, Paul Valéry, Pierre Duhem, Pitágoras, Platão, Popper, Russel, Schlick, Skinner, Tales, Tomás de Aquino, Weber, Wilhelm Dilthey, Wilhelm Wundt, Wittgenstein, Zingano.	Um dos exercícios fala da retirada de monumento da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul e pede que aluno fale do tratamento dado aos colonizados pelos colonizadores, p. 343.

7- ESTÉTICA

Capítulos	Filósofos não negros:	Negritude
27- Estética: introdução conceitual	Adorno, Agostinho, Aristoteles, Arthur Danto, Baudrillard,	Aleijadinho- igreja projetada por ele ilustra a unidade, p.

<p>28- Cultura e arte 29- Arte como forma de pensamento 30- A significação na arte 31- Concepções estéticas</p>	<p>Baumgarten, Comte-Sponville, Derrida, Descartes, Ernst Cassirer, Horkheimer, Hegel, Hume, Kant, Locke, Luc Ferry, Lyotard, Mikel Dufrenne, Nietzsche, Platão, Schiller, Schopenhauer, Tomás de Aquino.</p>	<p>346.</p> <p>Basquiat- citado em meio a outros artista em contexto que fala sobre cultura hip-hop, p. 356.</p> <p>Bumba meu boi- Ilustração- p. 357.</p> <p>Rap- ritmo musical citado como música de contestação e perdeu sua força, p. 359</p> <p>O exercício 10 pede uma dissertação com o tema: "O hip-hop É um movimento cultural ou político", p. 361.</p> <p>Na página 370 o exercício 6 pede que se análise a pintura Olympia de Monet, na qual há uma mulher negra retratada.</p> <p>A página 389 e dedicada a falar sobre arte africana.</p>
--	---	--

Obra das filósofas brasileiras Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins sob responsabilidade da Editora Moderna, a obra concorre como das menos engajadas em uma educação que se preze antirracista. Primeiramente ainda coadunando com pensamento de Silva (2015) sobre os malefícios do silenciamento frente a situações que deveriam ser problematizadas para que pudessem almejar ser dirimidas, na página 135 do material, numa seção intitulada "Para Refletir", há a seguinte proposta aos alunos:

Existe criminoso nato? Há quem pense que sim. O médico criminalista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) desenvolveu uma teoria para "identificar", na formação craniana e nos traços de fisionomia, os sinais da delinquência. Suas conclusões, de orientação positivista, tiveram ampla aceitação por certo período. Sua influência teria desaparecido? Talvez você já tenha percebido que no relato de notícias policiais, é comum algumas pessoas tentarem explicar as ações criminosas com base em condicionantes psicológicos (distúrbios mentais, comportamento antissocial nato) ou fisiológicos (biológicos), que determinariam aqueles atos. Qual é seu ponto de vista? Para você, as teorias de Lombroso para explicar o comportamento criminoso são válidas ou não? Justifique sua resposta (Aranha; Martins, 2016, p. 135).

A passagem acima exposta está alocada com o conteúdo sobre Positivismo e entendemos que municiar os estudantes para que pudessem realizar uma análise

crítica a contento das teorias raciais do século XIX, isso deveria ser problematizado, imbricado com as consequências da eugenia.

Na mesma seção (Para Refletir), a obra didática aborda o conceito kantiano de paz perpétua:

Publicada em 1795, a obra “À paz perpétua”, de Kant, ecoa os ideais iluministas. Nesse escrito, o filósofo alemão elabora uma espécie de tratado de paz entre as nações, defendendo os princípios da não intervenção e da autodeterminação dos povos como bases para o estabelecimento da paz. Na história recente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 é um documento que se aproxima dos ideais kantianos ao estabelecer o corpo do direito internacional dos direitos humanos, mas encontra resistência para efetivar-se. Reflita com um colega sobre as atuais dificuldades para a instauração da “paz perpétua” (Aranha; Martins, 2016, p. 135).

Novamente não há nenhum questionamento ou lembrança das aporias racistas do filósofo, conforme nos esclarece Sueli Carneiro:

Em sua antropologia, Kant identifica diferenças inatas entre as raças. Elas abrigariam capacidades e inclinações que seriam grandemente devidas ao meio ambiente. Assim, os trópicos seriam inibidores do desenvolvimento de tipos laboriosos como seria o caso dos negros, ao contrário do que ocorreria nos climas temperados, fator explicativo da propensão dos povos brancos ocidentais, que neles tendem a serem mais laboriosos. O foco das preocupações de Kant é determinar as condições de possibilidade de desenvolvimento da espécie humana da cultura e da civilização e identificar os grupos humanos mais aptos para a realização dessa tarefa. Da classificação das capacidades inatas de cada uma das raças humanas, Kant conclui serem os nativos americanos pessoas fracas para o trabalho árduo e resistentes à cultura. Já os asiáticos seriam tipos humanos civilizados, mas sem espírito e estáticos, enquanto os africanos seriam tipos humanos que representam a cultura dos escravos, posto que aceitam a escravidão, não têm amor à liberdade, e seriam incapazes de criarem sozinhos uma sociedade civil ordenada. Essas características seriam da ordem do caráter moral dos seres humanos, no qual se inscreve o mundo da liberdade do qual os africanos estariam excluídos, por sua natureza individual afeita à escravidão (Carneiro, 2005, p. 98-99).

Isto posto, fica o questionamento de quais nações seriam elegíveis para Kant como dignas de paz.

Retomando o escopo da representatividade e invisibilização da intelectualidade negra, é interessante também comentarmos que, na página 241, a obra didática traz num exercício uma citação da filósofa francesa Simone de Beauvoir para criticar a colonização de seu país sobre a Argélia, e assim ressaltamos que aqui havia uma gritante oportunidade (e quiçá necessidade) de que um filósofo colonizado e não do

campo do colonizador fosse utilizado para narrar a experiência aos educandos.

Similarmente, na página 253 na seção “Leitura Complementar”, cujo título é “O que é racismo?” um filósofo branco é quem tem o lugar de fala, Carlos Skliar, argentino que apesar de atuar com a pedagogia das diferenças não agrega para a construção de representatividade. O que argumento aqui é nem para os “lugares-comuns” colonização-racismo a negritude é alçada a detentora de conhecimento.

A obra ainda apresenta outras passagens controversas como na página 359, no contexto de conteúdo sobre a indústria cultural, em que alega que quando o rap passou a estar na televisão e em espaços da classe média e alta perdeu sua força de contestação. Ou ainda num exercício na página 370 quando literalmente a mulher negra presente na obra de arte que deve ser analisada é aniquilada, conforme segue:

Na obra *Olympia* (1863), de Édouard Manet, quebrou-se o código da dupla moralidade masculina, mostrando ao público uma prostituta, que normalmente era procurada pelos homens em lugares privados e com discrição. Era um assunto proibido do cotidiano trazido à luz. Retome a “Leitura complementar” (página 369), observe a imagem e responda ao que se pede:

Descreva a imagem.

Quem é a mulher representada? O que fazia?

Onde foi apresentada essa tela? Para qual público?

Que interpretação se pode fazer dessa exibição pública de uma prostituta na época? (Aranha; Martins, 2016, p. 370).

Figura 2 – *Olympia* de Édouard Manet, 1863



Fonte: Museu Orsay.

3.2.8 Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia

Autor: Ricardo Melani

Quadro 8 – Levantamento do livro “Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia”

Introdução: O que é Filosofia?		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
	Aristóteles, Carlos Passos, Descartes, Dilthey, Heidegger, Luckesi, Merleau-Ponty, Platão, Schopenhauer, Sócrates, Singer	
1- O QUE É?		
Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
1- O que é isso? O ser e a ética 2- O que são valores? A reflexão sobre o ser humano 3- O que é realidade? A descoberta do mundo suprassensível 4- O que é essência de algo? O conhecimento das causas 5- O que é felicidade? A busca da paz interior 6- O que é Deus? A	Adorno, Agostinho, Andrônico de Rodes, Antífote, Antístenes, Anaxágoras, Anaximandro, Anaxímenes, Averróis, Bobbio, Comte, Danilo Marcondes, Descartes, Diógenes, Empédocles, Epicuro, Feuerbach, Filon de Alexandria, Francis Bacon, Freud, Górgias, Guattari, Hegel, Heidegger, Heráclito, Horkheimer, Hume, Justino,	Gilberto Gil- canção Refazenda, p. 35. Cartola- trecho da canção “O sol nascerá”, p. 52. Bushmen- foto de indivíduos da etnia Bushmen se reúnem em volta de uma fogueira no Deserto de Kalahari, p.65.

filosofia cristã	Leucipo, Lipovetsky, Locke, Marx, Maimônidas, Michel Onfray, Nietzsche, Panécio, Parmênides, Peter Singer, Philotheus Boehner, Pirro, Pitágoras, Platão, Plotino, Posidônio, Pródico, Protágoras, Rousseau, Rudolph Go- clenius, Sartre, Schopenhauer, Sexto Empírico, Sêneca, Simon Blackburn, Sócrates, Tales, Tertuliano, Tomás de Aquino, Trasímaco, Wittgenstein, Xenófanos, Zenão.	Na página 95 há uma imagem de Pelé jogando futebol. Chico César- Canção "Deus me proteja" p. 131.
------------------	--	--

2- O QUE PODEMOS CONHECER?

Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
7- O que conhecemos pela razão? O racionalismo e a busca pelo conhecimento seguro e verdadeiro 8- O que conhecemos pelos sentidos? 9- Como organizamos o conhecimento? A filosofia crítica ou transcendental. 10- O que é sociedade moderna? Os direitos humanos 11-O que é sociedade capitalista? O Estado como fonte de desenvolvimento e opressão 12- O que é liberdade? Poder e controle da expressão humana	Adam Smith, Alan Francis Chalmers, Aristoteles, Bakunin, Baumgarten, Berkeley, Condorcet, David Ricardo, Deleuze, Descartes, Diderot, Espinosa, Engels, Ernst Cassirer, Francis Wolff, Friedman, Foucault, Galileu Galilei, Hegel, Hayek, Heidegger, Heráclito, Hobbes, Hume, Jeremy Bentham, Johannesburg Fichte, Kant, Keynes, Leibniz, Locke, Maquiavel, Marx, Merleau-Ponty, Montesquieu, Nietzsche, Pedro Abelardo, Popper, Rousseau, Saint- Simon, Sartre, Schelling, Schopenhauer, Xenófanos.	Na página 173 há ilustração com 1 ator negro encenando o filme francês Samba (2014). Marques Toliver - ilustração de músico norte-americano durante apresentação em Nova York. 197.

3- QUAL É O SENTIDO DAS COISAS?

Capítulos	Filósofos(as) não negros(as):	Negritude
13- O que podemos entender? O pensamento e o sentido 14- Como podemos argumentar? Lógica e argumentação 15- Qual é o sentido da vida? A consciência e a existência humana 16- O que é ciência? O conhecimento científico moderno e o contemporâneo 17- Quem é o indivíduo da sociedade contemporânea? Fim dos grandes relatos e a busca de identidade 18- O que é tempo? O conceito de tempo na filosofia	Adorno, Alan Francis Chalmers, Aristóteles, Bauman, Berkeley, Bergson, Camus, Cezar Augusto Mortari, Comte, Comte-Sponville, Copi, Derrida, Descartes, Deleuze, Feyerabend, Franz Bretano, Frege, Galileu Galilei, George Boole, George Moore, Gottlob Frege, Hegel, Heidegger, Heráclito, Horkheimer, Husserl, Irving Marmer Copi, Kant, Kierkegaard, Kuhn, Leibniz, Lipovetsky, Locke, Lyotard, Marcuse, Marx, Merleau-Ponty, Nietzsche, Olgária Matos , Parmênides, Peirce, Platão, Popper, Rouanet, Russell, Santo Agostinho, Sartre, Schopenhauer, Simone de Beauvoir , Wittgenstein.	

Também da Editora Moderna, este livro didático é de autoria de Ricardo Melani. Já na introdução temos um texto cujo título é: “Filosofia: origem oriental ou ‘milagre grego’?” Neste texto o autor assume que a origem da Filosofia é controversa, porém ao longo do livro e mais especificamente da unidade 1, vemos referências claras ao surgimento da filosofia na Grécia, ao tratar, por exemplo, os pré-socráticos como primeiros filósofos: “Voltemos ao problema enfrentado pelos primeiros filósofos, também chamados de naturalistas ou pré-socráticos” (Melani, 2016. p. 39), ou ainda ao colocar a filosofia como pensamento racional em oposição a mitologia grega: “O pensamento filosófico sempre foi marcado por essa busca de explicações racionais. No entanto, isso não significa que houve uma ruptura abrupta e intransponível entre as narrativas míticas e as explicações filosóficas” (Melani, 2016, p. 38).

Na unidade 2, seu último capítulo recebe o título “O que é liberdade?” (Melani, 2016, p. 255) e se inicia com um subtítulo “A escravidão no Brasil e a luta pela liberdade”, logo abaixo deste subtítulo está um texto intitulado “Deus é negro”, com passagens que clamam a ancestralidade e a divindades de religiões de matriz africana, porém o autor do texto é Frei Betto, homem branco. Logo abaixo do texto está:

Estima-se que, entre 1550 e 1855, mais de 4 milhões de africanos escravizados foram trazidos para o Brasil. A maioria deles pertencia a dois grandes ramos étnicos – o sudanês e o banto - que se subdividiam em diversos grupos, como bengalas, iorubás, tapas, jejês, angolas, monjolos e moçambiques. Os escravos, que eram considerados legalmente coisas, tinham expectativa de vida de pouco mais de dezoito anos.

No trecho acima, o escritor e religioso Frei Betto aborda a importância da tradição africana na cultura brasileira e mostra que os negros criaram um espaço de resistência ao sistema escravista (Melani, 2016, p. 255).

Segue-se a isto uma imagem sobre a comemoração do 20 de novembro, a famosa citação de Clarice Lispector⁸ e passa-se à reflexão dos iluministas sobre a liberdade. Ou seja, tal qual ocorre em outros livros, tal qual no livro analisado anteriormente, mesmo em momentos claramente oportunos não temos a aparição de uma pessoa negra como intelectual, como autor ou autora, como filósofo ou filósofa. Para elucidar esta conjuntura, tomamos novamente Sueli Carneiro:

⁸ “Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.” LISPECTOR, Clarice. In: MELANI, Ricardo, 2016, p. 256.

[...] no campo de produção acadêmica sobre as relações raciais ou dos estudos raciais, após longa produção sobre esses temas, na maior parte desse tempo histórico o negro esteve ausente como sujeito dessa reflexão. Essa extraordinária produção sobre esse objeto se deu ao mesmo tempo tomando-o como informante desse domínio, porém sem o seu acolhimento como sujeito político e de conhecimento [...] Essa negação reitera o caráter reificado que o negro adquiriu na sociedade e as relações de poder que estão imbricadas nesse processo de objetivação [...] (Carneiro, 2006, p. 57).

Já na unidade 3, no capítulo 15, há uma seção identificada como “Outras perspectivas” e um texto chamado “A vida da mulher”, nas próximas páginas, amparado na teoria de Simone de Beauvoir, o livro discorre sobre a condição ocidental e capitalista de ser mulher, até a subseção que explana dados quanto a mulher brasileira; aqui apesar de diversos dados sobre a condição da mulher no Brasil e muitos com o recorte de raça e de violência, mantêm-se a exclusão dessas vozes para falarem sobre si.

Por fim, no capítulo 18, o último deste livro, na seção intitulada “Enem, vestibulares e concursos”, na página 395 há a reprodução de uma questão do Enem 2014 que aborda o Parecer CNE/Cp n. 3/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, apesar de que ao longo do capítulo essa temática não é abordada, assim a questão parece estar ali por dialogar com resgate de memória.

3.3 Ponderações

Se como já dizia Aristóteles a visão é o sentido preferido das pessoas, os livros de filosofia não colaboram para que os estudantes afro-diaspóricos possam reverter a imagem que a colonização racista criou, a única exceção é Machado de Assis, o negro que mais aparece no conjunto dos materiais, porém, que pouco ressalta sua negritude. Via de regra, as representações de negros são em situações de pobreza ou exotismo. Percebe-se que os negros estão, nesse contexto, em lugares marginalizados ou “nas artes”, sem defender que a Arte seja menor, mas essa pesquisa reflete sobre a manutenção da branquitude filosófica num país com mais da metade da população de negros – 55, 8%- (PNAD-IBGE, 2018) e com duas décadas da já mencionada Lei 10.639/03.

Quando se assume que há filosofias, ainda assim se está pensando em euro-norte-americanos, em correntes filosóficas, em filósofos discordantes mas não em outro paradigma geopolítico de conhecimento com status de filosófico.

Uma curiosidade despertada na análise é que vários dos livros falam sobre o holocausto judeu, mas não há o mesmo tratamento para a colonização mesmo com o sabido genocídio negro que acarretou, é notável também a diferença de tratamento dada às religiões de matriz africana já que os livros citam Deus, filósofos cristãos, passagens bíblicas diversas vezes sem colocá-los no lugar do inferior, do exótico ou ainda do não racional, dado que o tratamento dado à Grécia como berço da Filosofia, diferenciando-a de outras formas de pensamento que existissem em outros locais, se faz exatamente com o argumento da racionalidade.

Ademais, em primeira análise os livros podem parecer não estar em conformidade com os princípios e critérios do Guia PNLD (2017), quando coloca entre seus critérios para o componente curricular Filosofia que os livros:

21 - A obra explicita a multiplicidade do debate filosófico e oferece uma orientação filosófica geral e não a perspectiva de uma única "escola filosófica"

23 - A obra possibilita múltiplas abordagens, explicitando a pluralidade por meio da qual a Filosofia se apresenta e garante ao docente e aos discentes o exercício do debate e a consolidação autônoma de posições em meio a um diálogo plural, inclusive nos debates sobre ética? (Brasil, 2017, p. 15).

Porém, o próprio Guia mantém um entendimento excludente da Filosofia quando dispõe entre esses mesmos critérios e princípios:

26 - A obra garante uma sólida formação em História da Filosofia e o conhecimento dos textos e problemas herdados dessa tradição e, por meio desta, a capacidade de debater temas contemporâneos, de leitura da realidade, de diálogo com as ciências e as artes, de refletir sobre a realidade e transmitir o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente?

27 - A obra apresenta a História da Filosofia, os textos por meio dos quais se apresenta e o contexto de sua produção e de suas leituras, como elemento indispensável ao tratamento adequado de questões filosóficas? (Brasil, 2017, p. 16).

Pela análise dos livros e dado que foram aprovados e considerados alinhados ao documento, conclui-se que o que é considerado Filosofia é a euro-norte-americana.

Além disso, na apresentação das coleções o Guia ressalta:

As seguidas modificações na legislação educacional brasileira nos últimos anos lançam desafios para todas as áreas do conhecimento, inclusive para a Filosofia. Algumas obras começaram a dedicar um espaço específico para o estudo sobre gênero e Filosofia, estudo importante, sobretudo pelo espaço que temas nessa área tem ocupado em polêmicas nos meios de comunicação, discursos e práticas políticas e no cotidiano das escolas. As obras aprovadas no PNLD também podem contribuir para um resgate da contribuição feminina na tradição filosófica, estimulando os estudantes a pesquisas em cada livro sobre essa presença feminina. Uma maior visibilidade da contribuição das mulheres ao longo da tradição exigirá de vocês um trabalho transversal e de complementação de textos.

O § 2º do artigo 26-A incluído na LDB pela Lei nº 11.645, de 2008, prevê que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. Considerando que estes conteúdos devem estar presentes “em todo o currículo escolar”, as aulas de Filosofia jamais poderão ficar isentas de enfrentar a questão da importância dessas histórias e culturas para a Filosofia, assim como a existência de obras de autorias afro-brasileiras e indígenas, que apresentam textos pertinentes, desde uma perspectiva filosófica. Assim, para além das eventuais menções a questões relativas às histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas nas coleções, será demandado aos/às docentes ampliar a pesquisa e produção de materiais necessários para atender adequadamente ao disposto na lei em suas aulas de Filosofia (Brasil, 2017, p. 19).

A isto destacamos que os livros possuem em média 400 páginas, apenas um deles possui uma unidade voltada à demanda acima e repetimos que eles foram aprovados em edital (MEC, 2015) pelo órgão governamental responsável pela educação e que esse mesmo órgão minimiza o fato e repassa a responsabilidade aos docentes que como já colocado nesta pesquisa, via de regra, possuem formação acadêmica canônica.

Numa conclusão que pode soar redundante para a seção, a partir de uma, mesmo que rápida, visualização dos quadros depreende-se que não há um reconhecimento dos negros e negras como filósofos e que em relação às mulheres brancas há um reconhecimento ainda muito incipiente.

4 MATERIAL DIDÁTICO

Nesta quarta parte, serão apresentadas as diretrizes para a formulação do material didático, uma caracterização da escola e turma na qual ele foi aplicado e um relato da aplicação combinada com a sugestão de sequência didática. Esta seção é importantíssima para nossa temática, pois por meio do material⁹ criado perfaz-se uma possibilidade real de enfrentamento às questões problematizadas ao longo desta pesquisa, intentando que ele seja a encruzilhada aludida na introdução desta dissertação além de divulgado e utilizado por outros docentes.

4.1 Construção do material didático

No artigo O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro, a pedagoga Jeruse Romão traz várias elucidações sobre como a escola é um espaço hostil para esse público, mas dentre suas denúncias estão também algumas possibilidades para a construção da mencionada autoestima positiva e entre estas possibilidades estão os recursos didáticos. Nas palavras da autora:

As estatísticas sobre a educação apontam que crianças e adolescentes de ascendência africana são os que mais se evadem ou são excluídos da escola. Os motivos são os mais variados, e por muito tempo ficamos centrados nas abordagens econômicas e culturais sem olhar o que estaria ocorrendo nas salas de aula ou, indo mais além, sem analisar as políticas educacionais e questionar sua preocupação com a equidade; sem analisar se há utilização social do orçamento para a educação de forma que contemple com prioridade as políticas e as demandas dos setores historicamente desfavorecidos e sem observar outros aspectos, como os recursos didáticos, o currículo escolar e a formação do educador (Romão, 2001, p. 168).

Isto posto, o material didático elaborado pretende exatamente ser uma destas possibilidades que auxiliará na construção de uma autoestima positiva dos estudantes negros mas vai além disso, buscando ser uma ferramenta de resistência ao epistemicídio e, mais ainda, de construção de uma educação antirracista. Conforme nos esclarece a filósofa Adilbênia F. Machado:

Além dessa formação/transformação dos educadores, é importante repensar e continuar produzindo um material didático que saia do

⁹ O material encontra-se no Anexo B desta pesquisa.

monocentrismo liderado pelo eurocentrismo, e repensarmos ainda as práticas escolares, pois, como já dissemos, as temáticas abordadas na Lei 10.639 fazem parte do cotidiano, necessitando estar presente no planejamento dos professores e serem trabalhadas continuamente por toda a equipe pedagógica de cada escola. Estamos falando de relações étnico-raciais, de reconhecimento do outro, de respeito à cultura do outro, de conhecimento de nós mesmos, da diversidade cultural, assim como das singularidades de cada contexto e de cada ser, é uma discussão permanente e transversal, como já fora pontuado (Machado, 2014, p. 74).

O material inicia-se buscando, em linguagem didática e apropriada à educação básica, explicar aos estudantes o que é epistemicídio apresentando também aos alunos a filósofa Sueli Carneiro, aliás, foi uma preocupação colocar a biografia dos(as) autores(as) utilizados, as imagens deles além de o material ser composto quase que completamente por pensadores e pensadoras negros e negras.

Em seguida, aborda a querela existente em torno da origem da Filosofia e apresenta os filósofos Théophile Obenga e Cheikh Anta Diop.

Temos então a canção Voz Ativa do grupo Racionais MC's que perpassará grande parte das atividades dispostas no material. Nesse ínterim, os alunos serão chamados a refletir sobre a condição de desigualdade entre brancos e negros no país e uma breve retomada histórica da colonização é narrada.

Para explicitar a heterogeneidade dos efeitos da colonização, utilizamos algumas contribuições dos filósofos Frantz Fanon e Grada Kilomba.

Após isso, através de um vídeo é apresentado aos alunos o conceito de Mito da Democracia Racial, para embasar este conteúdo utilizamos Abdias do Nascimento e em seguida esclarecermos o fato do racismo ser estruturante da sociedade brasileira, fato corroborado por trechos da obra Racismo Estrutural do filósofo Silvio Almeida (Almeida, 2019).

Utilizando novamente das contribuições de Sueli Carneiro, Grada Kilomba e dados de institutos de pesquisa, problematizamos a condição da mulher negra e os diversos atravessamentos a que estão submetidas, ou seja, a interseccionalidade, conceito para o qual recorreremos aos esclarecimentos de Carla Akotirene.

Passamos, então, à apresentação, novamente por meio de um vídeo aos estudantes da Lei 10.639/03 para problematizarmos a presença massiva do cânone hegemônico na Filosofia, trazendo outras possibilidades para os currículos do componente curricular, utilizando para tanto as propostas de Adilbênia Machado,

Wanderson Flor do Nascimento e Renato Nogueira¹⁰.

Foi também uma preocupação fundamental do material que os recursos exigidos para sua implementação fossem coerentes com a realidade da escola na qual será aplicado e que a maior parte dele possa ser utilizada em várias escolas de realidades diferentes. Daí inclusive a opção por um material impresso e que não exigisse muitos recursos tecnológicos.

Por fim, o desenvolvimento deste material foi alicerçado pelo seguinte raciocínio:

A busca de outros modos de subjetivação que rompam os paradigmas instituídos pelo dispositivo de racialidade situa-se como demanda para educação e para a produção de conhecimento. Aí se evidencia, ainda, a disputa da verdade histórica como um campo de batalha fundamental para alterar os pressupostos da dominação racial e viabilizar outra subjetivação. O resgate histórico de Zumbi dos Palmares recuperou para os negros brasileiros o mito do herói, contrapondo-se a uma historiografia oficial que deu por evidente a aclimatação dos negros à escravidão como um traço de natureza derivada de suas instituições sociais. Sua eficácia simbólica se expressa na extensão cada vez maior que as comemorações a ele tributadas ganham lugar na agenda dos movimentos negros e da sociedade abrangente. Um resgate construído, sobretudo, por força da ação militante, que cria modelo de identificação que é via de escape do dispositivo, [...] (Carneiro, 2005, p. 301).

4.2 Alternativas curriculares

Como já mencionado acima, no material didático construído ao longo desta pesquisa buscou-se também apresentar alternativas de enfrentamento ao currículo imposto. Para tanto recorremos a propostas curriculares de Adilbênia Freire Machado, Renato Nogueira e Wanderson Flor do Nascimento.

Nesta seção explanaremos brevemente sobre tais propostas iniciando pelo afrorreferenciamento do currículo sugerido pela filósofa e doutora em educação Adilbênia Freire Machado. Partindo de perspectiva similar a desta pesquisa sobre a Filosofia ocidental ainda ser majoritariamente excludente e geradora de exclusão de grupos sociais como indígenas, negros e mulheres, em sua tese a filósofa nos convida a uma descolonização epistêmica num processo de subversão das imposições ocidentais ao conhecimento e ao seu processo de construção, ressaltando um projeto educacional que valorize, inclua e descolonize os afetos, sentimentos, poesias e

¹⁰ Sobre os quais discorreremos na próxima seção.

ancestralidades, propondo- inclusive- a ancestralidade e o encantamento enquanto conceitos metodológicos, explana “Não venceremos o racismo e o patriarcado usando as armas coloniais, as armas do patriarcado [...] (Machado, A. F. 2019. p. 50).

Ainda segundo a autora:

[...] refletir a educação desde perspectivas africanas, desde a implementação da Lei 10.639/2003 é pensar currículos e metodologias implicadas com a alteridade, tendo o contexto como fundamental e fundante para e na “produção” de conhecimento [...] (Machado, A. 2019, p. 142).

Entendemos que um currículo afrorreferenciado é também um currículo que valoriza as experiências, a prática, modos de ser e de conhecer que acabam desvalorizados, invisibilizados na educação formal reprodutora do canône, assim:

Pensar/ refletir/ criar um currículo afrorreferenciado é pensar desde a teia da diversidade, da horizontalidade dos saberes, da pluralidade de vozes/epistemologias, dos modos diversos de aprender/ensinar/conhecer/experienciar. É propor uma formação para fortalecer o pertencimento, a humanidade das pessoas, permitindo-as compreenderem-se criadoras, também, do conhecimento compartilhado. (Machado, A. 2019, p.215).

Já o filósofo Renato Nogueira em seu livro, – fundamental para análise de temas dessa natureza – O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639, faz uma profunda reflexão sobre a Filosofia no país, apresentando suas possibilidades perante a efetivação da referida lei e unindo argumentos para refutar a tese do nascimento grego da Filosofia.

É neste trabalho do autor que encontramos uma outra possibilidade curricular, baseada no conceito de afroperspectividade, assim definida pelo autor: “Em linhas bem gerais, uma abordagem filosófica afroperspectivista é pluralista, reconhece diversos territórios epistêmicos, é empenhada em avaliar perspectivas e analisar métodos distintos” (Nogueira, 2014, p. 45).

Por fim, o último dos filósofos que alvoreceu nesta pesquisa com uma alternativa ao currículo epistemicida foi Wanderson Flor do Nascimento que apresentou o diálogo como ferramenta para a descolonização, entendendo que “descolonizar o currículo implica que tenhamos de estabelecer com ele e através dele a busca de um diálogo. Diálogos com outras experiências, culturas, pensamentos. [...]” (Nascimento, 2020, p.37).

Os dois filósofos e a filósofa entendem que os currículos educacionais são uma herança da colonização, um retrato das formas violentas e poderosas de imposição

do europeu com o diferente. Coadunam também com o mesmo entendimento de que essa Filosofia ocidental do homem branco não deve ser excluída mas sim que os currículos estejam abastecidos de outras filosofias, que estejam destituídos de hierarquias, exotizações, de reproduções violentas e excludentes.

4.3 Caracterização da escola e turma

O material didático elaborado nesta pesquisa foi aplicado na Escola Estadual Newton Prado, escola na qual a pesquisadora é professora efetiva. A escola está localizada em área central, mas recebe alunos de diversas localidades, inclusive da zona rural. Em partes isso se deve à distribuição de escolas de tempo integral na cidade e o escasso número de escolas regulares. Oferta ensino fundamental II no período vespertino e nos períodos diurno e noturno, o ensino médio, totalizando 1455 alunos, em 2023.

Segundo o Plano de Gestão da Escola:

Devido a sua área de abrangência, existe conseqüentemente uma diversidade de caracterização do nível socioeconômico dos alunos [...] Muitos pertencem a uma classe social menos favorecida são desprovidos de informação, tecnologia e inovações, o que os leva ao desinteresse e desmotivação.

Muitos abandonam os estudos por falta de estrutura financeira, o que acarreta aumento da evasão escolar (Plano de Gestão, 2023, p. 22 e 23).

Figura 3 – Questionário 1

Qual sua cor/raça?

O Censo IBGE de 2022 classificou a população brasileira em 5 categorias quanto a cor/raça, são elas: **preto, pardo, branco, indígena e amarelo**.

Agora você pode ter se perguntado: Como responder à categoria raça/cor? As informações abaixo podem te ajudar!

Amarelo se refere à pessoa que se declara de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana.

Indígena é a pessoa que se declara indígena, seja as que vivem em aldeias como as que vivem fora delas, inclusive em áreas quilombolas e em cidades.

Branco é quem se declara branco e possui características físicas historicamente associadas às populações europeias.

Pardo se refere a quem se declara pardo e possui miscigenação de raças com predomínio de traços negros.

Preto é a pessoa que se declara preta e possui características físicas que indicam ascendência predominantemente africana.

E aí, como você se declara?

Referência: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/que-categorias-o-censo-ibge-utiliza-para-raca-e-cor#:~:text=Com%20o%20Censo%20IBGE%20de,%3A%20japonesa%2C%20chinesa%2C%20coreana.>

Figura 4 – Questionário 2

E aí, como você se declara?

Múltipla escolha

Amarelo

Indígena

Branco

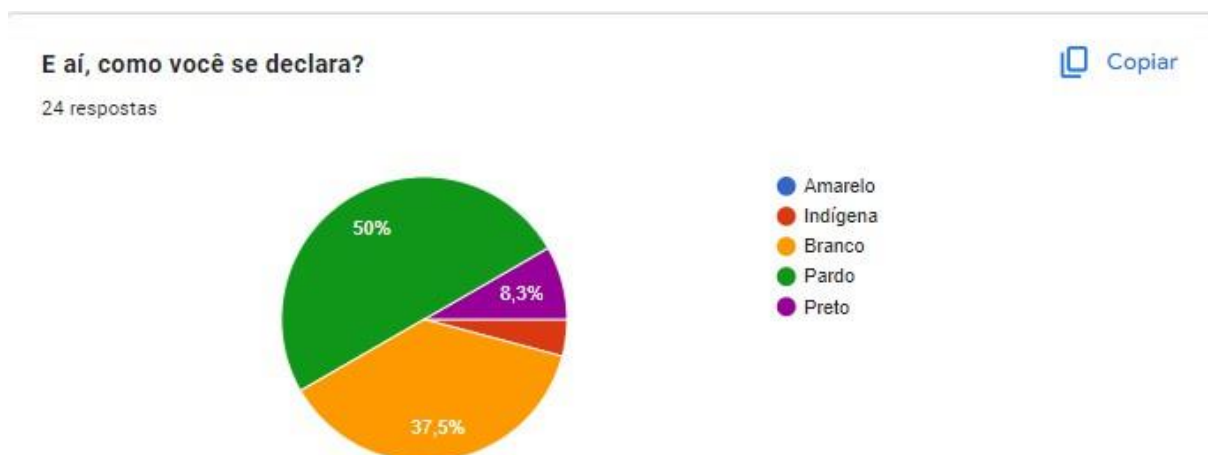
Pardo

Preto

Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)

Obrigatória

Figura 5 – Questionário 3



4.4 Relato de experiência

A aplicação do material didático se deu entre 28 de setembro de 2023 a 30 de novembro do mesmo ano, sempre às quintas-feiras, dia no qual possuía duas aulas na turma F do 1º ano do ensino médio. Durante tal período, tivemos três feriados nacionais que caíram às quintas-feiras, além destes, em 23/11 fui surpreendida com o aviso da coordenação de que haveria uma palestra para a sala sobre o Provão Paulista¹¹ e que portanto não teria como encaminhar os trabalhos com o material, além disto, também fui informada de que a aula da próxima semana seria on-line por meio da plataforma do CMSP¹².

Duas semanas antes, conversei com a sala sobre o programa de mestrado, sobre minha pesquisa, material elaborado, quais eram os objetivos e que de maneira geral as aulas seguiriam normalmente. Neste dia, entreguei aos alunos e as alunas o TCLE¹³ – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que levassem para casa, conversassem com seus responsáveis e solicitassem que eles assinassem. Na próxima semana, apenas um aluno retornou com o TCLE assinado, fazendo com que eu tomasse a primeira decisão pedagógica quanto à aplicação, como muitos perderam

¹¹ Vestibular seriado para estudantes de escolas públicas do estado de São Paulo, desenvolvido e iniciado em 2023 pelo Secretaria de Educação do Estado de São Paulo “oferece mais uma chance de alunos da rede pública ingressarem nas instituições estaduais paulistas de ensino superior em 2024” (Governo do Estado de São Paulo, 2023).

¹² De acordo com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, “O aplicativo Centro de Mídias SP foi criado para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, com a utilização de tecnologias para a formação de professores e a transmissão de aulas para os alunos da rede estadual de ensino de São Paulo. Por meio do aplicativo, é possível assistir e participar de aulas, ao vivo, e com interação, com professores da rede estadual e outros especialistas, além de outras programações [...] pelo celular ou pela TV” (Governo do Estado de São Paulo).

¹³ O TCLE encontra-se no Anexo B.

ou esqueceram O TCLE em uma semana, o material didático não seria entregue a eles(as) todo de uma vez, para que não o perdessem ou esquecessem. Assim a cada aula foi entregue apenas a parte do material previamente selecionada para ser trabalhada naquele dia.

Comecei então a aplicação deixando que os alunos se agrupassem para ouvirem a música Hat-Trick do rapper Djonga, deixei tempo para que a escutassem no mínimo duas vezes. Diferente do que pensei, poucos alunos disseram já conhecer o rapper mas nenhum conhecia esta música. Partimos então para uma breve roda de conversa em que poucos alunos se dispuseram a participar, infelizmente é uma característica da sala, a maioria parece ter vergonha de falar em voz alta na frente do restante dos colegas. Creio que por medo de responder errado, pois o próximo exercício, de análise das imagens dos filósofos e filósofas houve um engajamento maior.

Ainda no mesmo capítulo, na letra C do exercício 1 (Ao longo dos seus anos na escola, você se lembra de ter visto mais pessoas negras ou brancas como produtoras de conhecimento nos materiais didáticos? Por que você acha que isso acontece?), chamou a atenção o fato de a maioria das respostas pontuar que eles e elas se lembravam mais de terem visto pessoas brancas nos materiais didáticos e aqui pareceu que os alunos mais engajados começaram a problematizar essas discrepâncias de maneira mais robusta.

Passamos então a análise do conceito de epistemicídio e de algumas informações sobre Sueli Carneiro, aqui pude deixar mais claro para eles o processo de construção da minha pesquisa e pude perceber também o quanto ainda é necessário que toda representatividade ocupe os espaços das escolas públicas. Apesar de recentemente um público que nunca havia falado em Sueli Carneiro ter passado a conhecê-la por sua marcante entrevista no podcast do Mano Brown, os meus alunos e minhas alunas desta sala nunca haviam ouvido falar dela e tampouco tinham ouvido algum episódio do podcast. Finalizando esta seção, os alunos elaboraram um mapa mental¹⁴ com o tema “epistemicídio”, em que pude perceber

¹⁴ Segundo António Manuel de Miranda Marques “Os mapas mentais (termo traduzido do inglês “*mind maps*”) e os mapas conceituais (“*concept maps*”, no original) são representações esquematizadas de informação que permitem demonstrar facilmente relações de significado e de hierarquia entre ideias, conceitos, factos ou acções.

Tal como o termo “mapa” indica, estas “ferramentas de organização de informação” recorrem a uma simbiose entre linguagem gráfica e textual e a uma disposição em rede ou “arborescente” por contraste com a tradicional leitura linear da informação com que estamos

que eles compreenderam o significado do termo, alguns destes mapas estão no anexo deste trabalho.

Conforme também sugerido no Manual do Professor do material, as seções de biografias não foram incluídas nas aulas, tanto por uma questão de tempo quanto pela dinâmica das aulas: o 1º F é uma sala agitada e se dispersa facilmente, caso haja muitas leituras. Porém sempre reservei um breve tempo ao final das aulas para que lessem e os alunos foram estimulados a fazerem isso, também optei por não deixar as biografias separadas do conteúdo trabalhado para que elas sempre estivessem à vista dos(as) estudantes.

Quando passamos a tratar de Théophile Obenga e Cheikh Anta Diop, os nomes chamaram a atenção dos alunos, nomes bastante diferentes dos que estão acostumados, durante a leitura compartilhada, passando pela formação e áreas de atuação de Diop, alguns alunos exclamaram frases como “Tudo isso!”. Esta aula foi finalizada com a resolução de um exercício em que eles(as) deveriam elaborar um resumo sobre a atuação de Diop para comprovar que os egípcios eram negros e ainda com a proposta de que resolvessem em casa o desafio sobre Kemet, com a promessa de que ganhariam 1 ponto.

Iniciamos a próxima aula sugerindo aos alunos que ouvissem a canção Voz Ativa do grupo Racionais MC's, ao verem a imagem do grupo no material impresso, muitos se empolgaram, percebi que Racionais é uma unanimidade entre eles, todos conhecem o grupo, mas a música escolhida ninguém conhecia. Outra percepção foi a de que os alunos demonstraram certo desânimo ao falar sobre escravização negra, parece ser assunto que já tinham se cansado e aí precisei de bastante resiliência para conseguir reter a atenção deles e que se dispusessem a participar da aula, pois veríamos esta temática por outras perspectivas, mesmo assim foi um dia não muito produtivo. Nesse contexto, foi solicitado aos alunos que respondessem a um exercício sobre a possibilidade de existir racismo reverso, após termos apreciado as considerações de Frantz Fanon e Grada Kilomba, alguns alunos responderam que isso era possível. Em conversas individuais, percebi que não haviam prestado a devida atenção nas explicações e quando expliquei pontualmente, aí eles concluíam que racismo reverso não era possível. Importante ressaltar que neste dia começou a chover muito, as aulas de Filosofia eram as duas aulas da manhã, ou seja, momento

no qual eles pensavam em como ir embora, pois a maioria esmagadora deles ia para a escola de bicicleta e não morava no bairro onde a escola está localizada. Assim inferi que isto também desviou a atenção deles(as).

Iniciamos a próxima aula com a exibição de um vídeo sobre democracia racial, pertencente à coleção Antirracista do Instituto Unibanco (2022), a aula fluiu bem melhor que a aula anterior o vídeo selecionado é dinâmico e as leituras foram feitas de modo compartilhado. Como são duas aulas seguidas, uma delas foi reservada para que os alunos em duplas respondessem sobre mito da democracia racial e racismo estrutural. Pelos exercícios (também com alguns exemplares dispostos no Anexo), percebe-se que os alunos compreenderam satisfatoriamente os dois termos.

Quando iniciamos a seção 2.2 do material que foca na condição das mulheres negras era 16 de novembro, e a sala estava apenas com 16 alunos – por ser após feriado muitos deles faltaram. Esse número menor de alunos permitiu uma aula também mais dialogada e que eu pudesse ajudá-los de maneira mais efetiva a compreender as informações de realidade social por trás dos dados disponíveis nos gráficos. Ao final desta aula, os alunos produziram mapas mentais sobre a condição da mulher negra no Brasil e alguns deles estão em anexo.

Infelizmente essa foi nossa última aula presencial, o que impossibilitou que o material fosse terminado a contento e como inicialmente previsto. Como já dito no início desta seção, as próximas aulas foram de palestra e aula on-line. Quanto à aula on-line, de que também temos imagens no Anexo, a frequência – como já era esperado – foi muito baixa. Para isso contribuiu a instabilidade do aplicativo do CMSP, mas mesmo assim foi possível apresentar, aos poucos alunos presentes, o vídeo sobre a Lei 10.639/03 bem como as alternativas de currículo propostas por Adilbênia Freire Machado, Renato Nogueira e Wanderson Flor do Nascimento. Isso era algo muito importante para mim para que eles entendessem que outras possibilidades estavam sendo pensadas e que existia uma Lei para isso.

O que acabou mais prejudicado foi que não consegui aplicar a avaliação final e nem fazer com que os(as) alunos(as) voltassem a responder o Formulário sobre autodeclaração de cor/raça, pois com o Provão Paulista e aulas on-line, eles(as) acabaram por entender que o ano letivo havia se encerrado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou denunciar a falta de representatividade negra nos livros didáticos de Filosofia analisados e ao concretizar esta denúncia, acabou por demonstrar como aquilo que abarcamos por negritude é representado em tais materiais. Na maioria das vezes em que o corpo negro aparece, está longe de ser associado a um status de intelectualidade. Nesse contexto, foi possível também endossar a crítica feita por filósofos e filósofas com os quais inclusive diálogos foram aqui estabelecidos, como especificamente a Filosofia ainda é pouco representativa no Brasil.

Quando olhamos para os quadros de inventariação, fica claro que o que se ensina como Filosofia ainda é majoritariamente “uma filosofia com uma origem única, grega, a filosofia ocidental (euronortista), branca, falocêntrica, única, universal” (Machado, 2019, p. 35). Assim os objetivos iniciais desta pesquisa enquanto ainda um projeto, foram atingidos: analisar os livros didáticos de Filosofia disponíveis; denunciar a falta de representatividade negra; e principalmente elaborar um material didático que evidenciasse o epistemicídio negro ao mesmo tempo em que demonstrasse que há uma vasta produção filosófica feita por mulheres e homens negros. Sabendo também que muitos não estão mencionados nesta pesquisa, nem no material didático elaborado, pois no caminho de construção se vai delimitando um escopo e fazendo escolhas, embora o desejo da pesquisadora fosse o de produzir outros materiais de enfrentamento e resistência ao dispositivo. Pois concordamos aqui – novamente – com o entendimento de Sueli Carneiro que, ao refletir sobre a construção identitária de um sujeito coletivo negro, “num contexto social em que os negros são permanentemente postos em dúvida como sujeitos cognoscentes” (Carneiro, 2005, p. 308), postula a necessidade

[...] de uma educação emancipatória que desconstituísse os saberes, as imagens de controle que reproduzem a estigmatização do corpo negro e a sua destinação para a subordinação. Ou seja, a constituição e visibilização dos saberes que produzimos sobre nós mesmos contrapondo-os aos saberes da dominação (Carneiro, 2005, p. 307).

Deste modo acreditamos que o intento de um trabalho que pudesse atravessar e ser parte da concretização de um caminho que entrelaçasse a Filosofia à representatividade e os negros e negras foi alcançado. E assim que ele possa ser

ferramenta para outros professores e outras professoras que pretendem ser e fazer resistência ao dispositivo de racialidade em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ANDRADE, E. B. de. Entrevista com o Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho. **Kínesis: Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, Marília, v. I, n. 02, out. 2009 1984-8900. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4302>. Acesso em 23 ago. 2023.

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016.

BHERING, M de S; FONSECA, V. M. da; SILVA, T. H. M. A BNCC e a Lei 10.639/2003: Componentes Curriculares e Educação Antirracista. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 2, n. 21, p. 1-20, dev. 2021

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2018: Filosofia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://www.fnede.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e Suas Tecnologias**. v. 3. Brasília: MEC/SEB, 2006. p 13-40

BRASIL. Lei nº 10.639, **Presidência da República**. Brasil, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 23 ago. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **LEI Nº 5.692**, Legislação Informatizada - LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971 -. Brasil, 11 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 6. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020.

CENSO 2022. **Pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda**. AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, Brasil, ano 2023, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017. COMENTANDO LIVROS: SUELI CARNEIRO E O SEU "DISPOSITIVO DA RACIALIDADE". [S. l.:s. n.], 2023. 1 vídeo (1:27:39). Publicado pelo Pensar

Africanamente. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Q79MnGbw3_s&t=3317s. Acesso em: 5 jul. 2023.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2016.

DANTAS, L. T. F. **Filosofia desde África**: perspectivas descoloniais. Orientador: Marco Antônio Valentim. 2018. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FEMINISMOS NEGROS – Sueli Carneiro e Bianca Santana : parte 1/2. [S. l.:s. n.], 2021. 1 vídeo (47:15). **República do Amanhã**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NpC9W8ZOzHI&t=1007s>. Acesso em: 5 jul. 2023.

FERREIRA, S. A. B.; FERREIRA, A. C. Os livros de filosofia do PNLD/2018 e a lei 10.639/03: reflexões sobre a diversidade étnico-racial no material didático de filosofia no Ensino Médio. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, p. 1-26, dev. 2022 1980-6248.

FIGUEIREDO, V. de (org.). **Filosofia**: temas e percursos. 2. ed. São Paulo: Berlendis Vertecchia, 2016.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. – São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1999.

FRATESCHI, Y. **O universalismo de Sueli Carneiro**. Dissertatio: Revista de Filosofia, Pelotas, v. 12, p. 5-24, 13 jun. 2023 19838891. Qualis A2. DOI: <https://doi.org/EISSN>.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **SÃO PAULO**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/provao-paulista-saiba-tudo-sobre-avaliacao/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **SÃO PAULO**. **Atendimento Seduc**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://atendimento.educacao.sp.gov.br/knowledgebase/article/SED-05391/pt-br>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: Experiência do Pensamento. 2º ed. São Paulo. Scipione, 2017.

IBGE. PNAD CONTÍNUA. DIEESE. **A inserção da população negra no mercado de trabalho**. São Paulo: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/populacaoNegra2022/index.html?page=1>. Acesso em: 24 ago. 2023.

KABENGELE, M. Sesc São Paulo. **Afinal, o que é a negritude?**. São Paulo: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/populacaoNegra2022/index.html?page=1>. Acesso em: 24 ago. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, A. F. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira**. Orientador: Antonieta de Campos Tourinho.. 2014. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

MACHADO, A. F. **Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados**. Orientador: Sandra Haydée Petit. 2019. Tese (Doutorado) – Curso do programa de pós-graduação em Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019_tese_afmachado.pdf. Acesso em 23 ago. 2023.

MACHADO, F. T. M. Do espanto ao sublime: Schiller e a educação através do “patético”. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 12, p. 1290. n. 2, 2020. DOI: 10.20396/rfe.v12i1.8658378. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8658378>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MARGUTTI, P. **Filosofia Brasileira e Pensamento Descolonial**. Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 223-239, dev. 2018 2177-6342.

MARGUTTI, P. **Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no País**. KRITERION, Belo Horizonte, v. 129, p. 397-410, jun. 2014

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. EDITAL DE CONVOCAÇÃO nº 9.394/1996, **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o programa nacional do livro didático pnld 2018**. CGPLI. Brasil, abr. 2015.

MELANI, R. **Diálogo: primeiros estudos em filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

MONGE, F. B. **Por um ensino menor de Filosofia: contra o modelo hegemônico da originalidade grega**. Orientador: André Luis La Salvia. 2020. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Filosofia, UFABC, São Bernardo do Campo, 2020.

MOREIRA, F. de S. Estudos filosóficos sobre o negro no Brasil: um levantamento de teses e dissertações em temáticas negras nos programas de Pós-Graduação da

área de Filosofia (1987-2018). **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, Paraíba, v. 10, n. 2, p. 313-345, set. 2019 2236-8612.

MOREIRA, F. de S. Expectativas e Esperanças a Respeito da Filosofia Africana. **Ensaios Filosóficos**, v. XV, p. 92-108, julho 2017.

MOREIRA, F. de S. Negros em Programas de Pós-Graduação em Filosofia no Brasil. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 79, p. 429-454, jan./abr. 2023. 1982-596X. DOI:
<https://doi.org/https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v37n79a2023-66009>.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, W. F. do ; BOTELHO, D. Colonialidade e Educação: O currículo de filosofia brasileiro entre discursos coloniais. **Revista Sul Americana de Filosofia e Educação. Brasília**. n. 14, p. 66-89, mai-out 2010.

NASCIMENTO, W. F. do. Ensino de Filosofia e Filosofia Africana: dimensões metafilosóficas na discussão curricular. **Revista do NESEF**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 17-25, dev. 2015 19832354.

NASCIMENTO, W. F. do. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: NEFI, v. 6, 2020. (Ensaios).

NASCIMENTO, W. F. do. **O dispositivo da racialidade e a profusão de discursos em torno da necropolítica**. [S. l.:s. n.], 2022. 1 vídeo (1:56:47). Publicado pelo Casa Sueli Carneiro. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=dVj7fMAMEAM&t=4363s>. Acesso em: 5 jul. 2023.

NASCIMENTO, W. F. do. **“outras vozes” no ensino de filosofia: o pensamento africano e afro-brasileiro**. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 18, p. 74-89, 2012.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 21 abr. 2024.

NOGUERA, R. A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. **Ensaios Filosóficos**, São Paulo, v. 8, p. 139- 155, dev. 2013

NOGUERA, R. Denegrindo a Filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot**, Bahia, v. 4, n. 2, p. 1-19, dev. 2011 DOI:
<https://doi.org/https://doi.org/10.31977/grirfi.v4i2.500>.

NOGUERA, R. **Ensino de filosofia e a lei 10639**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

NOGUERA, R. O tabu da Filosofia. **Filosofia**, São Paulo, v. 7, p. 45-50, 2021.

24480657.

OBENGA, T. **Egito: história antiga da Filosofia Africana**. Tradução de Vinícius da Silva. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf. Acesso em 11 jun. 2023.

OMOREGBE, J. I. **Filosofia Africana: Ontem e Hoje**. Tradução de Renato Nogueira Jr. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/joseph_i._omoregbe_-_filosofia_africana._ontem_e_hoje.pdf. Acesso em 11 ago. 2023.

PESSANHA, E. A. de M. Do Epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. **Problemata: International Journal of Philosophy**, [s. l.], v. 10, n. 02, p. 167-194, 21 nov. 2019 22368612. B1. DOI: <https://doi.org/> <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49136>.

PINHO, R. I. B. V. O. Ensino da Filosofia no Brasil: Considerações Históricas e Político-Legislativas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 56, 2014. 1982-596X. Qualis A2. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/educfil/v28n56/v28n56a13.pdf>. Acesso em 23 ago. 2023.

PONTES, K. R. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da Filosofia Africana no combate ao racismo epistêmico e a Lei 10639/03**. Orientador: Renato Nogueira. 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia e Ensino, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2017.

RAMOSE, M. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. v. 4, p. 06-24, out. 2011. Disponível em: http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2014.

ROCHA, A. M. da. A exclusão intelectual do pensamento negro. **Pólemos**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 103-119, mar. 2014

ROCHA, A. M. da. **Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico**. Orientador: Wanderson Flor do Nascimento. 2014. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SALVIA, A. L. La; CUNHA NETO, O. O que pode o ensino de filosofia na BNCC?. **REFilo: Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v. 7, 2021. 24480657.

SANTANA, B. **Continuo Preta: A vida de Sueli Carneiro**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos Ippur**, v. 2, p. 15-25, 1999.

SANTOS, T. F. dos. Panorama histórico da filosofia no Brasil: da chegada dos

jesuítas ao lugar da Filosofia na atualidade. **Seara Filosófica: Revista de Filosofia**, Pelotas, v. 12, p. 126-140, 2016. 2177-8698. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SAVIAN FILHO, J. **Filosofia e filosofias**: existência e sentidos. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Escola Estadual Newton Prado. **Plano de Gestão 2023**. Leme, 2023.

SILVA, F. C. da. A análise da representação do/a negro/a em um livro didático. **Revista África e Africanidades**, Paraná, v. 8, n. 20, p. 1-18, jul. 2015 19832354.

SUELI, C. **De que barro somos feitos para permitir a situação dos negros deste país?**. [S. l./ s. n.], 2022. 1 vídeo (25:47). Publicado pelo Tv Senado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTVwGl2ylhA>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VASCONCELOS, J. A. **Reflexões**: Filosofia e cotidiano. 1. ed. São Paulo. SM, 2016.

ANEXO A



ANEXO B



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa "A falta de representatividade negra nos materiais didáticos de Filosofia" sob responsabilidade da pesquisadora e também professora de Filosofia da sala Natália Regina Rodrigues. O estudo será realizado com um material didático impresso elaborado pela pesquisadora para apresentar filósofos (as) negros (as) aos estudantes no horário normal das aulas de Filosofia. Você poderá consultar a pesquisadora responsável pelo e-mail natalia.regina@estudante.ufscar.br para esclarecimento de qualquer dúvida. Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está livre para, a qualquer momento, negar que suas produções sejam utilizadas pela pesquisadora. As informações fornecidas pelo(a) seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não serão pessoais mas sim a resolução dos exercícios constates no material didático elaborado. Os resultados obtidos só serão utilizados para divulgação em revistas científicas, Encontros, Congressos e Dissertação mas **seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não será identificado(a)**. Você e seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para o ensino de Filosofia que melhor se adequa a diversidade nacional.

Diante das explicações, se você concorda que seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) participe deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir. Ressalto que o não consentimento para participação da pesquisa significa que a pesquisadora não utilizará as respostas dadas pelo estudante para fins de análise.

Menor participante:

Nome: _____ R.G. _____

Responsável(is)

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

Leme, _____ de _____ de 2023

 Documento assinado digitalmente
 NATALIA REGINA RODRIGUES
 Data: 06/07/2023 22:33:25-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura - Responsável legal

Assinatura - Pesquisador(a) responsável


OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao responsável legal e a outra ao pesquisador.

ANEXO C

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Na função de representante legal da Escola Estadual Newton Prado, informo que o projeto de pesquisa intitulado “A falta de representatividade negra nos materiais didáticos de Filosofia” apresentado pela pesquisadora, Natália Regina Rodrigues e que tem como objetivo principal atestar a falta de tal representatividade como anunciado pelo título do trabalho e que para tanto pretende aplicar aos alunos da 1ª série F a sequência didática elaborada pela pesquisadora e professora da sala (com cópia física em anexo) foi analisado e autorizada sua realização.

Data: Leme, 30 de agosto 2023


 DAIANE CRISTINA PISETTA DE VITO
 RG 33.334.716-X
 DIRETOR DE ESCOLA

Assinatura: _____

(Nome completo, legível e carimbo institucional do representante legal)



ANEXO D



Natália R. Rodrigues

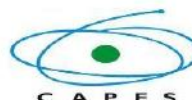
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

FILOSOFIA NEGRA

Proposta de material didático de Filosofia para o Ensino Médio

A produção da inferioridade intelectual atua, ainda, como entrave para o desenvolvimento do sujeito político coletivo e a reversão desse quadro de insuficiência cultural se coloca parte essencial da agenda política.

Sueli Carneiro



SUMÁRIO	
FILOSOFIA NEGRA	
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES BNCC	07
HABILIDADE E OBJETO DE CONHECIMENTO- CURRÍCULO PAULISTA	07
OBJETIVOS.....	08
PRIMEIROS PASSOS... ..	09
CAPÍTULO 1- EPISTEMICÍDIO NEGRO	11
1.2- ORIGEM DA FILOSOFIA	20
CAPÍTULO 2- BRANCOS EM CIMA, NEGROS EM BAIXO	27
2.1- <i>BENVINDOS AO BRASIL COLONIAL E TAL</i>	36
2.2- AS NEGRAS ONDE ESTÃO... ..	42
CAPÍTULO 3- AFRODINAMICAMENTE MANTENDO NOSSA HONRA – ENSINO DE FILOSOFIA	51
3.1-RENATO NOGUERA E A AFROPERSPECTIVIDADE	53
3.2- WANDERSON FLOR DO NASCIMENTO E A DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO PELO DIÁLOGO	55
3.3- ADILBÊNIA FREIRE MACHADO E O CURRÍCULO AFRORREFERENCIADO	57
AVALIAÇÃO	60
EXPANDINDO SABERES.....	63
MANUAL DO (A) PROFESSOR(A).....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES BNCC

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6- CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS- ENSINO MÉDIO: Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Habilidade BNCC- (EM13CHS601): Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

HABILIDADE E OBJETO DE CONHECIMENTO- CURRÍCULO PAULISTA

(EM13CHS601): Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

Objeto de Conhecimento Currículo Paulista: A Identidade na produção filosófica: a Filosofia nos países africanos e latino-americanos.

OBJETIVOS

GERAL: apresentar referências filosóficas negras a estudantes do Ensino Médio.

ESPECÍFICOS:

- Compreender o que é e reconhecer que há um epistemicídio negro nos materiais didáticos disponíveis para estudantes das escolas públicas do estado de São Paulo
- Repensar o estereótipo de intelectualidade como homem branco
- Questionar a existência de uma democracia racial no Brasil
- Problematizar as heranças da escravização sobre a sociedade brasileira, especialmente para a população negra
- Compreender o conceito de racismo estrutural
- Problematizar as desigualdades raciais e condição da mulher negra
- Conhecer a Lei 10.639/03
- Conhecer outras perspectivas curriculares e filosóficas

FILOSOFIA NEGRA

Primeiros passos...

Aponte seu celular para o QR Code para ouvir a música *Hat-Trick* do rapper DJonga.



Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Atente-se ao trecho:

Hat-Trick

*O dedo, desde pequeno geral te aponta o dedo
 No olhar da madame eu consigo sentir o medo
 'Cê cresce achando que 'cê é pior que eles
 Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
 Ladrão, então peguemos de volta o que nos foi tirado
 Mano, ou você faz isso
 Ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam sangrado
 De onde eu vim quase todos dependem de mim
 Todos temendo meu não, todos esperam meu sim
 Do alto do morro, rezam pela minha vida
 Do alto do prédio, pelo meu fim
 Ladrão*

DJONGA. **Hat-Trick**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE.



RODA DE CONVERSA

Em uma das frases da canção o cantor convoca para que se pegue de volta o que foi roubado. Quais pessoas estão sendo convocadas? Para pegar o que de volta? O que foi roubado?"



Após a roda de conversa, escreva uma síntese das ideias abordadas.

1-EPISTEMICÍDIO NEGRO

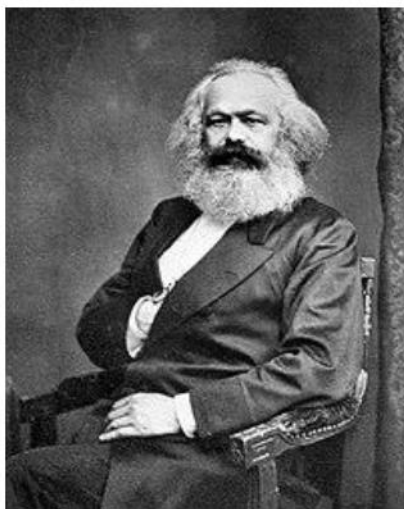
Talvez você nunca tenha ouvido a palavra *epistemicídio*, mas você já deve ter ouvido nos diferentes meios de comunicação homicídio, não ouviu?

Pois bem, homicídio significa literalmente matar uma pessoa, formada por *homo* (homem) + *cídio* (extermínio ou morte). Já *episteme*, podemos dizer que significa conhecimento, e *cídio* já vimos que indica extermínio ou morte, assim entendemos epistemicídio como o extermínio ou morte de conhecimento. Agora que você já sabe o que significa epistemicídio, vamos refletir.

EXERCÍCIO 1

a- Observe as imagens abaixo e anote as pessoas que você acredita que sejam filósofas

I



II



III



IV



V



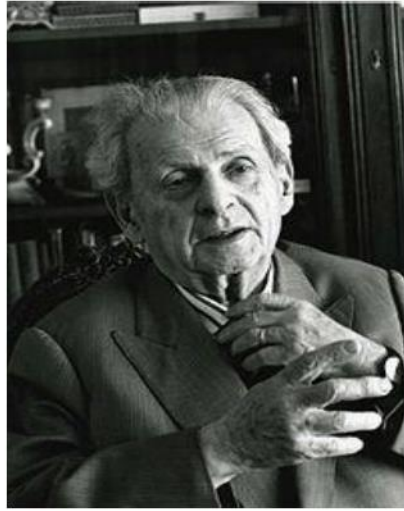
VI



VII



VIII



IX



X



XI



XII



XIII



XIV



Vamos contabilizar os resultados da sala na lousa

b- Após saber as respostas corretas, faça uma breve análise dos resultados.

c- Ao longo dos seus anos na escola, você se lembra de ter visto mais pessoas negras ou brancas como produtoras de conhecimento nos materiais didáticos? Por que você acha que isso acontece?



GLOSSARIZANDO

Dispositivo: mecanismo, peça, instrumento capaz de acionar uma ação. Regra, prescrição, artigo de lei: o dispositivo constitucional.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dispositivo/>

Segundo a filósofa Sueli Carneiro (1950-), no Brasil opera um dispositivo de poder chamado por ela de dispositivo de racialidade que produz e reproduz desigualdades complexas e de diversas ordens, que tem como alvo a população negra. Assim, a filósofa em sua tese “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”, decodifica o funcionamento racista da sociedade brasileira que coloca o negro como sendo o “Outro”, o marginalizado,

o que carrega das características humanas as mais negativas. Entre as formas de atuação desse dispositivo sobre o negro – que é o Outro – está o epistemicídio, que como já vimos pode ser entendido como extermínio ou morte de conhecimento, e assim, segundo a autora, nossa sociedade funciona invalidando o conhecimento intelectual produzido pela população negra e consequentemente gerando a ideia de que os negros seriam intelectualmente inferiores, menos capazes ou incapazes de produzir conhecimento válido.

NAS PALAVRAS DA AUTORA...

“O conceito de epistemicídio permite-nos adentrar essas esferas, em que a identidade negativa atribuída ao Outro, o é, particularmente no que diz respeito à sua incapacidade de elevar-se à condição de sujeito de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente, ou de ser portador de conhecimentos



Imagem disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sueli_Carneiro

relevantes do ponto de vista dessa mesma tradição. Tal identidade negativa impacta-o de tal modo pela internalização da imagem negativa, socialmente atribuída, que o impele à profecia autorrealizadora que referenda os termos da estigmatização, ou o conduz à autonegação ou adesão e submissão aos valores da cultura dominante. Nesse sentido o epistemicídio constitui-se numa parte do dispositivo de racialidade, que se desdobra no âmbito da subjetividade, [...]” CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 277. Acesso em: 25 jun. 2023.

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>

NO LINK ACIMA VOCÊ PODE CONFERIR A TESE COMPLETA OU CASO QUEIRA, EM 2023 ELA SE TORNOU UM LIVRO PUBLICADO PELA EDITORA ZAHAR:



EXERCÍCIO 2

Atividade em grupos com 3 ou 4 integrantes.

Agora relembrem as reflexões do exercício 1, relacionem com o texto disposto de Sueli Carneiro e em folha a parte elaborem um mapa mental com o título "Epistemicídio", o mapa deverá ser entregue, então não se esqueçam de se identificarem.



Aparecida Sueli Carneiro

Nasceu em 23 de junho de 1950, mas foi registrada um dia após o nascimento, por isso celebra seu aniversário também no dia 24 de junho. [...]

Em 1972, Sueli foi aprovada no concurso público para auxiliar de escritório na Secretaria da Fazenda de São Paulo, onde foi designada para trabalhar na microfilmagem, um setor que tinha apenas mulheres negras. Neste momento conhece sua grande companheira de militância, Sonia Maria.

Em 1972, Sueli presta vestibular e ingressa no curso de filosofia, na Universidade de São Paulo (USP). Vinte e sete anos depois, Sueli volta à universidade, dessa vez na Faculdade de Educação da USP, para defender sua tese de doutorado, intitulada "A construção do outro como não ser como fundamento do ser (2005)", orientada por Roseli Fishmann. Em 2022, a tese foi publicada como livro, pela Editora Zahar, sob o título "Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser". Apesar da trajetória na universidade, Sueli é categórica ao repetir em diferentes momentos: "não devo nada à universidade, quem me formou foi o movimento negro!".

Sueli casou-se em 1973 com Maurice Jacoel, desse relacionamento nasceu Luanda Carneiro Jacoel, única filha de Sueli. [...]

Por conta dos processos de embranquecimento da universidade, Sueli sentiu muita necessidade de se conectar com sua ancestralidade e buscar elementos que a permitissem compreender uma matriz de pensamento africana e afro-brasileira. Em interlocução com Maurice, procurou o candomblé, em um primeiro momento como fonte de pesquisa, que rendeu artigos importantes, escritos em parceria com Cristiane Cury.

Em 1987, Sueli Carneiro foi iniciada no candomblé. [...] Meses depois da iniciação, Sueli Carneiro muda-se para Brasília com o objetivo de assumir a coordenação do Programa Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), órgão sediado no Ministério da Justiça. Um destaque da presença da ativista no conselho foi a realização do Tribunal Winnie Mandela (1988). [...]

Edna Maria dos Santos Roland, Aparecida Sueli Carneiro, Maria Lúcia da Silva, Aparecida Solimar Carneiro, Deise Benedito, Elza Maria da Silva, Sonia do Nascimento, Ana Maria Silva, Eufrosina Teresa de Oliveira, Lucia Bernardes de Souza. Essas foram as mulheres que fundaram Geledés - Instituto da Mulher Negra, em 30 de abril de 1988. [...]

Atualmente ela coordena o Centro de Documentação e Memória Institucional da organização.

Além da intensa atividade em Geledés, Sueli Carneiro sempre atuou em diferentes espaços. É fellow da Ashoka empreendedores sociais, ministrou inúmeras palestras em todo o Brasil e no exterior, foi articulista do jornal Correio Braziliense, onde publicou 151 artigos. Integrou o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), no primeiro governo Lula, como representante da sociedade civil. No início dos anos 2000 atuou como membra do corpo editorial da Revista Estudos Feministas. E atualmente, participa dos conselhos de organizações da sociedade civil, como: Conectas Direitos Humanos, Fundo Baobá, PerifaConnection, Fundação Tide Setúbal, Instituto Acaia, Anistia Internacional, Instituto Tomie Ohtake e Comissão Arms.

Sua trajetória tem sido celebrada em reconhecimento e premiações como "Mulheres que fazem a diferença na vida do brasileiro", da Revista Claudia, em 1997. Recebeu em 2002 o prêmio "IDEC Construção da Cidadania" na categoria Movimento Negro. Ganhou, em 2003, o diploma "Bertha Lutz - Mulher Cidadã". Recebeu o Prêmio Itaú Cultural 30 Anos, em 2017. Foi honrada com o prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos em 2020. Recebeu homenagem pelos seus 70 anos na Congregação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Foi a primeira mulher negra a receber o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB), em 2022. Recebeu pela Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (Emerj), também em 2022, o "Troféu Esperança Garcia", mesmo ano em que recebeu a homenagem com Personalidade Literária do Prêmio Jabuti.

BIOGRAFIA. Acervo Sueli Carneiro. Casa Sueli Carneiro. Disponível em: <https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/biografia>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LENDO E APRENDENDO



PORTAL GELEDÉS

Imagem disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

Texto I

Como vimos em sua biografia, Sueli Carneiro é uma das fundadoras Geledés- Instituto da Mulher Negra

Fundada em 30 de abril de 1988, Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e pessoas negras por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

Texto II

Geledé foi um tipo de sociedade exclusivamente feminina das comunidades iorubá, responsável pelos rituais com máscaras guerreiras para celebrar as grandes mães e as forças femininas poderosas da fé iorubana. GONÇALVES, Juliana. Geledés: 30 anos de amor e luta pelos direitos das mulheres negras. **CUT- Central Única dos Trabalhadores**. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/geledes-30-anos-de-amor-e-luta-pelos-direitos-das-mulheres-negras>

5336#:~:text=A%20Geled%C3%A9%20foi%20um%20tipo,femininas%20poderosas%20da%20f%C3%A9%20iorubana. Acesso em: 19 jun. 2023.

CONECTANDO SABERES

04/09/2014

Epistemicídio

ENVIADO POR / FONTE por Sueli Carneiro - trecho de matéria de 2007 - Espelho com Lazaro Ramos

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/#>

1.2- ORIGEM DA FILOSOFIA

Como um dos desdobramentos do epistemicídio, temos uma polêmica em torno da origem da Filosofia. A maioria dos livros didáticos e outros materiais que falam sobre a História da Filosofia, afirmam que origem é grega, é assim como berço da Filosofia, esse seria também o berço de toda a civilização ocidental. Nessa hipótese amplamente defendida temos a origem da Filosofia em oposição e como uma evolução da mitologia, criando assim uma dicotomia entre pensamento mitológico versus pensamento racional, e dando a este último um caráter de superioridade. Essa dicotomia perpassa toda a história da civilização ocidental e até hoje serve inclusive para inferiorizar o conhecimento produzido pelas populações não ocidentais como africanas e indígenas, ou seja, epistemicídio!

Existem outras duas hipóteses sobre a origem da Filosofia, uma de que ela seria de origem africana, tendo surgido no Egito Antigo e outra de que ela teria uma origem múltipla, não definida em único local, povo ou data, chamada de pluriversal.

NAS PALAVRAS DO AUTOR...

“É um mero preconceito acreditar que a época filosófica da humanidade começa primeiro entre os gregos no quinto século a.E.C.¹ Esse preconceito implica que outros povos antigos não se engajaram no pensamento especulativo. Sem dúvidas, o pensamento especulativo



Imagem disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Th%C3%A9ophile_Obenga

transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo e unificá-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo, usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos ou positivos e dialética, pode ser oral ou escrito,

está necessariamente ligado aos problemas da vida. Assim, a filosofia pode ser definida como “pensamento reflexivo sistemático sobre a vida” (Yu-lan 1976: 16).

O espírito das filosofias Chinesa, Indiana, Africana, Europeia e Maia podem diferir muito em seus tratamentos de um sujeito, mas a filosofia sempre lida com o conhecimento humano e a elevação da mente. A futura filosofia do mundo deve então levar em conta os grandes sistemas especulativos de toda a humanidade.”

OBENGA, Théophile. **Egito: história antiga da Filosofia Africana**. Tradução de Vinícius da Silva. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf. Acesso em 11 jun. 2023.

1 Embora no original o autor utilize as siglas “BC” e “AC” para se referir ao período antes e depois de Cristo, aqui, no entanto, escolhemos traduzir e utilizar as siglas “a.E.C.”, que significa ‘antes da Era Comum’, e “d.E.C.”, que significa ‘depois da Era Comum’. (N. T.)



Théophile Obenga

Théophile Obenga nasceu em Mbaya, na República do Congo, em 1936. Discípulo e amigo de Cheikh Anta Diop, Obenga tem defendido uma perspectiva da história africana reorientada para as preocupações dos investigadores e intelectuais africanos, ansiosos por revisitar a sua herança cultural. Théophile Obenga estudou filosofia na Université de Bordeaux, história no Collège de France, em Paris, e aprendeu egiptologia em Genève. Teve ainda a oportunidade de obter uma formação em Ciências da Educação, na University of Pittsburgh, EUA. Doutorado

em Letras, Artes e Humanidades, pela Universidade de Montpellier, França, Obenga é membro da Sociedade Francesa de Egiptologia, e colaborou com a UNESCO em programas relacionados com a escrita da história africana e da história cultural e científica da humanidade. Até 1991, Obenga foi o Diretor geral do Centro Internacional das Civilizações Bantu (CICIBA), sediado em Libreville, no Gabão. Atualmente, Obenga é professor na San Francisco State University, em San Francisco, na Califórnia, EUA, onde dirige também o Departamento de Estudos Africanos. É ainda o Diretor da revista ANKH - Revista de Egiptologia e das Civilizações Africanas. Obenga conta-se, indiscutivelmente, entre grandes intelectuais africanos contemporâneos.

AUTORES. Obenga, Théophile. Edições Pedagogo. Disponível em: http://www.edicoespedago.pt/loja/autores_detalle.asp?departmentid=324. Acesso em 27 jun. 2023.

LENDO E APRENDENDO

Cheikh Anta Diop derrubou o racismo científico, ao provar que o Egito antigo era uma civilização negra.



Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um polímata senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egiptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica... Enfim, um homem que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana pré-colonial. Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos

do século XX. E foram estes conhecimentos que Diop utilizou para dar base à tese que iria defender mais tarde, que fala do Egito antigo, como uma civilização composta por pessoas negras.

[...]

Antes de prosseguir, frisa-se que Diop foi o primeiro egiptólogo africano. Certa vez ele afirmou ser “o único Preto Africano de sua geração, a ter recebido formação como um egiptólogo”, e “mais importante”, ele “aplicou esse conhecimento enciclopédico em suas pesquisas sobre a história Africana”.

Em 1954, Anta Diop defende uma tese de que o antigo Egito tinha sido povoado por pessoas negras. A publicação de suas ideias no livro – *Unidas nègres et culture* – fez dele um dos historiadores mais controversos do seu tempo. [...]

Em 1947, Anta Diop iniciou suas investigações linguísticas,

sobre o idioma *wolof*, que [...] passaria a dominar de forma extensa. Em 1960, de volta ao Senegal, ele dirigiu o laboratório de radiocarbono do IFAN (Institut de l'Afriquefondamental Noire). Sem esquecer a imensa gratidão que entretinha por um antigo professor, Frédéric Joliot, que o acolheu em seu laboratório, no College de France. Neste quesito, ele iria desenvolver testes genético, vitais para comprovação de sua tese. O senegalês disse certa vez: "Na prática, é possível determinar diretamente, a cor da pele e, portanto, as filiações étnicas dos antigos egípcios, por análise microscópica, no laboratório". [...]

Depois disso, Diop publicou sua técnica e metodologia, um teste de dosagem de melanina, em diversas revistas acadêmicas. Ele usou esta mesma técnica, para determinar o teor de melanina das múmias egípcias.

Diop mostrou de forma indelével e maciça, que os arqueólogos europeus, antes e depois da descolonização, tinham subestimado e continuam a subestimar a possibilidade de civilizações negras da antiguidade terem alcançado tremendo desenvolvimento, séculos antes que os europeus. [...]

Pode-se dizer que, Cheik Anta Diop sabia utilizar muito bem a arte da argumentação. Ele citou autores antigos. Para ilustrar sua teoria de que os antigos egípcios tinham os mesmos traços físicos dos modernos africanos negros (cor da pele, tipo de cabelo), citou, por exemplo, o historiador grego Heródoto. Este (o historiador grego) disse que os Colchians (Cólquida – atual Geórgia) eram "pretos, com cabelos encaracolados". Ele usou também sua interpretação de dados antropológicos (tais como

papel do matriarcado), e pseudocientíficas, para apoiar que, somado a dados arqueológicos resultou na inevitável conclusão de que a cultura egípcia era uma cultura africana. Na linguística, ele mostrou, em particular, que o Wolof (falado na África Ocidental, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali, República Dominicana, Mauritânia) está relacionada com o antigo idioma egípcio.

Mais tarde, as visões de Diop receberam apoio, e só eram tidas como controversas, possivelmente, por conta do então domínio do racismo científico (que é o uso de técnicas e hipóteses científicas

ou justificar a crença na inferioridade/superioridade racial). Diop castigava estudiosos europeus que postulavam uma evolução separada de diversos tipos de etnias, e que negavam a origem africana do homo sapiens. Hoje sabemos que toda a humanidade é proveniente da África.

[...]

Hebreu Negro. **Cheikh Anta Diop derrubou o racismo científico, ao provar que o Egito antigo era uma civilização negra.** Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cheikh-anta-diop-derrubou-o-racismo-cientifico-ao-provar-que-o-egito-antigo-era-uma-civilizacao-negra/?amp=1>. Acesso em 27 jun. 2023

EXERCÍCIO 3

Após ler o texto acima, elabore em seu caderno um resumo em tópicos.



Cheikh Anta Diop

Nasceu a 29 de Dezembro de 1923 na região senegalesa de Diourbel. Em 1946 mudou-se para Paris para realizar estudos superiores de Matemática, com a ideia de ser engenheiro aeronáutico. Ao mesmo tempo, matriculou-se na Faculdade de Filosofia e Letras da Sorbonne e participou na criação da Associação de Estudantes Africanos em Paris.

Em 1947 iniciou as suas investigações linguísticas sobre o wolof e o sérère. Ao concluir os seus estudos de Filosofia, começou a estudar Física, sob a direcção de Frederic Joliot-Curie, genro de Marie Curie, chegando a traduzir parte da Teoria da Relatividade de Einstein para o seu idioma nativo, o wolof.

Em 1951 a Universidade de Paris recusou a sua tese de doutoramento sobre a ideia de que o antigo Egipto tinha sido uma cultura negra. Diop não se deu por vencido e durante os seguintes nove anos acrescentou provas mais concretas ao seu trabalho. Em 1955, a tese tinha sido publicada na imprensa popular como um livro intitulado Nations nègre et culture ('Nações negras e cultura'). Esta obra convertê-lo-ia no historiador mais controverso do seu tempo.

Em 1960 teve êxito na defesa da sua tese e obteve o doutoramento. Além disso, durante esse ano publicou Les fondements économiques et culturels d'un Etat fédéral d'Afrique Noire ('Os fundamentos económicos e culturais de um Estado federal da África Negra').

Investigadores forenses adoptaram mais tarde a sua técnica para determinar a "identidade racial" de vítimas gravemente lesadas por abrasão.

Nesta época começou a sua atividade política, participando na criação do partido da oposição, o Bloc des Masses Sénégalaises (BMS). Em Julho de 1962 foi preso e em Agosto foi libertado. No ano seguinte, o BMS foi declarado ilegal e foi dissolvido, mas criou um novo partido que, igualmente, foi dissolvido pelo Governo do presidente Leopold Sedar Senghor, em 1964.

Durante a celebração do Primeiro Festival das Artes Negras em 1966, recebeu o Prémio de escritor que mais influência exerceu sobre o pensamento africano do século XX.

Em 1974, participou num debate da Unesco no Cairo, onde apresentou as suas teorias a outros especialistas em egiptologia. Deste modo, escreveu o capítulo acerca das origens dos egípcios na História Geral de África da UNESCO.

Em 1976, criou um novo partido - Rassemblement National Democratique (RND) - que pouco depois foi declarado ilegal. Senghor deixou o poder em Dezembro de 1980 e o seu sucessor, Abdou Diouf, aboliu as leis que proibiam a formação de partidos políticos; deste modo, foram derogadas as causas judiciais dirigidas contra Cheikh Anta Diop e o RND foi reconhecido legalmente. No entanto, após as eleições, Anta Diop recusou assumir o cargo da tribuna, obtido para a Assembleia Nacional, como protesto, por ter considerado que tinham sido eleições fraudulentas.

Faleceu a 7 de Fevereiro de 1986; foi enterrado na sua aldeia natal, Caytou, junto ao seu avô e fundador da vila: Massamba Sassoum Diop, O Velho.

CONSÓRCIO CASA ÁFRICA. Casa África. Espanha; 2019. Disponível em: <https://www.casafrika.es/pt/pessoa/cheikh-anta-diop>. Acesso em: 26 set. 2023.

CONECTANDO SABERES

REPORTAGEM: A polêmica em torno de documentário da Netflix com Cleópatra negra

Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/a-polemica-em-torno-de-documentario-da-netflix-com-cleopatra-negra>

DESAFIO

Você já ouviu falar em Kemet? Realize uma pesquisa sobre a relação entre Kemet e os estudos de Cheikh Anta Diop, em seguida, elenque ao menos um saber e/ou conhecimento dos keméticos.

2- BRANCOS EM CIMA, NEGROS EM BAIXO:

Vamos ler a canção **Voz Ativa** do grupo Racionais MC's, você pode ouvi-la no QR Code abaixo:

	<p>Aponte seu celular</p> 
<p>Imagem disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/racionais-mcs-darao-aula-aberta-na-unicamp-nesta-quarta-feira/</p>	

<p>Eu tenho algo a dizer E explicar pra você Mas não garanto porém Que engraçado eu serei dessa vez Para os manos daqui! Para os manos de lá! Se você se considera um negro Pra negro será mano! Sei que problemas você tem demais E nem na rua não te deixam na sua Entre madames fodidas e os racistas fardados De cérebro atrofiado não te deixam em paz Todos eles com medo generalizam demais Dizem que os negros são todos iguais Você concorda Se acomoda então, não se incomoda em ver Mesmo sabendo que é foda Prefere não se envolver Finge não ser você E eu pergunto por que? Você prefere que o outro vá se foder</p>	<p>Não quero ser o Mandela Apenas dar um exemplo Não sei se você me entende Mas eu lamento que Irmãos convivam com isso naturalmente Não proponho ódio, porém Acho incrível que o nosso conformismo Já esteja nesse nível Mas Racionais resistente, nunca iguais Afrodinamicamente mantendo nossa honra viva Sabedoria de rua O RAP mais expressiva (E aí) A juventude negra agora tem a voz ativa (Pode crer)</p> <p>Você gosta, gosta, gosta, gosta de nós Somos nós, nós, nós, nós mesmos</p> <p>Você gosta, gosta, gosta de nós Somos nós, nós, nós, nós mesmos</p> <p>Você gosta, gosta, gosta de nós Somos nós, nós mesmos</p>
--	---

<p>Você gosta de nós Somos nós, nós mesmos</p> <p>Precisamos de um líder de crédito popular Como Malcom X em outros tempos foi na América Que seja negro até os ossos, um dos nossos E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços Nossos irmãos estão desnorteados Entre o prazer e o dinheiro desorientados Brigando por quase nada Migalhas coisas banais Prestigiando a mentira As falas desinformado demais</p> <p>Chega de festejar a desvantagem E permitir que desgastem a nossa imagem Descendente negro atual meu nome é Brown Não sou complexado e tal Apenas Racional É a verdade mais pura Postura definitiva A juventude negra Agora tem voz ativa</p> <p>Você gosta, gosta, gosta de Nós Somos nós, nós, nós, nós mesmos</p> <p>Você gosta, gosta de nós Somos nós, nós mesmos</p> <p>Você gosta, gosta de nós Somos nós, nós mesmos</p> <p>Você gosta de nós Somos nós, nós mesmos</p> <p>Mais da metade do país é negra e se esquece Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece Tão pouco para tanta gente Tanta gente</p>	<p>Tanta gente na mão de tão pouco Pode crer Geração iludida uma massa falida De informações distorcidas Subtraídas da televisão</p> <p>Fodidos estão sem nenhum propósito Diariamente assinando o seu atestado de óbito</p> <p>Pô tô cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão Todo dia, mano, não aguento mais, é foda, mano</p> <p>Mas onde estão Meus semelhantes na TV Nossos irmãos Artistas negros de atitude e expressão Você se põe a perguntar por que Eu não sou racista Mas meu ponto de vista é que Esse é o Brasil que eles querem que exista</p> <p>Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque Eles te mostram um país que não existe Esconde nossa raiz Milhões de negros assistem Engraçado que de nós eles precisam Nosso dinheiro eles nunca discriminam Minha pergunta aqui fica Desses artistas tão famosos Qual você se identifica?</p> <p>Então, Leczy Brandão, Moisés da Rocha Thaíde e DJ Hum, Ivo Meireles, Moleques de Rua e tal E da Zona leste de São Paulo Grupo DMN Pode crer é isso ai</p> <p>Nossos irmãos estão desnorteados Entre o prazer e o dinheiro desorientados Mulheres assumem a sua exploração Usando o termo mulata como profissão É mal</p>
---	--

<p>(Chegou o Carnaval, Chegou o Carnal) Modelos brancas no destaque As negras onde estão Desfilam no chão em segundo plano Pouco original mais comercial a cada ano O carnaval era a festa do povo Era, mas alguns negros se venderam de novo Branco em cima negro em baixo Ainda é normal, natural 400 anos depois, 1992 tudo igual Bem-vindos ao Brasil colonial e tal Precisamos de nós mesmos essa é a questão DMN meus irmãos descrevem com perfeição então Gostamos de nós brigamos por nós Acreditamos mais em nós</p>	<p>Independente do que os outros façam Tenho orgulho de mim, um rapper em ação Nós somos negros sim de sangue e coração Mano IceBlue me diz</p> <p>Justiça é o que nos motiva a minha a sua A nossa voz ativa</p> <p>Racionais Racionais Racionais Ra, Ra, Racio, Ra, Ra, Ra, Ra, Ra, Ra, Ra, Racionais</p> <p>RACIONAIS MC's. Voz Ativa. Disponível em: https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63445/voz-ativa-print.html</p>
---	--

Atente-se ao trecho destacado abaixo e responda à questão que o segue.

*“Branco em cima negro em baixo
Ainda é normal, natural
400 anos depois, 1992 tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal”*

EXERCÍCIO 1-E em 2023, a situação desigual dos negros continua a mesma no Brasil? Posicione-se e argumente.

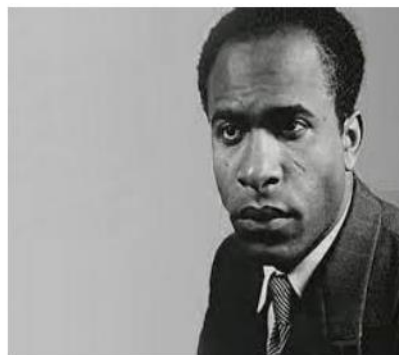
Ao longo do seu percurso escolar, você já deve ter aprendido que desde a chegada dos portugueses ao que hoje chamamos de Brasil, por volta de 1500, até o processo da chamada Independência (1822), fomos uma colônia de Portugal, num conjunto de relações que nos caracterizaram como uma colônia de exploração. Isso significa que além de não sermos considerados um território autônomo, muito das riquezas extraídas ou produzidas aqui, serviram

para enriquecer a metrópole- Portugal. A base, ou seja, a mão-de-obra necessária para tal enriquecimento, foi o trabalho dos negros escravizados que foram retirados de seus territórios no continente Africano e forçadamente foram trazidos para cá. Vistos apenas como mais uma parte necessária para o enriquecimento e não como seres humanos, os escravizados foram submetidos as mais diversas formas de violência. Mesmo após o Brasil tornar-se um país independente, a escravização ainda foi mantida e quando foi oficialmente abolida, os negros não foram recebidos pelo mercado de trabalho formal. Assim, apesar de serem os responsáveis por muito da riqueza aqui gerada, os negros estiveram marginalizados do restante da sociedade brasileira, vistos como mercadorias, como menos humanos que os demais. Essa situação também se repetiu em outros países do mundo onde esse estigma forjado sobre o negro durante a colonização, assim como aqui, ecoa até hoje.

Assim como retratado na canção, alguns filósofos e filósofas também analisaram e buscaram esclarecer a estrutura social formada a partir dessas relações coloniais imposta aos negros pelos brancos. Entre essas pessoas, está Frantz Fanon, filósofo martinicano que nos esclarece que a relação colonizador branco *versus* colonizado negro não se reproduz apenas social, econômica ou politicamente - ou seja, no exterior do indivíduo - mas também no interior dos indivíduos que subalternizados desenvolvem e reproduzem uma consciência de ser humano inferior ao colonizador, tamanho o estrago da colonização racista, fazendo com que os colonizados performem comportamentos dos colonizadores e alienem-se de suas características originais.

NAS PALAVRAS DO AUTOR...

“Aqui, ao contrário, assistiremos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial.



Mostraremos, em outra parte, que aquilo que se chama de alma negra

frequentemente uma construção do branco”

[...]

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.

[...]

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade.”

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008. P. 30, 34 e 94. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf

Imagem disponível em:
<https://www.geledes.org.br/20-de-julho-de-1925-nascia-frantz-fanon/>



Frantz Fanon

Aos 20 de julho de 1925 nascia Frantz Fanon, um dos pensadores pretos mais importantes do século XX. Nasceu em Forte de France, Martinica (território francês de Ultramar) em 1925 no seio de uma família de classe média. Em 1944 se alistou no exército francês para lutar contra a invasão alemã ocorrida durante a II Guerra Mundial e posteriormente seguiu para Lyon para estudar medicina e psiquiatria.

Em 1950 Fanon escreveu uma tese doutorado em psiquiatria discutindo os efeitos psíquicos do racismo colonial. Entretanto, a tese foi rejeitada por confrontar as correntes positivistas então hegemônicas em sua área de estudos. Escreve então uma segunda tese de doutorado no ano seguinte [...].

Em 1951 Fanon conheceu o psiquiatra marxista Dr Tosquelles, o qual se torna amigo e discípulo.

Alguns anos depois, este psiquiatra seria conhecido como um dos pilares do Movimento de Reforma Psiquiátrica (GEISMAR, 1972:73). Em 1952 Fanon participou de diversos debates universitários e seminários onde entrou em contato com renomados pensadores franceses.

Neste mesmo ano, publicou uma série de ensaios sobre a situação do negro na França e escreveu um drama sobre os trabalhadores de Lyon. Posteriormente, ainda com 27 anos de idade, revisou o texto que utilizara em sua primeira tese rejeitada e o publicou com o título: *Peau noir, masques blancs*, livro que com o advento da viragem pós-colonial na década de 80 marcaria definitivamente a história dos estudos sobre o racismo.

O ano de 1956 foi marcado por seu casamento e a posterior mudança para a Argélia por motivos profissionais. Segundo Oto (2003) este momento foi fundamental para Fanon compreender os impactos do colonialismo na estrutura psíquica humana. Neste ano o autor presencia o nascimento da revolução nacionalista na Argélia e a violenta repressão francesa que daí resulta. Neste contexto, em meio às contradições de toda ordem que se agudizavam, Fanon renuncia ao seu cargo no Hospital psiquiátrico para se filiar à Front de Liberation Nationale - FLN onde contribuirá ativamente como escritor do jornal *El Moudjahid*, na Tunísia.

Os anos seguintes foram marcados por intensa agitação política e participação em fóruns internacionais dos movimentos de libertação no continente africano. Em 1959 publica *L'an V de la Révolution Algérienne*, que também ficou conhecido como *Sociologia de uma revolução* pois, como um etnógrafo, retrata de maneira sistemática o desenrolar da revolução anticolonialista da Argélia.

Em 1961, aos 36 anos e num contexto de intensas atividades políticas, Fanon foi diagnosticado com leucemia descobrindo, portanto, que lhe restava pouco tempo de vida. Inicia então uma corrida contra o tempo para escrever o seu último livro: *Les damnés de la terre*. Antes da publicação do livro, Fanon encontrou-se com J. P. Sartre e S. Beauvoir para discutir a luta anticolonial e encomendar a Sartre o prefácio de seu futuro livro. Fanon chega a viver para ver uma versão impressa do livro, mas morre logo em seguida em 6 de dezembro do mesmo ano. FAUSTINO, Deivison Mendes. 20 de julho de 1925 nascia Frantz Fanon. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/20-de-julho-de-1925-nascia-frantz-fanon/>.

Outra pensadora que nos falará sobre as subjetividades consequentes do racismo e que inclusive escreve o prefácio de uma das edições da obra supracitada de Fanon, é a portuguesa Grada Kilomba.

Kilomba, em sua tese que se tornou o livro “*Memórias da Plantação- Episódios de Racismo Cotidiano*”, nos desvenda como o racismo insere a/o negra/o na

dimensão de Outra/o, identificado como tudo aquilo que o sujeito branco não quer se identificar, mas trazendo uma personagem não observada por Fanon, a mulher negra.

NAS PALAVRAS DA AUTORA...

“Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade.”



Imagem disponível em:
<https://www.cobogo.com.br/grada-kilomba>

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 190

Outro esclarecimento importante que a intelectual nos faz é sobre a especificidade do racismo em relação a outras formas de preconceito.

“[...] É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o racismo é a supremacia branca. Outros grupos raciais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder. [...] O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc.”

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 76.



Grada Kilomba

Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise. Na esteira de Frantz Fanon e bell hooks, a autora reflete sobre memória, raça, gênero, pós-colonialismo, e a sua obra estende-se a performance, encenação, instalação e vídeo. Kilomba cria intencionalmente um espaço híbrido entre as linguagens acadêmica e artística, dando voz, corpo e imagem aos seus próprios textos. Os seus trabalhos foram apresentados na 32ª Bienal de São Paulo, na 10ª Bienal de Berlim, na Documenta 14, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Pinacoteca de São Paulo, entre outros espaços. Vive em Berlim, onde se doutorou em Filosofia na Freie Universität. Também foi professora no Departamento de Gênero da Humboldt Universität.

GRADA Kilomba. Cobogó, 2023. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/grada-kilomba>

CONECTANDO SABERES

REPORTAGEM: Conheça o projeto curatorial da 35ª Bienal de São Paulo



Coletivo de curadores da 35ª Bienal, da esq. para a dir.: Hélio Menezes, Grada Kilomba, Diane Lima e Manuel Borja-Villel © Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

Disponível em:
<https://35.bienal.org.br/conheca-o-projeto-curatorial-da-35a-bienal-de-sao-paulo/>

EXERCÍCIO 2

Segundo a Wikipédia, racismo reverso é um conceito que descreve supostos atos de discriminação e preconceito perpetrados por minorias raciais ou grupos étnicos historicamente oprimidos contra indivíduos pertencentes à maioria racial ou grupos étnicos historicamente dominantes.[1] Em outras palavras,

trata-se de discriminação reversa baseada em critérios raciais. É um racismo "ao contrário", onde as minorias são racistas em relação às majorias.[2].

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo_reverso

A partir do que vimos nos textos de Fanon e Kilomba, você acredita que seja possível a prática de racismo reverso? Justifique sua resposta.

2.1- *BENVINDOS AO BRASIL COLONIAL E TAL*

Atente-se ao vídeo abaixo:

[Coleção Antirracista](#)



Ep. 1 - O Mito da Democracia Racial

Instituto Unibanco. **Ep 1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista**. YouTube, 05 de dezembro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG_XG2Lw. Acesso em 18 de jun. 2023.

Você pode acessá-lo pelo QR Code



GLOSSARIZANDO

Falácia: Falácia significa erro, engano ou falsidade. Normalmente, uma falácia é uma ideia errada que é transmitida como verdadeira, enganando outras pessoas.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/falacia/>

Abdias do Nascimento (1914-2011) em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, desconstrói a falácia da existência de uma **Democracia Racial no Brasil** e ainda nos escancara uma sociedade que sistematicamente atua para a extinção dos negros. Segundo o autor a reprodução ideológica de que não haveria diferenças estruturais significativas entre as diferentes raças no Brasil se reproduz pela exclusão do negro dos mecanismos de poder, mas também por destruir suas possibilidades de identificação social e cultural, impedindo a autoafirmação da população negra, levando ao que o autor assertivamente nomeia de genocídio do negro brasileiro, cujas estratégias vão desde o embranquecimento ao ataque cultural.

NAS PALAVRAS DO AUTOR...

“Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita pra designar o racismo estilo brasileiro.

[...]as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias

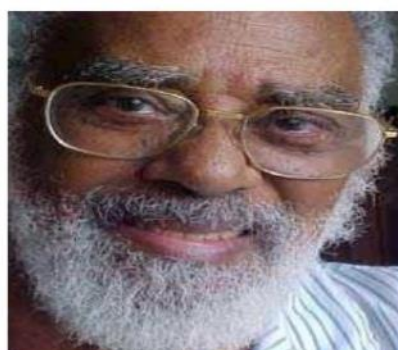


Imagem disponível em:
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento>

formas de comunicação de massas - a imprensa, o rádio, a televisão - a produção literária; todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa, e como criador e condutor de uma cultura própria. [...]

Tanto os obstáculos teóricos quanto os práticos têm prevenido os descendentes africanos de se afirmarem como íntegros, válidos, auto identificados elementos da vida cultural e social brasileira.

[...]

O fato concreto que nenhuma retórica acadêmica pode apagar: o negro no Brasil está sendo rapidamente liquidado nas malhas difusas, dissimuladas,

sutis e paternalistas do genocídio mais cruel dos nossos tempos.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. p. 93, 94 e 96.



Abdias Nascimento

Abdias Nascimento nasceu em Franca, no interior do Estado de São Paulo, em 14 de março de 1914, neto de africanos escravizados e filho de pai sapateiro e mãe doceira. Estudou no Ateneu Francano, formou-se como Contador e, entrando no exército, participou das Revoluções de 1930 e 1932. Formou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro em 1938. Participou da Frente Negra Brasileira, cujas atividades foram encerradas pela ditadura do Estado Novo (1937-1945). Foi preso pelo Tribunal de Segurança Nacional por protestar contra as arbitrariedades do governo de Vargas. Em 1944, fundou o TEN - Teatro Experimental do Negro, do qual participaram Solano Trindade e outros intelectuais e artistas afrodescendentes. O objetivo maior do TEN era criar um espaço criativo nos palcos brasileiros para o negro, excluído, à época, do meio teatral.

No ano seguinte, organizou, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a Convenção Nacional do Negro, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a criminalização do racismo, no momento em que a Assembleia Nacional Constituinte implantava um novo ordenamento jurídico no país. Em 1950, organizou, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Formado na primeira turma do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros, fundou, em 1968, o Museu da Arte Negra.

No ano seguinte, perseguido pela ditadura militar, exilou-se nos EUA, tendo lecionado nas universidades de Yale, Wesleyan, New York e Temple. Atuou ainda na Universidade de Ifé, na Nigéria. Nos anos 1970, participou de significativos eventos internacionais sobre a cultura negra realizados no Brasil e no Exterior. A África, a América Latina e os EUA testemunharam a sua forte atuação, lutando sempre com o objetivo de colocar o negro no seu patamar de dignidade e evidência. Com a abertura do regime militar, pôe fim ao exílio e retorna ao Brasil.

Abdias Nascimento participou ativamente da vida política do país, tendo sido eleito Vice-Presidente Nacional do PDT, que ajudou a fundar. Foi responsável, ainda, pela criação do IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, na PUC de São Paulo, e pela organização do Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas. Em 1983, criou a Revista Afrodiáspora, um órgão de divulgação das atividades, dos problemas e das aspirações dos

afrodescendentes, especialmente nas Américas. O escritor foi protagonista de inúmeros fatos históricos relevantes, entre eles, a criação do Movimento Negro Unificado, em São Paulo. [...] Em 1980, auxiliou na criação do Memorial Zumbi; em 1982, elegeu-se Deputado Federal pelo PDT do Rio de Janeiro; na década seguinte, ocupou a cadeira de Senador da República. Foi também titular da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Nascimento foi o primeiro deputado federal do país a desenvolver projetos de lei de políticas afirmativas. Como suplente do antropólogo Darcy Ribeiro no Senado, assumiu a cadeira entre 1991 e 1992 e de 1997 a 1999.

Além de poeta, teatrólogo e artista plástico, Abdias Nascimento destacou-se como cientista social e como autor de importantes trabalhos que tratam da temática afro-brasileira, considerados referência obrigatória nesse campo de estudos.

Foi agraciado com os títulos de Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York em Buffalo, EUA, e Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990) da Universidade Federal da Bahia (2000). Em 2001, recebeu o prêmio "Herança Africana", oferecido pelo Schomburg Center for Research in Black Culture, o prêmio UNESCO, categoria Direitos Humanos e Cultura da Paz e o prêmio "Cidadania Mundial", oferecido pela Comunidade Bahá'í do Brasil. Recebeu das mãos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Ordem do Rio Branco, no grau de Comendador, a honraria mais alta outorgada pelo governo brasileiro. Em 2003, lançou edição fac-similada do jornal Quilombo, do Teatro Experimental do Negro, contendo a reprodução dos números 01 a 10, que circularam entre dezembro de 1948 e julho de 1950.

Sua defesa dos direitos humanos dos afrodescendentes lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2010. Em março, do ano seguinte, esteve entre as lideranças negras convidadas para o encontro com o presidente norte-americano Barack Obama.

Abdias Nascimento faleceu no dia 24 de março de 2011, no Rio de Janeiro, poucas semanas após completar 97 anos de idade.

ABDIAS Nascimento. Dados Biográficos. Literafro. Disponível: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento>

A partir do exposto no vídeo, nas palavras de Abdias do Nascimento e em todo nosso percurso já realizado até aqui, podemos inferir como a falsa ideia da existência de uma democracia racial no Brasil serve também como produtora e reprodutora do epistemicídio negro, pois se as condições são iguais para as diferentes raças, a falsa ideia que se constrói é de que o negro não ocupa lugares de representação de intelectualidade, por falta de méritos ou capacidades individuais e não por uma estrutura racista.

Racismo estrutural

Segundo a versão on-line do dicionário Michaelis, estrutural significa:

- 1 Que é relativo a uma estrutura.
- 2 Que ocorre em uma estrutura, considerada como um todo organizado.
- 3 Que é básico; essencial, fundamental.
- 4 Relativo a estruturalismo.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estrutural>

Também crítico das consequências que a falácia da democracia racial deixou em nosso país, podemos citar o advogado, filósofo e atual Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, que em seu livro “Racismo Estrutural” faz uma análise do racismo como componente da estrutura social e, portanto, que está na base das relações que uma sociedade racista estabelece, não sendo um fenômeno pontual, episódico ou institucional. Para alicerçar sua tese de que o racismo é sempre estrutural, Almeida faz uma interessante análise não só de como a categoria raça no Brasil está conectada com a ideologia, com a política, com o direito e com a economia, mas como produz uma sociedade estruturalmente racista. Nesse contexto, o autor nos chama atenção para o fato de que o racismo estrutural produz comportamentos de naturalização das desigualdades raciais e que para que essa realidade seja modificada é preciso o desenvolvimento de consciência crítica e a coordenação de ações antirracistas.

NAS PALAVRAS DO AUTOR...

“No Brasil, nos Estados Unidos e na África do Sul, [...]. A ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores - como no caso da colonização -, mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões



Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/pessoa/silvio-luiz-almeida>

hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados, como se pode observar no cotidiano das populações negras e indígenas dos países acima mencionados.”

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. p. 178.



Silvio Almeida

Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco). Mestre em Direito Político e Econômico pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Concluiu o pós-doutorado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Foi Mellon Visiting Professor do Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) da Universidade de Duke (EUA) no ano de 2020, onde ministrou as disciplinas "Black Lives Matter US and Brazil" e "Race and Law in Latin America". Durante seu período na Universidade de Duke foi, ao lado do Professor John D. French, o organizador da exposição "Black Lives Matter US-Brazil", resultado dos trabalhos acadêmicos da disciplina de mesmo nome ministradas. Após seu período como professor visitante, foi integrado como pesquisador do CLACS-Duke em projeto de pesquisa que analisa em perspectiva comparada a figura do "Amicus Curiae" e a participação da sociedade civil nas ações constitucionais propostas perante o Supremo Tribunal Federal e a Suprema Corte Americana, referentes às políticas de ação afirmativa. Atualmente suas pesquisas se desenvolvem a partir de quatro vertentes: 1) A relação entre Filosofia do Direito e as Teorias Econômicas; 2) Racismo Estrutural; 3) Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro; 4) Compliance e práticas antidiscriminatórias.

SILVIO Luiz de Almeida. FGV EAESP. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/pessoa/silvio-luiz-almeida>

EXERCÍCIO 3

Explique o que você compreendeu sobre o termo “mito da democracia racial”.

EXERCÍCIO 4

Elabore uma reflexão explicando as semelhanças e/ou diferenças entre um indivíduo (único) ser racista e a existência de um racismo estrutural.

2.2- AS NEGRAS ONDE ESTÃO...

Vamos novamente ouvir a canção *Voz Ativa* do grupo Racionais MC's, agora nos atentando aos versos:

*“Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...
(chegou o carnaval, chegou o carnal)
Modelos brancas no destaque
As negras onde estão...ham
Desfilam no chão em segundo plano”*

Acima já fomos alertados pela intelectual Grada Kilomba sobre o duplo enfrentamento das mulheres negras: do machismo e do racismo. Já vimos também o que a filósofa Sueli Carneiro nos diz sobre o epistemicídio e sobre o mito da democracia racial, mas Carneiro também tem um papel fundamental no ativismo e produção intelectual sobre a categoria mulher negra no Brasil, que aliás, segundo a autora carrega o que ela chama de **tríplice discriminação: de classe, de raça e de gênero**. Essas interações que atravessam as mulheres negras são uma ferramenta de estudo denominada interseccionalidade. De acordo com a intelectual Carla Akotirene em entrevista para o portal Gelédes (2018):



Interseccionalidade é uma ferramenta metodológica disputada na encruzilhada acadêmica. Trata-se de oferta analítica preparada pelas feministas negras.

Conceitualmente ela foi cunhada pela jurista estadunidense, a professora da teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, no âmbito das leis antidiscriminação. Sensibilidade analítica, a interseccionalidade completa no próximo semestre 30 anos, quando a sua proponente teorizou a sugestão histórica pensada pelo movimento de mulheres negras. É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. Infelizmente agora sofre os perigos do esvaziamento, pois caiu no gosto acadêmico das branquitudes. Fala-se muito de feminismo interseccional sem trabalhar o paradigma afrocêntrico, de forma desconexa da origem, fundamento e propostas epistemológicas das feministas negras.

Como já vimos acima, Sueli Carneiro é uma das fundadoras do Geledés-Instituto da Mulher Negra, e segundo ela o instituto é uma forma de organização das mulheres negras que sentem falta de suas problemáticas raciais serem tratadas no movimento feminista e que no movimento negro também não sentem tratamento as suas problemáticas de gênero. Em seus textos são descritas as diversas desigualdades as quais as mulheres negras estão submetidas no Brasil como expectativa de vida menor que de mulheres brancas e salários menores que de homens negros, ou seja, as mulheres negras figuram sempre como o grupo sobre o qual recaem as piores condições de vida.

NAS PALAVRAS DA AUTORA...

"[...] a partir da análise de alguns indicadores sociais, evidencia-se que nascer homem negro, em termos de oportunidades sociais, é menos desastroso do que nascer mulher negra.

[...]

Para nós, mulheres negras, a conjugação das discriminações de

raça, sexo e classe implica em tríplice militância, visto que nenhuma solução efetiva para os problemas que nos afligem pode advir da alienação de qualquer desses três fatores.

[...]

há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima.



Imagem disponível em:
<https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2021/10/entrevista-abre.png>

Esses são os efeitos da hegemonia da "branquitude" no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas.

[...]

Parece insólita, no imaginário social, a presença de mulheres negras em instâncias de poder, em nossa sociedade, e para destacar como as representações consolidadas acerca das mulheres negras determinam tanto a sua ínfima presença nas instâncias de poder como as dificuldades adicionais que as espreitam quando ousam romper portas e adentrar lugares para os quais não foram destinadas. São condições e condicionantes que tornam mais desafiante ainda o tema "mulher negra e poder", pois o racismo, o ceticismo e a exclusão social a que as mulheres negras estão submetidas se potencializam e se retroalimentam para mantê-las numa situação de asfixia social, que põe em perspectiva as condições mínimas necessárias para o empoderamento das mulheres negras em nossa sociedade, de forma a quem sabe um dia, potencializá-las para a disputa de poder”

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020. p. 39, 55, 205 e 282.

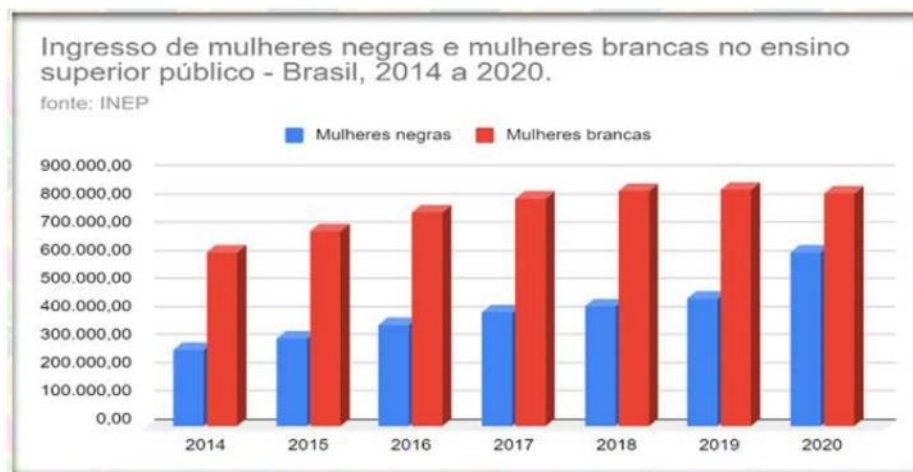


Carla Akotirene

Carla Akotirene é doutora em Estudos Feministas pela Universidade Federal da Bahia e consultora em políticas públicas. Autora dos livros “O que é interseccionalidade?”, pela Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, e “Ó Paí Prezada! Racismo e sexismo tomando bonde nas penitenciárias femininas de Salvador”, ambos publicados pela Editora Jandaíra. É também é idealizadora da Opará Saberes, primeiro curso de extensão voltado à capacitação de candidaturas negras ao mestrado e doutorado em universidades públicas. Atualmente, Carla concentra estudos sobre feminismo negro, racismo estrutural e equidade de gênero e interseccionalidades.

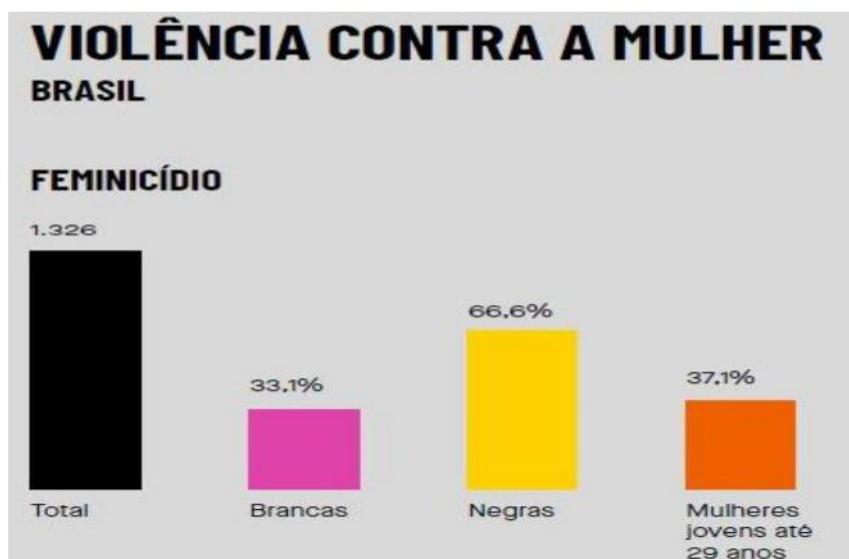
Carla Akotirene. In: Patrícia Casé, Casé Fala, São Paulo, 2023.
Disponível em: https://casefala.com.br/site/casting/carla_akotirene/.
Acesso em: 27 set. 2023.

Vejamos alguns dados sobre a condição da mulher negra no Brasil.

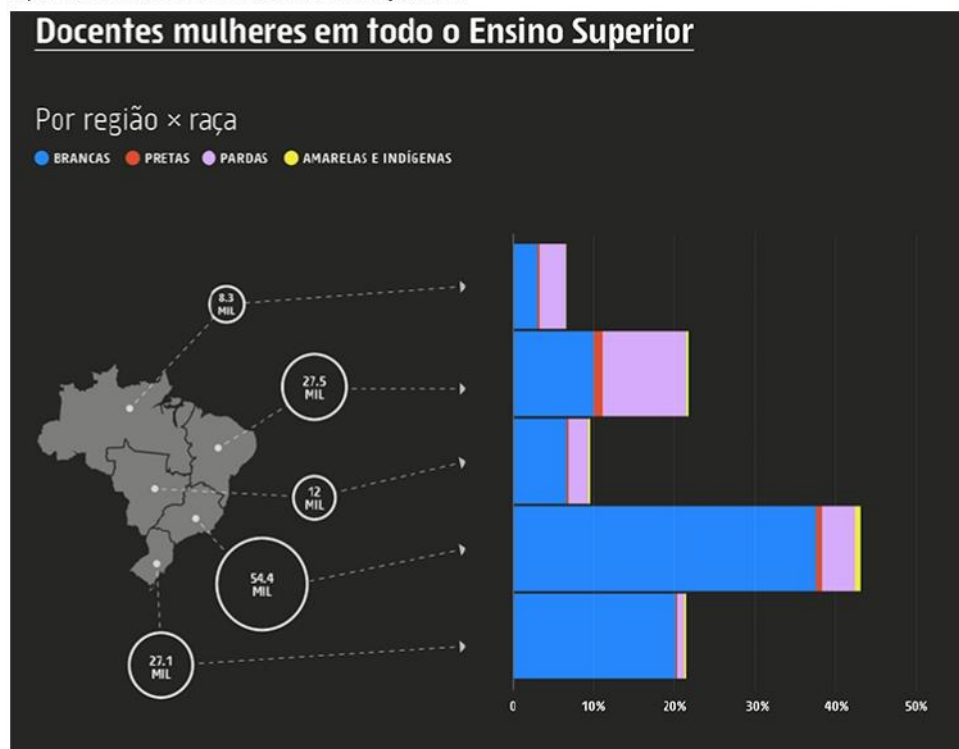


Embora a discrepância entre negras e brancas continue significativa, é possível verificar pelo gráfico a importância das ações afirmativas para o acesso das mulheres negras ao Ensino Superior público ao longo dos últimos anos o que possibilita dimensionar a importância das ações afirmativas e políticas para a democratização do Ensino Superior.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/boletim-seta-01-desigualdade-de-genero-e-raca-na-educacao-brasileira/>. Acesso em 05 jul. 2023



Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/dossie-mulheres-negras-e-justica-reprodutiva-criola-2020-2021/>. Acesso em 05 jul. 2023.



Legenda: Círculos/valores:8,3 mil; 27,5 mil; 12 mil; 54,4 mil e, 27,1 mil. Porcentagens: 0%; 10%; 20%; 30%; 40% e, 50%.

Fonte: <https://www.opencia.com.br/>. Acesso em 05 jul. 2023

Mulheres negras e violência no Brasil



■ 58,86% das mulheres vítimas de violência doméstica.

Balanco do Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher/2015

■ 53,6% das vítimas de mortalidade materna.

SIM/Ministério da Saúde/2015

■ 65,9% das vítimas de violência obstétrica.

Cadernos de Saúde Pública 30/2014/Fiocruz

■ 68,8% das mulheres mortas por agressão.

Diagnóstico dos homicídios no Brasil (Ministério da Justiça/2015)

■ Duas vezes mais chances de serem assassinadas que as brancas.

Taxa de homicídios por agressão: 3,2/100 mil entre brancas e 7,2 entre negras (Diagnóstico dos homicídios no Brasil. Ministério da Justiça/2015)

■ Entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram 54,2%

Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil (Flacso, OPAS-OMS, ONU Mulheres, SPM/2015)

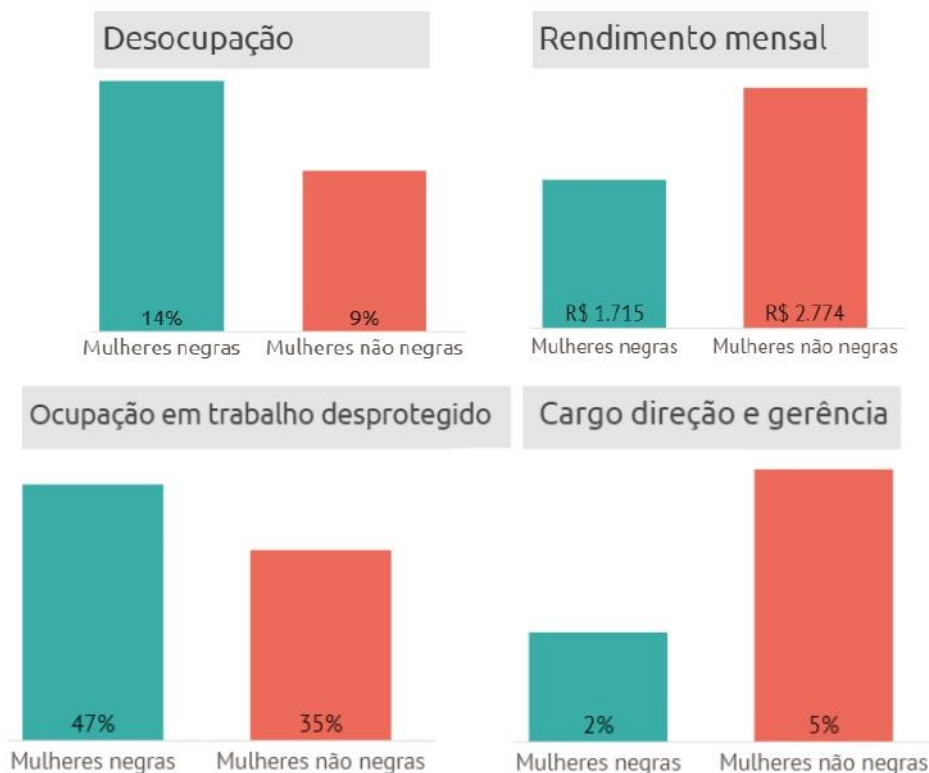
■ 56,8% das vítimas de estupros registrados no Estado do Rio de Janeiro em 2014

Dossiê Mulher RJ (ISP/2015)

Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/biblioteca/mulheres-negras-e-violencia-no-brasil/>. Acesso em 05 jul. 2023

Mulheres negras e condições de trabalho

Segundo trimestre de 2022



Mulheres negras têm maior participação em serviços domésticos

A proporção é quase o dobro (16%) em relação à participação das mulheres brancas (9%)

Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/apenas-2-dos-cargos-de-direcao-e-gerencia-sao-ocupados-por-mulheres-negras/>. Acesso em 05 jul. 2023.

EXERCÍCIO 5

A partir dos textos e dos dados dispostos, elabore um mapa mental sobre a condição da mulher negra no Brasil. O mapa deverá ser realizado em folha a parte e entregue para a professora, portanto, não esqueça de se identificar!

CONECTANDO SABERES



Descrição do episódio

Mano Brown recebe Sueli Carneiro, uma das maiores intelectuais e referência histórica do movimento negro do Brasil. Numa uma ideia Mano a Mano, que merece ser ouvida e refletida por todas as gerações, eles falam de sociedade, racismo, sobre primórdios do rap no Brasil e a conexão com movimentos negros da época, e visões de futuro para o povo brasileiro.

Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr>

PARA OUVIR, APONTE SEU CELULAR!!!



3- AFRODINAMICAMENTE MANTENDO NOSSA HONRA – ENSINO DE FILOSOFIA

*“Mas Racionais resistente, nunca iguais
Afrodinamicamente mantendo nossa honra viva
Sabedoria de rua
O RAP mais expressiva (E aí)
A juventude negra agora tem a voz ativa (Pode crer)”*



VOCÊ SABIA?

Que temos uma Lei promulgada em 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"?

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Acesso em: 29 jun. 2023.

Assista o vídeo abaixo para que você possa saber mais sobre essa importante Lei.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hw7JIUQW0B0>

Os currículos escolares de Filosofia no Brasil, ainda são amplamente ocupados por homens, brancos, europeus ou norte-americanos. E o motivo disso nós já vimos, o epistemicídio e uma estrutura social centrada na figura masculina que aqui se abate sobre os saberes e conhecimentos. Filósofos brasileiros como Wanderson Flor do Nascimento e Renato Nogueira escreveram esclarecedoras críticas sobre como o ensino de Filosofia no Brasil ainda reproduz uma Filosofia que se diz universal* ao mesmo tempo que exclui, inferioriza ou ainda exotiza as produções filosóficas que estariam fora desse eixo geopolítico Europa/Estados Unidos. Assim o que estudantes do ciclo básico aprendem como Filosofia reproduz as estruturas geopolíticas do poder, reduzindo os horizontes dessa área de conhecimento e manipulando como referencial intelecto-filosófico conceitos produzidos a partir de outras realidades para pensar a sua realidade. Além disso, levantamos a premissa de que isso forja nos estudantes um padrão de intelectualidade que tem como representação exatamente esse homem branco euro-norte americano, excluindo portanto as pessoas negras, sobre o que podemos refletir retomando as respostas dadas ao nosso exercício inicial.

Ambos os filósofos e a filósofa nordestina Adilbênia Machado, irão propor alternativas para mudarmos essa realidade, vejamos suas contribuições.

NAS PALAVRAS DAS(OS) AUTORAS(ES)

3.1- Renato Nogueira e a afroperspectividade



Imagem disponível em:
<https://ppgeduc.ufrj.br/docentes/renato-nogueira/>

“Em linhas bem gerais, uma abordagem filosófica afroperspectivista é pluralista, reconhece diversos territórios epistêmicos, é empenhada em avaliar perspectivas e analisar métodos distintos.

[...]

Apenas operando com uma razão crítica do epistemicídio da colonialidade ocidental, a filosofia poderá ser antirracista. Em busca de uma razão aberta e afroperspectivista, a filosofia pode promover um aprendizado antirracista e edificante.

[...]

Uma razão afroperspectivista, além de recusar o racismo epistêmico, precisa recorrer às culturas africanas, manter um diálogo firme e permanente com as diversas possibilidades dadas pelos arranjos políticos africanos. Esta razão afroperspectivista é radical, porque busca caminhos filosóficos poucos explorados.”

NOGUEIRA, Renato. **Ensino de filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014. p. 68 e 98.



GLOSSARIZANDO

É importante especificar afrodiáspora conceitualmente.

Por afrodiáspora se deve entender toda região fora do continente africano formada por povos africanos e seus descendentes, seja pela escravização entre os séculos XV e XIX, seja pelos processos migratórios do século XX. Ou seja, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões - África Setentrional, África Ocidental, África Oriental, África Central e África Meridional -, podemos nomear aqui a reorganização em outros continentes como a sexta região, a afrodiáspora: a "África fora do continente", sua cultura e sua história.

NOGUERA, Renato. Ensino de filosofia e a lei 10639. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014. p.40.



Renato Nogueira

Renato Nogueira nasceu no Rio de Janeiro em 1972. Residente em Duque de Caxias é Professor de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atua como Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia da UFRRJ.

Possui doutorado [...] em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas investigações se concentram em: Ensino de Filosofia e os conteúdos obrigatórios de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena; Ética, Política e Subjetividade, tratando especificamente de racismo, biopoder, devir negro e diferença, nas filosofias de Foucault e Deleuze; e Literatura, Musicalização e Relações Étnico-raciais na Educação Infantil e do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental. [...]

Em meados dos anos 1990, participou de oficinas de criação literária com João Gilberto Noll e Maria da Graça Cretton, e nutriu por anos o interesse em realizar alguma incursão pela escrita ficcional. Foi então que começou a investir em estudos sobre infância e surgiu o desejo de adentrar no universo da literatura infantil. Tal direcionamento, além das reflexões sempre articuladas às exigências legais de inclusão de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, resultou na coleção Nana & Nilo, personagens que atuam ao lado da árvore mentora, Mulemba, e do passarinho escudeiro Gino. Com eles, os protagonistas viajam no tempo e no espaço, em busca de informações e explicações para dificuldades vividas no presente. E encontram de forma lúdica um vasto repertório de saberes africanos das mais diversas regiões, que não só os aproximam de hábitos, brincadeiras e tradições também presentes do lado de cá do Atlântico Negro, como inscrevem as diferentes formações étnicas africanas como locais de cultura.

RENATO Nogueira. Dados Biográficos. Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/399-renato-nogueira->.

3.2- Wanderson Flor do Nascimento e a descolonização do currículo pelo diálogo



Imagem disponível em:
<http://pesquisar.unb.br/professor/wanderson-flor-do-nascimento>

Mais do que um nacionalismo filosófico - que a Europa sustenta sem pudores, [...] - o que pretendemos é sustentar uma filosofia que dialogue sem hierarquias naturalizadas pelas forças de um pensamento colonial. Seguramente a descolonização da filosofia não seria a solução definitiva e única para uma mudança no padrão de poder inferiorizante, mas certamente uma ruptura com uma estrutura de pensamento hierarquizada de modo excludente não é possível sem que revejamos nossos modos de pensar, fazer filosofia, epistemologia e ciência, ainda mais que a filosofia segue ligada à produção de imagens do humano e da vida que sustentam a ação.

A proposta de uma filosofia livre dos enredos coloniais está calçada na proposta de uma busca de outras vozes dialogantes. [...]

O que não devemos tomar como natural é que estudar as raízes do pensamento eurocêntrico é a maneira correta e única de fazer filosofia. Podemos dialogar com a experiência vinda da Europa, mas fazer da experiência eurocêntrica a nossa é parar o diálogo, pois só haverá uma voz, a europeia. E não há diálogos de uma só voz.

Descolonizar o currículo implica que tenhamos de estabelecer com ele e através dele a busca de um diálogo. Diálogos com outras experiências, culturas, pensamentos. [...]

Temos de experimentar a construção de nossas próprias vozes, impedindo que no movimento de internalização do histórico das dinâmicas coloniais, sejamos sempre, e cada vez mais, apenas vetores de sua manutenção.”

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. p. 36-37.



Wanderson Flor do Nascimento

Nascido em 22 de julho de 1977, Wanderson Flor do Nascimento iniciou em 1996 a Graduação em licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e se formou em 2001. Em 2002 realizou uma especialização em Ensino da Filosofia - Níveis Fundamental e Médio também pela Universidade de Brasília (UnB). Concluiu em 2004 seu mestrado em filosofia também pela Universidade de Brasília (UnB) intitulado: Quem estaria seguro na casa de Foucault? Em defesa de uma ética foucaultiana, entre 2008 e 2010 realizou um doutorado em Bioética pela Universidade de Brasília (UnB) intitulada: Por uma vida descolonizada: Diálogos entre a Bioética de Intervenção e os Estudos sobre a Colonialidade. É professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UnB, do Programa de Pós-graduação em Bioética (FS-UnB), do Programa de Pós-Graduação em Metafísica (IH/UnB) e Colider do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq). Pesquisador das áreas de Filosofia Africana, Interfaces entre a filosofia e a

educação, Ética, Filosofia Política e, também, das bases conceituais da Bioética. Pesquisa questões de subjetividade/subjetivação com o aporte das teorias de gênero, dos feminismos, da psicanálise e do instrumental analítico produzido por Michel Foucault. Investiga relações raciais, saúde da população negra, religiosidades e diversidades de gênero e de orientação sexual, direitos humanos, estudos sobre a colonialidade e suas repercussões na educação (sobretudo, no que diz respeito à formação docente) e na Bioética. Trabalha com filosofia africana para ressignificar as imagens difundidas das populações africanas - e de seus descendentes - como intelectualmente inferiores trazendo elementos que desmistifiquem a presença da população negra em nosso país.

WANDERSON Flor do Nascimento. Filósofos(as) Brasileiros(as). Verbetes. Disponível em: [http://historiadafilosofianobrasil.blogspot.com/2017/06/wanderson-flor-do-nascimento.html?m=1#:~:text=Nascido%20em%2022%20de%20julho,Universidade%20de%20Brasilia%20\(UnB\).](http://historiadafilosofianobrasil.blogspot.com/2017/06/wanderson-flor-do-nascimento.html?m=1#:~:text=Nascido%20em%2022%20de%20julho,Universidade%20de%20Brasilia%20(UnB).) Acesso em 03 jul. 2023.

3.3- Adilbênia Freire Machado e o currículo afrorreferenciado



Imagem disponível em:
<https://ppgeduc.ufrj.br/docentes/adilbenia-freire-machado/>

“Pensar / refletir / criar um currículo afrorreferenciado é pensar desde a teia da diversidade, da horizontalidade dos saberes, da pluralidade de vozes / epistemologias, dos modos diversos de aprender / ensinar / conhecer / experienciar. É propor uma formação para fortalecer o pertencimento, a humanidade das pessoas, permitindo-as compreenderem-se criadoras, também, do conhecimento compartilhado.

Pensar / criar um currículo afrorreferenciado é criar possibilidades diversas de produção de conhecimentos descolonizados, ligados às nossas raízes, nossas ancestralidades, os rios que nos atravessam e que atravessamos. [...]

Um currículo afrorreferenciado implica em metodologias afrorreferenciadas, desse modo, conhecemos nossas histórias desde nós mesmas. Nossos modos de escrita, nossas epistemologias, nossas culturas, nossas autoras e autores, contribuindo com a exclusão do epistemicídio que tanto nos assola.

Nos esclarece ou nos lembra que:

“O pensamento do colonizador caracteriza-se por ser marcado por homens brancos donos do conhecimento, das questões existenciais e filosóficas, das questões ligadas à política, à economia, à cultura, aos diversos conhecimentos, às questões psicológicas e ao que é considerado arte, belo... é um pensamento que se deseja único e universal, delineado pela negação de tudo que é diferente

do seu eu, tudo o que é o Outro (africanos e indígenas). O privilégio social está intrinsecamente ligado ao epistêmico. [...]

É essa mente colonizada que permite a hierarquização de saberes oriundos de uma classificação racial, é essa mente colonizada que não permite mulheres serem reconhecidas como pensadoras e construtoras de epistemologia diversas etc. permite menos ainda que mulheres negras possam sequer pensar, entretanto, nós, mulheres negras produzimos, pensamos, criamos, nos insubordinamos contra esse modelo machista dominante há muito tempo.

[...]

Portanto, para além de criarmos nossas metodologias e adotarmos atitudes decoloniais, transdisciplinares e transgressoras, faz-se necessário lutarmos para mudar nossos currículos escolares e acadêmicos. “

MACHADO, Adilbênia Freire. Saberes ancestrais femininos na Filosofia Africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2019. p. 216, 217 e 219. Acesso em 25 jun. 2023.



Adilbênia Freire Machado

Adilbênia Freire Machado

Profa. Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Instituto Multidisciplinar / Departamento Educação e Sociedade

Vice-Coordenadora do Curso de Pedagogia

Docente do PPG Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares

Coordenadora do Eixo Fil. Africana e Afro-diaspórica da ABPN

Coordenação Ampliada da Associação de Filosofia e Libertação
(AFyL - Brasil)

Membra do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
(LEAFRO - UFRRJ)

Pesquisadora do Afroperspectiva, Saberes e Interseções (Afrosin
- UFRRJ)

Pesquisadora do Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE):
encantamento, pedagogia, ancestralidade (UFC)

Sócia Fundadora da Rede Africanidades (UFBA)

Membra da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas

Membra do GT Filosofia da Libertação, Latino-Americana e

Africana (ANPOF)

Membra do GT Filosofia e Raça (ANPOF)

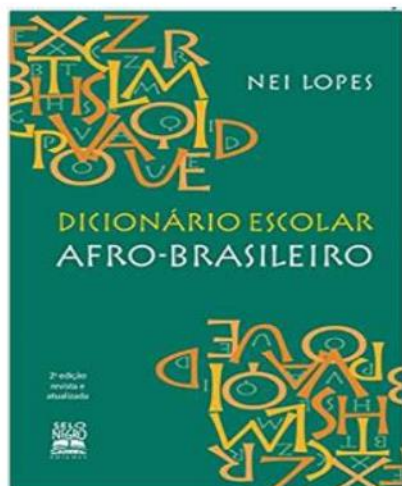
Licenciada e Bacharela em Filosofia (UECE)

Mestra em Educação (UFBA)

Doutora em Educação (UFC)

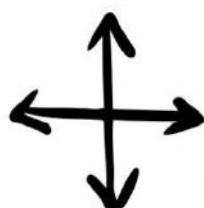
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1983904257583624>

Fonte: informações cedidas pela filósofa para a pesquisadora.

LENDO E APRENDENDO

A obra oferece ao leitor, em linguagem acessível, informações sobre o universo dos afrodescendentes no Brasil. Além de abordar temas como escravidão, racismo e desigualdade social, o livro apresenta biografias de personalidades negras que se destacaram e se destacam na política, nas artes plásticas, na religião, na música, nos esportes, no ensino e em muitas outras esferas da vida cotidiana brasileira.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Dicion%C3%A1rio-Escolar-Afro-Brasileiro-Nei-Lopes/dp/8587478958>



EXPANDINDO SABERES

INDICAÇÕES PARA QUEM QUISER APRENDER MAIS...



CASA SUELI CARNEIRO: site "A Casa Sueli Carneiro é um espaço de memória, formação e ativismo negro. Somos uma instituição negra fundamentada no legado ativista e intelectual de Sueli Carneiro, que se dedica a acolher produção, ativismo e pensamento negro, e a sistematizar reflexões, expressões, experiência e acontecimento, ampliando a visibilidade e a abrangência do pensamento ativista-intelectual-político negro no Brasil e suas interfaces com o pensamento brasileiro e de outros países da diáspora e do mundo.". Pode ser acessado pelo link: <https://casasuelicarneiro.org.br/>



COMO SER UM EDUCADOR ANTIRACISTA-PARA PAIS E PROFESSORES: livro de autoria de Barbara Carine, "Em Como ser um educador antirracista, Bárbara Carine, conhecida nas redes como "uma intelectual diferente", discute sobre como a educação e a escola podem ser pensadas a partir de perspectivas não ocidentalizadas e, sobretudo, racializadas.

A autora esmiuça conceitos ligados à luta antirracista, como pacto da branquitude, racismo estrutural, cotas raciais e educação emancipatória, para (re)pensar as ações pedagógicas e a formação e o papel dos educadores[...]. Pode ser adquirido no site da editora:

<https://www.planetadelivros.com.br/livro-como-ser-um-educador-antirracista/375332>

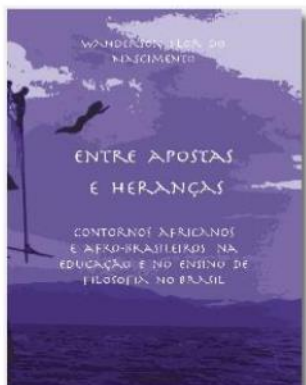


ENCICLOPÉDIA MULHERES NA FILOSOFIA:

Página ligada a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) dedicada a produzir e sistematizar conteúdos relativos a relação entre as mulheres e a filosofia. *“Com verbetes sobre filósofas e temas feministas escritos por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros de diversas áreas do conhecimento, a Enciclopédia Mulheres na Filosofia é um espaço de divulgação científica voltado para o público lusófono. Queremos ser lidas na academia e fora dela: nas escolas, nas praças, por quem se interessar por filosofia escrita por mulheres e teoria feminista.”.*

Disponível no link:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/>



ENTRE APOSTAS E HERANÇAS-

CONTORNOS AFRICANOS E BRASILEIROS NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL: livro do filósofo Wanderson Flor do Nascimento “O título *Entre apostas e heranças: contornos africanos, afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil* entrega o que promete. “Apostas” dizem respeito às expectativas de futuro, “heranças” tratam do legado, de uma tradição e/ou da ancestralidade. A aposta numa educação antirracista não pode prescindir de uma filosofia com sotaques africanos.”. Disponível para download no link:

<https://filoeduc.org/nefiedicoes/colecoes.php>

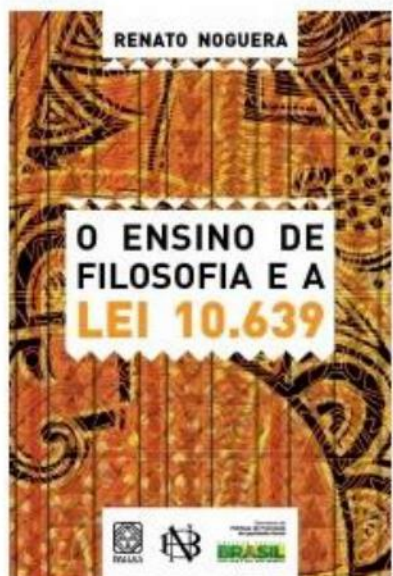


FILOSOFIA AFRICANA: site organizado pelo Professor Doutor da Universidade de Brasília, Wanderson Flor do Nascimento “*O objetivo deste espaço é disponibilizar materiais em língua portuguesa que possam subsidiar pesquisas sobre a filosofia africana e afro-brasileira, assim como auxiliar na tarefa de professoras/es do ensino fundamental e médio em acessar recursos ainda pouco conhecidos em nossa língua.*”. Disponível no link: <https://filozofia-africana.weebly.com/>



#93- Feminismo negro, com Halina Leal

FILOSOFIA POP COM HALINA LEAL- FEMINISMO NEGRO: “O Filosofia Pop é um site e podcast que abordam a filosofia como parte da Cultura.”. Pode ser ouvido nas plataformas reprodutoras de podcast e também através do canal do youtube. Este episódio é uma indicação entre vários que podem ser ouvidos por quem deseja saber mais sobre Filosofia. O episódio selecionado pode ser acessado no link: [https://www.youtube.com/watch?v=Ue9Uzp3lI2g,](https://www.youtube.com/watch?v=Ue9Uzp3lI2g)



O ENSINO DE FILOSOFIA E A LEI

10.639: livro de autoria do filósofo Renato Nogueira “A filosofia é privativa da cultura ocidental ou é uma criação do pensamento humano em geral? As culturas africanas e afrodiaspóricas são relevantes para o entendimento da filosofia? Existe filosofia africana e/ou filosofia afro-brasileira? Em caso afirmativo, como elas podem contribuir para o entendimento das relações étnico-raciais? Como o(a) professor(a) pode incluir a filosofia africana e a afrodiaspórica no currículo de Filosofia do ensino médio? Como formar um(a) professor(a) de Filosofia capaz de fazer essa conexão? Estas são algumas das questões que o professor Renato Nogueira discute nesta obra, que contém roteiros de reflexão, referências a autores fundamentais e propostas curriculares práticas.”. Pode ser adquirido no site da editora:

https://www.pallaseditora.com.br/produto/O_ensino_de_filosofia_e_a_lei_10_639/281/.



O PACTO DA BRANQUITUDE: “este livro poderoso, Cida Bento -- eleita em 2015 pela *The Economist* uma das cinquenta pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade -- denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais”. Pode ser adquirido no site da editora:

<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786559212323/o-pacto-da-branquitude>



PENSAR AFRICANAMENTE:

"Ferramenta de comunicação voltada para a produção e disseminação de conteúdos e informações sobre as histórias, culturas, tradições e ancestralidades africanas e afro-diaspóricas, com o objetivo de promover a soberania de negras e negros, e o enfrentamento ao racismo. Entendemos ancestralidade como o princípio orientador para analisar a realidade e projetar o futuro, base para a emancipação de negras e negros no mundo."

Disponível no link:

<https://www.youtube.com/channel/UCim1JapL579s1rnaJBpS9dw>



SILVIO ALMEIDA: canal no youtube do pensador "Uma voz ativa e relevante, que já marca presença nas redes sociais. Pode chegar que aqui nós vamos falar de assuntos densos através do afeto. Um encontro de boas histórias, informação e, é claro, pessoas que fazem a diferença!". Pode ser acessado pelo link:

<https://www.youtube.com/@silviolual>



RODA VIVA COM DJAMILA RIBEIRO: Tradicional programa de e entrevistas da TV Cultura com personalidades em diferentes áreas de atuação. *“No Roda Viva, a jornalista Vera Magalhães recebe a escritora e filósofa Djamila Ribeiro. Natural de Santos, litoral de São Paulo, Djamila Taís Ribeiro dos Santos é mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo e autora dos livros best-sellers “Lugar de Fala”, “Quem Tem Medo do Feminismo Negro?” e “Pequeno Manual Antirracista”. É coordenadora do Selo Sueli Carneiro e da Coleção Feminismos Plurais, dedicados à publicação de livros de autoras e autores negros, e também colunista do jornal Folha de S. Paulo. Em 2019, Djamila foi considerada pela BBC uma das 100 mulheres mais influentes do mundo. A escritora ganhou, no mesmo ano, o prêmio Prince Claus Awards, concedido pelo governo holandês, por produção cultural no Brasil.”* Episódio disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=jn1AtnzTqI8>



RODA VIVA COM GRADA KILOMBA: "O *Roda Viva* entrevista a escritora e artista multidisciplinar Grada Kilomba.". Disponível no youtube o link: <https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY>



SABERES ANCESTRAIS FEMININOS NA FILOSOFIA AFRICANA: POÉTICAS DE ENCANTAMENTO PARA METODOLOGIAS E CURRÍCULOS

AFRORREFERENCIADOS: tese de Adilbênia Freire Machado "*Diante da ausência de valorização epistemológica, metodológicas e curriculares numa perspectiva afrorreferenciada para pesquisas em torno das africanidades, além do sexismo que inviabiliza as mulheres na construção da filosofia africana contemporânea, mesmo em culturas marcadas pelo matriarcado, essa tese tem o objetivo de contribuir com a descolonização do conhecimento, descolonização curricular e metodológica desde as filosofias africanas, afrobrasileiras, da ancestralidade e do encantamento crocheteada pelos saberes ancestrais femininos e sua relação com a educação.*" Disponível no link: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019_tese_afmachado.pdf

MANUAL DO PROFESSOR (A)

Caro(a) professor(a), este material foi produzido como produto de um percurso para obtenção do grau de Mestra no Programa de Pós-Graduação “Mestrado Profissional em Filosofia- PROF-FILO”. A intenção foi produzir um material que apresentasse aos alunos referências filosóficas negras, demonstrando a existência de um epistemicídio negro nos currículos escolares como herança do colonialismo. Nesse ínterim, também se problematizou outras desigualdades raciais além do questionamento ao mito da democracia racial. Como mulher negra e professora da Educação Básica, o mote para realização dessa Pós-Graduação e conseqüentemente desta sequência didática, é mobilizar os estudantes a questionarem o padrão de intelectualidade dominante e oferecer ferramentas filosóficas no processo de reelaboração desse padrão, podendo inclusive mitigar as conseqüências negativas da reprodução de tal padrão sobre os (as) estudantes negros (as).

Professor(a), em todo o material existe a possibilidade de interdisciplinaridade com Língua Portuguesa a fim de que os alunos aprimorem habilidades de interpretação textual.

Primeiros passos...

Disponibilizar aos alunos a música sugerida.

Roda de conversa

Organizar a sala para uma breve roda de conversa mediada pelo(a) professor(a) na qual espera-se que os alunos reflitam a partir da questão racial tema da canção sugerida.

1-EPISTEMICÍDIO NEGRO

EXERCÍCIO 1

A) Dar tempo para que os alunos individualmente resolvam a atividade e depois contabilizar os resultados em lousa. Sugere-se seguir o modelo:

Pessoa I	SIM	NÃO
----------	-----	-----



Respostas- Todos(as) são filósofos(as)

I- Karl Marx- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx

II- Cornel West- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cornel_West

III- Kant- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant

IV- Angela Davis- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Angela_Davis

V- Habermas- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BCrgen_Habermas

VI- Foucault- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault

VII- bell hooks- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks

VIII- Levinas- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Emmanuel_Levinas

IX- Amadou Hampâté Bâ- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amadou_Hamp%C3%A2t%C3%A9_B%C3%A2

X-Katiuscia Ribeiro- Imagem disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/24/katiuscia-ribeiro-sobre-caso-carrefour-brasil-se-nega-a-reconhecer-racismo.htm>

XI- Judith Butler- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Judith_Butler

XII- Marilena Chauí- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marilena_Chauí

XIII- Sartre- Imagem disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul_Sartre

XIV- Paulin J. Hountondji- Imagem disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Paulin_J._Hountondji

B) Espera-se que os estudantes repensem a imagem que possuem sobre filósofos (as).

C) Resposta pessoal.

EXERCÍCIO 2

Espera-se que os estudantes consigam relacionar o epistemicídio negro abordado nos textos com as respostas elaboradas no exercício 1.

Professor(a), estimule os alunos a lerem a biografia bem como as demais seções dispostas.

1.2- ORIGEM DA FILOSOFIA

LENDO E APRENDENDO

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um colega de Ciências da Natureza, a fim de possa esclarecer com maior propriedade os experimentos para dosagem de melanina.

EXERCÍCIO 3

Espera-se que os estudantes consigam selecionar as informações fundamentais do texto.

DESAFIO

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um(a) professor(a) de história que possa fornecer aos estudantes maiores informações sobre o Egito Antigo

Sugere-se que os esta atividade seja realizada pelos (as) alunos (as) como tarefa de casa.

Espera-se que os estudantes aceitem o Desafio e pesquisem sobre o que foi o Kemet, relacionem com as pesquisas de Diop sobre a origem negra do Egito consigam elencar ao menos um saber e/ou conhecimento deixados pelos kméticos.

2- BRANCOS EM CIMA, NEGROS EM BAIXO

Disponibilizar aos alunos a música sugerida e encaminhá-los para leitura atenta do trecho disposto. A questão abaixo do trecho é uma questão mobilizadora, espera-se que os estudantes consigam explorar a capacidade argumentativa.

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um colega de História que possa aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre o período colonial.

EXERCÍCIO 1

Objetiva-se que os estudantes consigam inferir que ainda temos um cenário de desigualdade racial, e que consigam discorrer sobre tal fato.

EXERCÍCIO 2

Espera-se que os estudantes compreendam a impossibilidade da prática do racismo reverso e que consigam explorar a competência escritora.

2.1- BENVINDOS AO BRASIL COLONIAL E TAL

Sugere-se que o professor exiba o vídeo 'Ep 1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista" para toda a sala.

NAS PALAVRAS DO AUTOR

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um colega de Arte que possa aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre o Teatro Experimental do Negro.

EXERCÍCIO 3

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um colega de Sociologia para ampliar os conhecimento dos estudantes sobre o conceito de estrutura.

Espera-se que os estudantes compreendam e consigam com coesão explicar minimamente o significado do termo.

EXERCÍCIO 4

Espera-se que os estudantes consigam explanar as diferenças entre um indivíduo racista e fazermos parte de uma estrutura racista, onde o branco mesmo não sendo racista goza de privilégios.

2.2- AS NEGRAS ONDE ESTÃO...

Retome a canção do grupo Racionais MC's e solicite aos estudantes que leiam o trecho disposto.

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um(a) professor (a) de Matemática para a leitura dos gráficos.

EXERCÍCIO 5

Espera-se que os estudantes consigam elencar as palavras-chaves e organizá-las coerentemente em um mapa mental.

3- AFRODINAMICAMENTE MANTENDO NOSSA HONRA – ENSINO DE FILOSOFIA

Retome a canção do grupo Racionais MC's e solicite aos estudantes que leiam o trecho disposto.

Professor(a), aqui existe a possibilidade de interdisciplinaridade com um profissional de Direito que possa explanar aos alunos sobre leis educacionais.

AVALIAÇÃO- EXERCÍCIO 1-

Espera-se que os estudantes consigam relacionar o epistemicídio negro à própria trajetória escolar através do exercício da competência escritora.

Sugerem-se como critérios avaliativos:

Critério qualitativo	Critério quantitativo
Autoria própria	2
Selecionar informações relevantes e organizá-las de maneira coesa	3
Coerência ao tema solicitado	3
Atingir o número mínimo de linhas	1
Possuir letra legível	1

EXERCÍCIO 2

Espera-se que os estudantes consigam elaborar um relato coeso e que encontrem as vantagens pretendidas com o material.

SUGESTÃO DE DIVISÃO TEMPORAL PARA USO DESTE MATERIAL*

*Seguindo as instruções do Manual do Professor e os direcionamentos do próprio material. Assim sugere-se que as seções BIO e Conectando Saberes sejam lidas de maneira autônoma pelos (as) estudantes e que não seja dentro

do tempo da aula, mas que sempre haja um estímulo para que leiam e conheçam os materiais indicados!

MATERIAS NECESSÁRIOS: Material didático impresso, leitor de QR Code, aparelho de imagem e som, acesso à internet.

DURAÇÃO TOTAL: 14 aulas de 45 minutos.

MOMENTO 1- 90 MINUTOS

Páginas: 1 a 15

MOMENTO 2- 90 MINUTOS

Páginas: 15 a 19

MOMENTO 3- 90 MINUTOS

Páginas: 20 a 26

MOMENTO 4- 90 MINUTOS

Páginas: 27 a 35

MOMENTO 5- 90 MINUTOS

Páginas: 36 a 41

MOMENTO 6- 90 MINUTOS

Páginas: 42 a 50

MOMENTO 7- 90 MINUTOS

Páginas: 51 a 63

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDIAS Nascimento. **Dados Biográficos**. Literafro. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/462-abdias-nascimento>. Acesso em 27 jun. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

AUTORES. Obenga, Théophile. Edições Pedagogo. Disponível em: http://www.edicoespedago.pt/loja/autores_detalhe.asp?departmentid=324. Acesso em 27 jun. 2023.

BIOGRAFIA. **Acervo Sueli Carneiro**. Casa Sueli Carneiro. Disponível em: <https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/biografia>. Acesso em: 25 jun. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base – Ensino Médio**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embraixa_site_110518.pdf. Acesso em: 02 jul. 2023.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 29 jun. 2023.

Carla Akotirene. *In*: Patrícia Casé. **Casé Fala**. São Paulo, 2023. Disponível em: https://casefala.com.br/site/casting/carla_-akotirene/. Acesso em: 27 set. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 25 jun. 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020.

CRIOLA. **Agência Patrícia Galvão**. Dossiê Mulheres Negras e Justiça Reprodutiva. Brasil: Instituto Patrícia Galvão, 2021. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/dossie-mulheres-negras-e-justica-reprodutiva-criola-2020-2021/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Currículo paulista: Etapa Ensino Médio. 2020. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/CURR%C3%8DCULO-PAULISTA-etapa-Ensino-M%C3%A9dio_ISBN.pdf. Acesso em: 02 jul. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em 27 jun. 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **20 de julho de 1925 nascia Frantz Fanon**. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/20-de-julho-de-1925-nascia-frantz-fanon/>. Acesso em 27 jun. 2023.

GRADA Kilomba. *Cobogó*, 2023. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/gradakilomba>. Acesso em 27 jun. 2023.

GÊNERO E NÚMERO. **Open Box da Ciência**. CARTOGRAFIA 50+ Mulheres Protagonistas. Brasil: Gênero e Número, 2020. Disponível em: <https://www.openciencia.com.br/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

HAT-TRICK. Intérprete: Djonga. *In*: LADRÃO. Intérprete: Djonga. Brasil : Ceia, 2019. (4:19). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE.. Acesso em: 3 jul. 2023.

Hebreu Negro. **Cheikh Anta Diop derrubou o racismo científico, ao provar que o Egito antigo era uma civilização negra**. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cheikh-anta-diop-derrubou-o-racismo-cientifico-ao-provar-que-o-egito-antigo-era-uma-civilizacao-negra/?amp=1>. Acesso em 27 jun. 2023

Instituto Unibanco. Ep 1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista. YouTube, 05 de dezembro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG_XG2Lw. Acesso em 18 de jun. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **DICIONÁRIO ESCOLAR AFRO-BRASILEIRO**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

LUCIANA ARAUJO/AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Agência Patrícia Galvão**. Dossiê Femicídio. Brasil: Instituto Patrícia Galvão, 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/biblioteca/mulheres-negras-e-violencia-no-brasil/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na Filosofia Africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2019. Acesso em 25 jun. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

PNAD/IBGE. **Agência Patrícia Galvão**. Violência contra as mulheres em dados. Brasil: Instituto Patrícia Galvão, 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/apenas-2-dos-cargos-de-direcao-e-gerencia-sao-ocupados-por-mulheres-negras/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

NOGUERA, Renato. **Ensino de filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

REGINA, Cláudia. Adilbênia Freire Machado. *In*: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. **PESSOAS**. São Paulo, 8 nov. 2021. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoaa/adilbenia-freire-machado>. Acesso em: 4 jul. 2023.

OBENGA, Théophile. **Egito: história antiga da Filosofia Africana**. Tradução de Vinícius da Silva. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B9ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf. Acesso em 11 jun. 2023.

RENATO Nogueira. **Dados Biográficos**. Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/399-renato-nogueira->. Acesso em 04 jul. 2023.

SALVIA, André Luis La. RECORTE DE TEXTOS FILOSÓFICOS E O SEU ENSINO. **Pensando- Revista de Filosofia**, Piauí, v. 9, n. 18, p. 366-389, 2018. ISSN 2178-843X. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.26694/pensando.v9i18.6779.g5091>. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/6779/5091>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVIO Luiz de Almeida. FGV EAESP. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/pessoa/silvio-luiz-almeida>. Acesso em 27 jun. 2023.

TÂNIA PORTELLA. PORTAL GELEDÉS. Boletim Seta 01 – Desigualdade de gênero e raça na educação brasileira. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/boletim-seta-01-desigualdade-de-genero-e-raca-na-educacao-brasileira/#>. Acesso em: 5 jul. 2023.

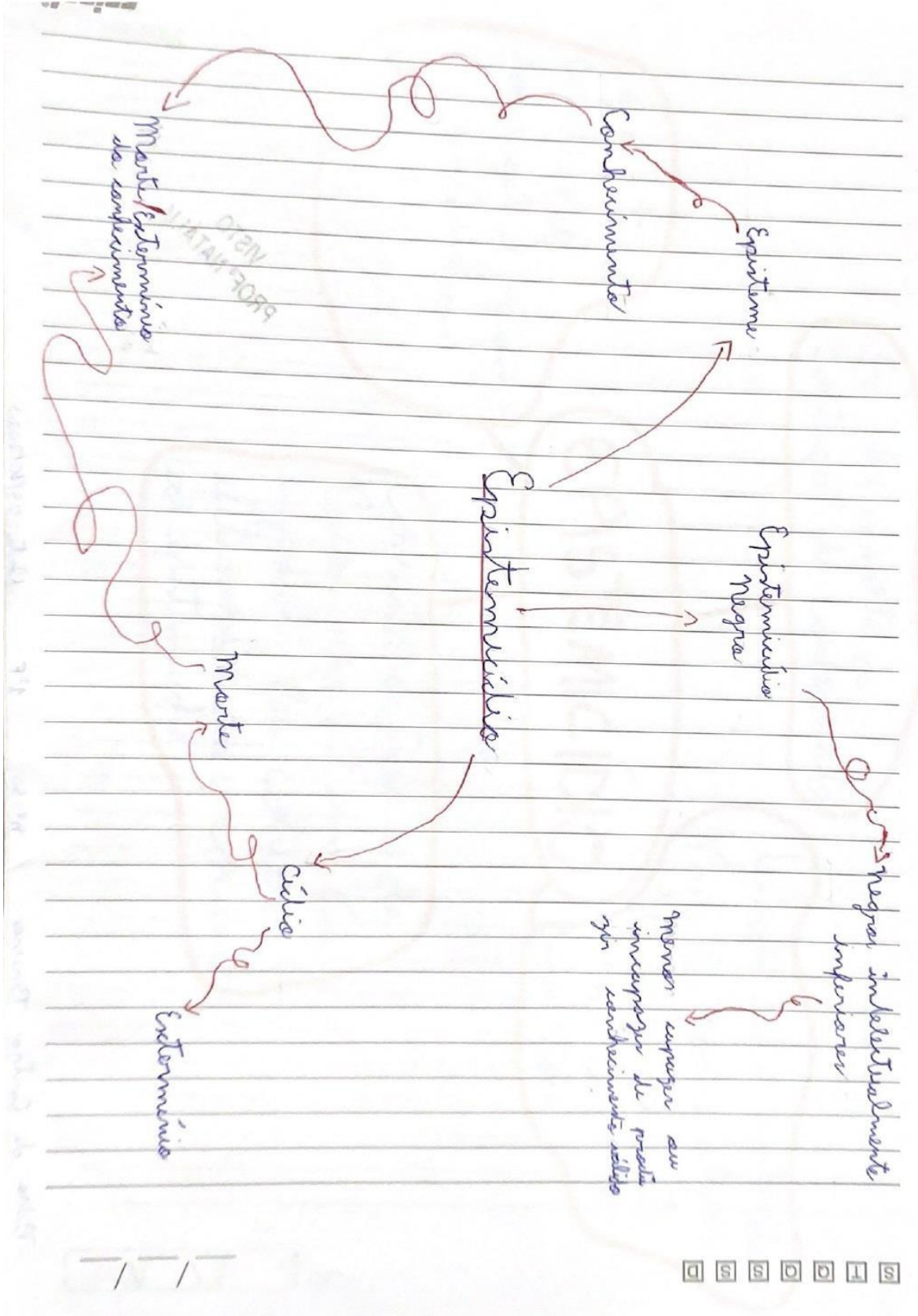
UFRRJ. **DeptES - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE/IM**. Perfil Pessoal. Nova Iguaçu: SIGAA, 2023. Adilbênia Freire Machado. Disponível em: <https://sigaa.ufrj.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=1230788>. Acesso em: 4 jul. 2023.

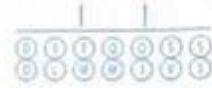
VOZ Ativa. Intérprete: Racionais mc's. Compositor: Mano Brown, Edy Rock. *In*: ESCOLHA o Seu Caminho. Intérprete: Racionais mc's. São Paulo:

Zimbabwe Records, 1992. (5:12). Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=8JPJ9P9ptvk. Acesso em: 03 jul. 2023.

WANDERSON Flor do Nascimento. Filósofos(as) Brasileiros(as). Verbetes.
Disponível em:
[http://historiadafilosofianobrasil.blogspot.com/2017/06/wanderson-flor-do-nascimento.html?m=1#:~:text=Nascido%20em%2022%20de%20julho,Universidade%20de%20Brasília%20\(UnB\)](http://historiadafilosofianobrasil.blogspot.com/2017/06/wanderson-flor-do-nascimento.html?m=1#:~:text=Nascido%20em%2022%20de%20julho,Universidade%20de%20Brasília%20(UnB)). Acesso em 03 jul. 2023.

APÊNDICE





VISTO
PROFª NATÁLIA

Mapa mental

- | | | |
|---|---|--|
| <p>• O epistemiocídio constitui-se numa parte da dispersão de racionalidade</p> | <p>• Estremus em mente de conhecimento</p> | <p>• A condição de sujeito de conhecimento nos termos realidade</p> |
| <p>• pela população negra e consequentemente gerando a ideia de que os negros seriam intelectualmente inferiores.</p> | <p>• <u>Epistemiocídio</u></p> | <p>• menos capazes ou incapazes de produzir conhecimento válido.</p> |
| <p>• O conceito de epistemiocídio permite-nos alertar essas esferas, em que sua identidade negativa atribuída ao outro, e, particularmente no que diz respeito a sua incapacidade de elevar-se.</p> | <p>• socialmente atribuídas, que o impede à própria autorrealização</p> | <p>• que referencia os termos da existência, ou a motivação, ou a condução à autonegação ou admissão e submissão às regras da cultura dominante.</p> |

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50

o Capere Epistulae Paulinae legem quae
 Symplicia continentur, & ceteris quae
 sunt quae Symplicio extrinsecus innotuerunt.

Epistemicus

O locutio de Epistemicus

Interim adhibere legem operari in
 quae a subiecto negativo ostendit quae
 quibus de si particulamque non quae legem
 negatibus a suo propositio de legem-que
 a conditio de supposito de conditio non tamen
 validioribus illis ostendit, de si in partem de
 conditio non tamen de modo de modo
 tradidit.

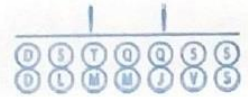
hominis Symplicio habundat mater
 in pueris, formata per hunc (hominem) +
 ceteris (Epistemicus in morte).



non tamen materialis & epistemicus

casus - si non parte de repetitio de
 Resolubilis, que si adhibere non ostendit
 de subiecto.

NISSIO
 PROF. NATALII



n = 11

(IF)

Filosofia Negra

VISTO
PROFª NATÁLIA

Tal identidade negativa impacta-o de tal modo pela internalização da imagem negativa, socialmente atribuída.

"Epistemicídio"

1º Morte do Conhecimento

2º Decodifica o funcionamento racista da sociedade

Permite-nos adentrar essas esferas, em que a identidade negativa atribuída ao Outro, no que diz respeito à sua incapacidade de elevar-se à condição de sujeito de conhecimento

3º nossa sociedade funciona na invalidando o conhecimento intelectual produzido pela população negra, gerando a ideia que os negros seriam intelectualmente inferiores.

brasileira que coloca o negro como sendo o "Outro"

S T Q Q S S D

_ / _ / _

nº

data: 09/11/2023

① O termo mito da democracia racial diz respeito a fala em sobre um país onde pessoas negras e brancas têm a oportunidade de viver de forma totalmente igualitária, no entanto, após os acontecimentos da segunda guerra mundial, algumas ~~de~~ pessoas que buscaram refúgio para este suposto "paraíso", acabaram se deparando com a verdadeira realidade do país.

② Quando é apresentada apenas uma única ~~ou~~ perspectiva racista, ainda é possível contrariá-la com argumentos e fatos, entretanto, em relação ao racismo estrutural é diversas vezes mais difícil contrariar, pois é algo que está enraizado na sociedade, tentar argumentar contra a lógica de um país inteiro significa estar contra pessoas que podem estar no governo, exalar, poderes militares ou até mesmo a pessoa que estiver ao seu lado na rua.

VISTO
PROF. NATALIA

09/11/23

IF

"Mito da democracia racial"

Eu compreendo que o "mito da democracia racial" é uma distorção desses padrões de relações raciais aqui no Brasil, estabelecido ideologicamente por um "padrão" de pessoas brancas, sem intenção ou sem intenção, para mascarar a ávida e injusta desigualdade que envolve a desigualdade racial entre os brancos e os negros.

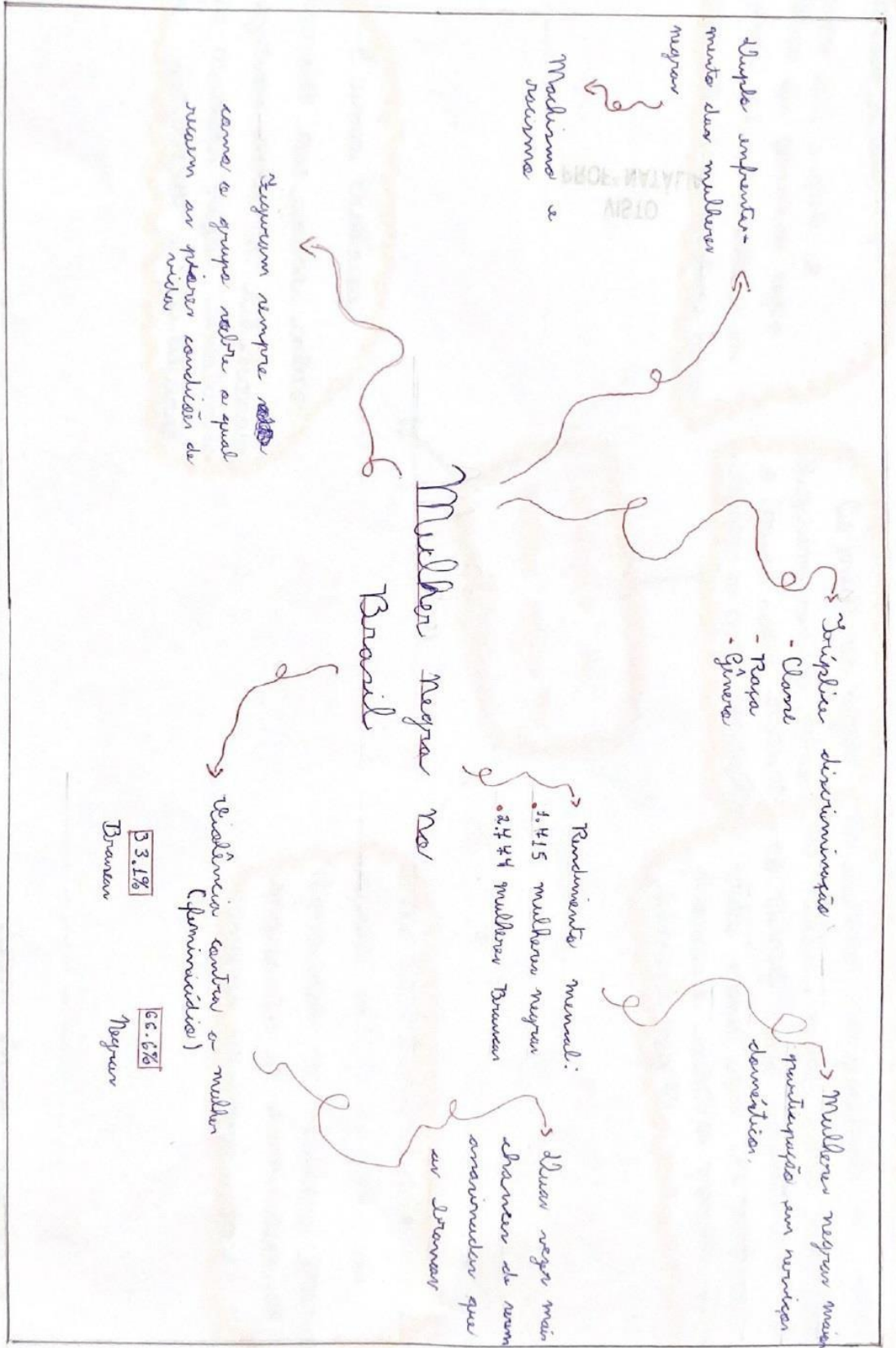
Acredito também que consigo "vigilizar" o fato de que não existe Democracia Racial no Brasil por conta da arrogância de muitos, entendi também que, os racistas guardam consigo a necessidade de não quem aceitar e pouco vale que os negros conseguiram no Brasil de hoje. É assim a Democracia Racial se torna um grande tabu mesmo a discriminação racial sendo um crime.

"Racismo estrutural"

O Racismo Estrutural é quando o preconceito e a famosa discriminação racial se juntam em um único conjunto na sociedade.

Resumindo, o racismo estrutural é um termo para destacar o fato de que sociedades bem estruturadas têm a discriminação racial em mãos apenas privilegiando algumas raças em detrimento das outras. Nos países americanos, no Brasil e nos europeus essa injúria racial favorece apenas os brancos e desfavorece os negros e indígenas. Já o Individualista justifica o seus preconceitos através da comparação entre raças e alguns povos e etnias que estão necessariamente se destacando como superiores, sendo assim uma justificativa e consolo imorales.

VISTO
PROFª NATALIA



acesso à educação entre 2011 e 2014 se fortalece para mulheres negras e foram 67% de mulheres em cursos 53% eram mulheres negras

As mulheres negras lutam sempre sem se apoiar sobre o qual recebem as piores condições

As diversas desigualdades nos quais as mulheres negras estão submetidas no Brasil como expectativa de vida menor que de mulheres brancas e salários menores que de homens negros

Condições do Brasil Mulheres Negras

É uma questão insuslta que centraliza todos negrões para a desigualdade das mulheres negras, trabalhando na objetividade e seriedade

entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,81% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram 54,2%

nome:

Nome: _____

11

Esses são os direitos da hegemonia da "brancidade" no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai todos negatiras para a subjetividade das mulheres negras.

Condição da mulher negra no Brasil

Carniero tem um papel fundamental no ativismo e produção intelectual sobre a categoria mulher negra no Brasil: triplice discriminação de classe, de raça e de gênero

negra no Brasil

A partir da análise de alguns sociais, evidencia-se que nascer homem negro, em termos de oportunidades sociais, é menos desastroso do que nascer mulher negra

as mulheres negras figuram sempre como o grupo sobre o qual recaem as piores condições de vida.

intersseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a interseccionalidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos impactos destas estruturas.